

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Na conferência de Paris prevaleceram as teses dos partidários da paz

PARIS, Dezembro — Nos comentários que o editorialista do «Monde» consagrou à conferência dos Quatro Grandes ocidentais, que esteve reunida em Paris de 19 a 21 do corrente, escreveu ele que, a res-

por ATTICUS

O nome glorioso de Gago Coutinho designa agora a Avenida do Aeroporto

Por despacho de hoje, do presidente do Município, sr. brigadeiro França Borges, depois de citados os proprietários interessados, foi determinado que seja extensiva a toda a avenida entre a Praça do Azeite e o Aeroporto da Portela de Sacavém, a designação que lhe dá o nome do glorioso sábio almirante Gago Coutinho.

Apesar do desígnio do presidente da edilidade de não retirar a nomenclatura dos arruamentos citadinos, por considerar os prejuízos que daí advêm para os munícipes, um forte motivo determinou a alteração dessa intenção, pois considerando, ponderadamente, a designação actual de Avenida do Aeroporto não tinha um significado em plano superior, embora se trate de uma artéria importante, a qual deveria estar ligada o nome de uma grande figura nacional. Na verdade o nome de Gago Coutinho, com tudo o que ele evoca em relação ao progresso e a grande epopeia da aeronáutica, com a mais alta projecção em todo o Mundo, a obra científica e a figura excepcional do grande Português, que tanto prestígio a Nação, só poderia ostentar-se numa importante artéria da capital. Independentemente da grande homenagem, de cunho nacional, devida a Gago Coutinho, esta decisão do presidente do Município representa um tributo de justiça que o «Diário de Lisboa» assinala com a maior satisfação, pois corresponde a uma aspiração de que se fez eco, representando não só o pensamento de todos os que se encontram ligados à nossa participação nos progressos da aeronáutica, como os próprios desejos da população cidadã e dos Portugueses em geral.

peito das relações Leste-Oeste que eram o problema fundamental a tratar nela, teve apenas um significado «simbólico». Nada menos exacto. Apresentar sob esta forma os seus resultados é desconhecer o alcance das decisões tomadas. A este respeito os comentários da Imprensa inglesa aproximam-se mais da verdade quando dão a entender que a conferência foi um êxito, bastando para o garantir o facto de nela se ter resolvido enviar a Kruchchev o convite para a conferência com ele em Maio do ano próximo. Geralmente parece ignorar-se que, até ao ultimo momento, houve sérias dúvidas sobre o convite, e que o projecto de realizar uma conferência dos Quatro Grandes era ainda uma aspiração quando começou a reunião de Paris, em virtude da oposição dos partidários da guerra fria no Ocidente.

Uma vitória britânica

A decisão tomada pelos Ocidentais de convidar o chefe do governo soviético para uma conferência de alto nível foi considerada pela Imprensa da Grã-Bretanha como uma vitória pessoal do primeiro-ministro MacMillan. Este, diz essa Imprensa, com a sua visita a Moscovo, em Fevereiro, abriu o caminho às negociações entre os blocos de Leste e do Ocidente. A afirmação é rigorosamente exacta. Em Paris o primeiro-ministro alcançou uma vitória completa. Para a conseguir apagou-se discretamente por detrás do presidente Eisenhower, deixando

(Continua na página seguinte)

O Chefe do Estado recebeu em Belem os cumprimentos de Ano Novo

Os presidentes do Conselho, da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa, do Supremo Tribunal de Justiça e da Câmara Municipal de Lisboa e o sr. cardeal-patriarca

Um novo ano surgiu no rodar incessante do tempo, impondo o seu início o cumprimento da tradição

apresentaram, ontem, cumprimentos ao Chefe do Estado.

O sr. almirante Américo Tomás

(Continua na página central)

Diário de Lisboa

publica hoje

32

páginas

nas quais se incluem

MAGAZINE

JUVENIL

DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Não tenha receio: a doença cancerosa tem cura pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

MUITAS são as teorias cancerígenas. Todas as semanas, todos os meses, muitas vezes em cada ano, aparece-nos uma nova teoria, mas os mais recentes trabalhos sobre o cancro, à parte a teoria do vírus, acordam na das alterações humorais e da nutrição. Volta-se novamente, após tantos anos de trabalho e de investigação, à velha noção do «temperamento

mórbido», da «diátese» e da «pre-disposição». O cancro constitui-se biologicamente e, só mais tarde, histologicamente, anatomicamente.

Há, parece averiguado, um período latente, biológico, pré-anatómico, pré-clínico ou pré-canceroso.

A enfermidade instala-se às escondidas.

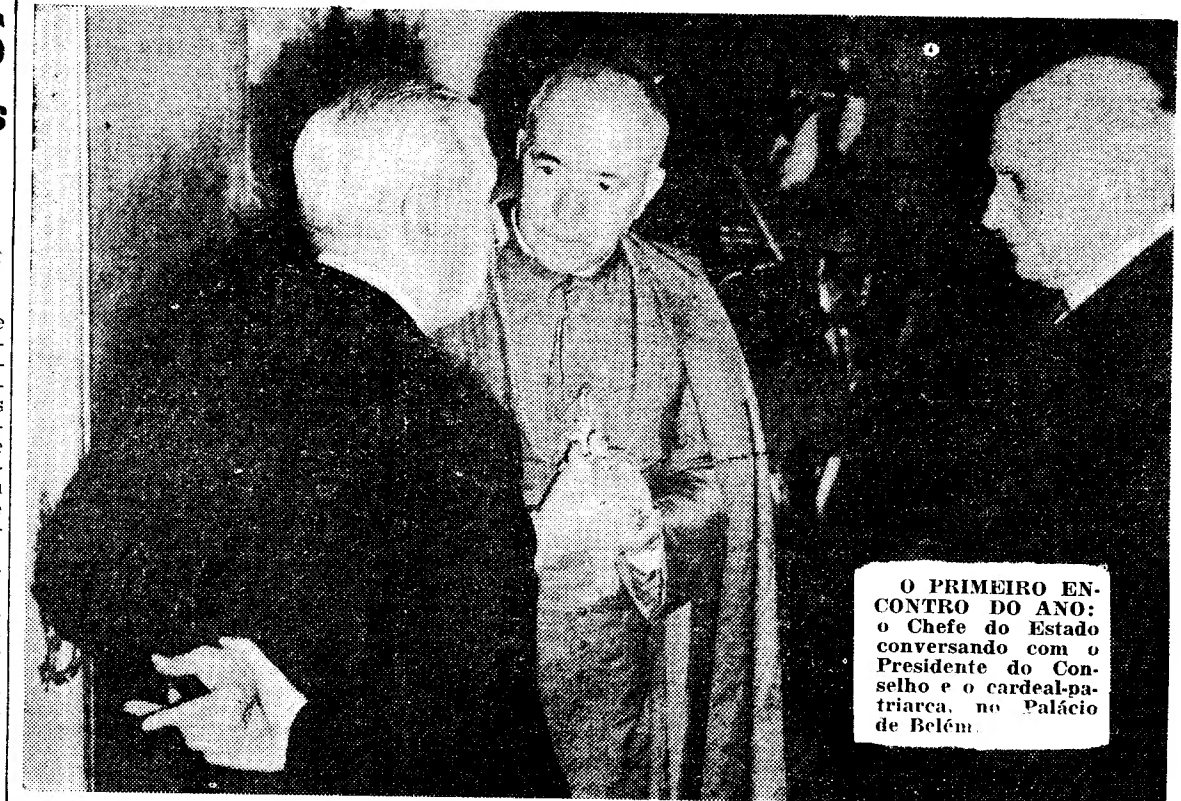
(Continua na página seguinte)

Ler na 3.ª página

2.ª TIRAGEM

Diário

OUTRA BANDA



O PRIMEIRO ENCONTRO DO ANO: o Chefe do Estado conversando com o Presidente do Conselho e o cardeal-patriarca, no Palácio de Belém.

A união de todos os Portugueses é agora mais indispensável do que nunca — advertiu o Presidente da República na sua mensagem de Ano Novo

O sr. Presidente da República dirigiu ontem, às 13 horas, através da Emissora Nacional, a tradicional mensagem de Ano Novo aos Portugueses espalhados pelo Mundo. A mesma mensagem, cujo texto a seguir publicamos, foi à noite transmitida pela Radiotelevisão Portuguesa.

nal obrigação, que é também oportunidade feliz para o Chefe do Estado, de dirigir as mais cordiais saudações a todos os Portugueses e de, conjuntamente, formular os melhores votos pelo seu bem estar, quer vivam na Europa, na África, na Ásia, na América ou na Oceania.

Não decorreu o ano que findou, mesmo no plano interno, completamente isento de preocupações, mas foi felizmente possível ao País, graças à Providência e aos seus governantes, atravessá-lo sem grandes dificuldades e continuar caminhando firme e confiadamente no sentido do seu progressivo desenvolvimento que, ano após ano, se vem acentuando. Em 1959 recebeu Portugal honrosas visitas, merecendo especial referência a que oficialmente lhe fez o imperador da Etiópia, primeira de um Chefe do Estado da mais velha nação africana e das mais velhas do Mundo, com a qual temos mantido as mais amistosas relações desde há cinco séculos. E no que pessoal e directamente me respecta, procurei estar atento a todos os acontecimentos da vida nacional e comparecer onde fosse desejável a minha presença; por isso presidi às inaugurações dos mais importantes melhoramentos concluídos durante o ano, felizmente em numero apreciável e alguns, até, em escala há poucos anos vedada às nossas possibilidades técnicas e financeiras.

Nas caminhadas através de quase todas as províncias metropolitanas, orientou-me a natural preocupação de contactar, de perto, com as populações das terras que visitei ou atravessei e de auscultar os seus anseios; não poupei esforços, procurei ser útil, e o entusiasmo e sobretudo a simpatia com que fui sempre recebido, sensibilizaram-me profundamente e mostraram, uma vez mais, como é normalmente boa e acolhedora a gente portuguesa. E mostra-

(Continua na 13.ª página)

“O Primeiro de Janeiro” e “O Século Ilustrado”

Entrou no 92.º ano da sua existência o nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro», do Porto. O ilustre director do prestigioso órgão da nossa Imprensa, sr. dr. Pinto de Azevedo Junior, e a todos os que ali trabalham apresentamos, por isso, os nossos cumprimentos. Também celebrou mais um aniversário «O Século Ilustrado», semanário gráfico de brilhantes tradições, a cujo ilustre director, sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa, bem como a todos os seus colaboradores, endereçamos as nossas felicitações.

VIDA ECONÓMICA

Um acto de coragem nacional

Portugal acaba de sancionar oficialmente a sua integração definitiva na Associação Europeia de Comércio Livre. Mesmo levando em conta as especiais e relevantes salvaguardas que a nossa representação nas negociações de Estocolmo

conseguiu obter o menos que pode dizer-se deste acto político-económico transcendente é que constitui uma corajosa decisão. Nunca será demasiado insistir na necessidade,

(Continua na 11.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Diz o médico...

(Continuação da página anterior)

didas, lentamente. Poder-se-ia afirmar que o cancro não começa, aparece-nos já, localmente, num estado adiantado de evolução.

Vêm de longe as alterações orgânicas ou psíquicas, as causas determinantes em certo período da vida do indivíduo. A lesão aparente é sempre tardia. Devem considerar-se duas fases nítidas na trágica evolução do cancro: a humoral, biológica ou pré-cancerosa e a clínica ou anatómica.

Escusado é referir que a profilaxia do cancro pertence à primeira fase. É ela que mais deve interessar o doente e o pesquisador consciente, o médico ou o centro especializado, destinado este a combater a enfermidade na sua fase pré-anatómica.

As chamadas «casas de cancerosos», as «famílias de cancerosos», o cancro dos dois «cônjuges» parecem, à primeira vista, apoiar a teoria do vírus.

A experiência de todos os dias e as estatísticas publicadas pelos centros de investigação aconselham-nos a não aceitar, porém, a peregrina noção da contagiosidade. Esta doença, assim o confirmam os mais recentes trabalhos da especialidade, tem uma origem interna, orgânica, endógena.

Deve-se — sempre que se ponha em equação o problema do terreno — insistir na modificação do mesmo, sobretudo entre os quarenta e cinquenta anos. Aos sessenta anos, a chamada higiene anticancerosa é quase impossível.

O cancro não é hereditário: para determinados investigadores, só a predisposição se transmite. Seria, porém, mais fácil e compreensível concluir: a lesão não é hereditária. Caímos, ao fazer tal afirmação, numa clivagem que é mister reter: o mal e o terreno em que a lesão se desenvolve e alastra. A predisposição não é fatal: a profilaxia tem por meta modificar ou combater, com método e eficácia, essa predisposição.

As alterações da nutrição desempenham um papel importante: a ruptura do equilíbrio entre as duas reacções fundamentais da célula — respiração e fermentação; as alterações do metabolismo dos açúcares; a existência de maior ou menor quantidade de colesterol (Windaus, Prémio Nobel de Medicina, 1928, descobriu a fórmula do colesterol); a alaclose e o artrismo.

As «causas ocasionais» podem, sem dúvida, originar a formação do cancro. Citemos, entre outras, as inflamações e as irritações repetidas ou crónicas: o álcool, o tabaco, ulcerações indolores e arrastadas, as cistítes, certos parasitas já identificados, a tuberculose e a sífilis, in-

Eng. Quirino da Fonseca

Após quatro unânimes reeleições, para o alto lugar de presidente da União Internacional do Seguro Marítimo — importante organização da qual fazem parte 44 associações, representando 32 países de todo o Mundo, incluindo os da «Cortina de Ferro» — manifestou a sua impossibilidade de continuar a desempenhar tais funções o engenheiro Henrique Quirino da Fonseca, que, pela sua extrema competência, aliada à autoridade e à diplomacia — conforme acentuou o «Journal de la marine marchande», se prestou extraordinariamente, honrando também o nosso País. Muitas e categorizadas entidades e importantes jornais — como «The Times» — e revistas da especialidade numerosas vezes se referiram, nos termos mais calorosos, à sua notabilíssima acção que permitiu à União, durante estes cinco anos da sua presidência, obter um progresso recentemente posto em relevo pelo sr. A. C. Grover, presidente do «Lloyds».

Técnico de grande valor, em economia e finanças, na indústria de seguros nacional e noutras actividades industriais o engenheiro Quirino da Fonseca foi agora eleito, pela assembleia geral da Sorefame (Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas), presidente do conselho de administração daquela importantíssima empresa, lugar em que, certamente, continuará a desenvolver a obra iniciada pelo falecido engenheiro Angelo Fortes, o grande obreiro do notável empreendimento, de quem foi amigo dedicado.

tensos traumatismos físicos e morais, acentuados estados de depressão, desequilíbrios vagos e simpáticos; dermatites, diarreias não específicas e depressões. Admite-se hoje em dia que os traumatismos psíquicos, modificando as condições do terreno, podem originar e têm, em grande escala, originado, cancros.

Devem-se prevenir e tratar todos os desequilíbrios alimentares, as insuficiências hepatobiliares e pancreáticas; eliminar todos os factores conhecidos de intoxicação; prevenir ou reduzir a alcalose; suprimir as causas de irritação; não estimular e excitar em demasia a vitalidade celular, cuja resistência se pode medir; tratar convenientemente os desequilíbrios psíquicos e afastar quanto possível — e se é possível — todas ou quase todas as alterações emotivas, reduzir ao mínimo os destemperos da sensibilidade.

A higiene alimentar, a higiene da vida quotidiana, anulação ou neutralização dos sentimentos negativos (pessimismo, indecisão, ódio, ciúme, cólera, etc.), têm importância decisiva no sistemático combate ao aparecimento do cancro clínico ou anatómico.

Ninguém possui até hoje (Dezembro, 1959) o medicamento específico contra o cancro. Ninguém. A luta contra o curandeiro, o mezinheiro e a publicidade desonesta é tão importante como a luta contra o próprio cancro. «Sonhos de uma noite de Outono» não prolongam a vida ou curam o cancro, desorientam maliciosamente os pobres enfermos!

Perder tempo é perder, na maioria dos casos, a total possibilidade de cura e tratamento. O doente é, na quase totalidade dos casos, infeliz, o grande e temível aliado da sua própria enfermidade.

Se o doente não esperar, se tiver coragem de não se iludir a si próprio, a coragem de enfrentar, sem muletas alheias, o seu problema, tem todas as probabilidades de se salvar.

Quais são os principais sintomas da doença cancerosa? Emagrecimento, crescente perda de forças, diminuição sensível de apetite, perda de sangue ou hemorragias repetidas, aparecimento de um tumor, ou espessamento indolor, presença de uma úlcera persistente na língua ou nos lábios, existência de uma pseudo-verruca que se desenvolve ou aumenta todos os dias e não nos incomoda ou preocupa.

Nem todos os sintomas enumerados a correr, sem descer a erudições baratas e provincianas, significam ou atestam a existência de um cancro, mas o aparecimento de um deles com marcada insistência, deve conduzir imediatamente o doente ao médico ou a um Centro especializado.

O tratamento precoce do cancro — eis a chave do problema! Estabelecido o diagnóstico, torna-se necessário não perder tempo.

Nunca é demais insistir: a cirurgia, a radioterapia e o rádio, os isótopos e a bomba de cobalto são os únicos tratamentos eficazes conhecidos até hoje (L. Eckmann, «Le diagnostic de cancer à la consultation de l'omnipraticien», Basileia, 1959).

A modificação do terreno deve seguir de perto o tratamento local ou curativo.

Que é o cancro? — perguntaram um dia a um célebre cirurgião francês, que a morte arrebatou há poucos meses.

A resposta dada é ainda actual: actual porque é a mesma, apesar de tudo quanto se tem feito.

«Uma proliferação celular anárquica e com acentuadas características invasoras».

O cancro não é uma enfermidade local: é uma doença espontânea e geral. Desenvolve-se, na maioria das vezes, num terreno predestinado para o receber.

Existe um terreno pré-canceroso. Existe uma diátese cancerosa. Existe uma predisposição para o cancro.

O cancro, quando diagnosticado a tempo, não é uma enfermidade necessariamente fatal.

Um conselho para 1960: condicione a sua maneira de viver, evite o sinal de alarme. Reduza ao mínimo tudo o que o emocione ou perturbe a sua vida quotidiana. Tudo... e os vícios também.

A. d'E.

O grave problema das demoras de encomendas e correio aéreo para os Açores

O serviço de remessa de encomendas postais do Continente para os Açores, através dos C. T. T., e sua distribuição pela estação de Angra do Heroísmo são feitos com tal morosidade que os destinatários chegam a recebê-las com atrasos de um, dois e três meses. Tal anomalia causa graves prejuízos, pois algumas remessas são constituídas por mercadorias que já não chegam a tempo de entrar no mercado, por passar a época própria para o seu comércio. Isto que se passa com as encomendas postais expedidas por via marítima, verifica-se, também, com as que são despachadas por via aérea (hoje muitas e com portes caros), e ainda, frequentemente, com a correspondência via aérea. O facto torna-se mais grave por afectar, igualmente, o comércio nas suas possibilidades de fndos, por dificuldades nas liquidações em prazos fixos.

Relativamente às encomendas postais, aponta-se o seguinte caso inédito e incompreensível.

No «Lima», que saiu de Lisboa, em 26 de Novembro findo, foram para a ilha Terceira mais de 1.000 sacos com encomendas postais (que já há muito lá deviam ter chegado), contendo mercadorias de toda a espécie, para o comércio local, grande parte das quais destinada à época do Natal. Além disso, no «Lima» seguiram, também, alguns sacos com encomendas postais, das que foram salvas do incêndio do «Monte Brasil». Pois, os C. T. T., contra tudo o que era de esperar, mandaram suspender — alegando falta de verba — os funcionários que habitualmente faziam, na Estação local, o serviço de abertura dos sacos com encomendas postais, ficando, por tal facto, tudo parado, por falta de pessoal, com os graves prejuízos que facilmente se imagina.

Sobre estes casos, tão lamentáveis como surpreendentes, chegam-nos vários testemunhos, bem como a informação de terem sido feitas diversas e sucessivas reclamações, com largo eco na Imprensa Açoriana, sem que hajam sido atendidas, até agora.

Parece-nos que se justifica a rápida intervenção das entidades competentes para a solução de tão grave problema, que afecta interesses económicos e morais da maior amplitude.

A conferência de Paris

(Continuação da pág. anterior)

que este desempenhasse na reunião o principal papel. Fê-lo intencionalmente, sabendo que o presidente defendia os seus pontos de vista e que estes assim tinham mais probabilidades de serem aceites pelo general de Gaulle e pelo chanceler Adenauer, ambos dispostos a combatê-los se fosse ele a apresentá-los.

Para medir, exactamente, a extensão da vitória diplomática do primeiro ministro basta dizer que, além de conseguir que fosse enviado o convite a Kruchchev e marcada uma data para a realização da Conferência dos Quatro, ele ainda assegurou a continuidade do diálogo com os Russos com a fórmula das reuniões em série, independentemente dos resultados da primeira. Nesse ponto, a parte essencial do comunicado de Paris, além da fixação da data da próxima conferência com Kruchchev, é aquela em que o referido documento se refere à realização das conferências em série.

O grande argumento do chanceler alemão contra a conferência de alto nível com os Russos foi sempre o da necessidade de a preparar demorada e cuidadosamente, de forma a evitar que o seu malogro tivesse como resultado agravar, em vez de melhorar, a situação internacional. Para ele e para os que pensam como ele, a conferência com os Russos devia ser a conferência da última probabilidade, na qual tudo se jogaria e da qual tudo dependeria. Se a conferência se malograsse, nada mais haveria a fazer. O argumento perdeu agora qualquer valor. Com a decisão tomada na reunião de Paris, de convidar os Russos, não para uma, mas para uma série de conferências de alto nível. A primeira, que deve reunir-se em meados de Maio próximo, será uma da série, pouco importando que dela se tirem resultados decisivos, pois o diálogo prosseguirá.

Negociações sem condições

Mas isto ainda não foi tudo. O primeiro ministro alargou o âmbito da sua vitória em Paris, reforçando as probabilidades de êxito da próxima conferência de alto nível com os Russos. Um dos esboços em que esta devia soborbar, previsto mesmo antes da sua rea-

lização, era a fixação da ordem do dia. O chanceler Aghenauer entendia que os Ocidentais deviam apresentar aos Russos uma agenda de trabalhos à cabeça da qual figuraria a questão do desarmamento, não devendo ser tratada a questão de Berlim e da reunificação alemã, a não ser que a primeira fosse resolvida satisfatoriamente.

Ora a questão do desarmamento é a mais espinhosa que se apresenta na vida internacional e a sua solução exigirá muito tempo e trabalho. Os outros chefes do Governo ocidentais não sancionaram esse ponto de vista e mais uma vez prevaleceu a opinião do primeiro-ministro britânico. Aos Russos não será apresentada qualquer agenda como condição para a conferência com eles, mas será a conferência que decidirá quais os assuntos a tratar e resolver. Nada indica que a questão de Berlim e da reunificação alemã não seja a primeira a ser tratada, resolvendo-se que o desarmamento seja relegado para a Comissão dos Dez que em Março iniciará os seus trabalhos.

Negociações positivas

O primeiro-ministro, colocando-se por detrás do presidente Eisenhower, ainda alcançou outro êxito ao evitar que os ocidentais adoptassem uma posição rígida sobre os assuntos a debater com Kruchchev. O chanceler alemão entendia que o Ocidente devia mostrar-se firme e não fazer quaisquer concessões aos Russos. No caso de Berlim defendia a tese de que os ocidentais deviam negociar a partir da sua posição anterior a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros que se reuniu durante o Verão em Genebra, o que equivalia a recusar agora as concessões feitas nessa altura e que o ministro soviético Gromiko não julgou suficientes.

Segundo o chanceler alemão, as nações ocidentais deviam fazer marcha atrás e regressar à fórmula do «embrulho», segundo a qual era em conjunto que deviam discutir-se as divergências com os Russos e não separadamente. Esta fórmula fora já oficialmente posta de parte como inexecutável o que não impediu que o chefe do Governo alemão tentasse voltar a ela. O comunicado da reunião de Paris mostra, claramente, que esta questão ficou em aberto pois nele se não indicam limites para negociar com os Russos o que quer dizer que ainda nesse ponto a tese do chanceler não foi sancionada pelos outros chefes de Governo ocidentais.

Tudo leva a crer que as negociações com os Russos serão entabuladas partindo do ponto em que ficaram as de Genebra, no Verão, o que está na lógica dos acontecimentos, pois quaisquer outras não teriam sentido depois do que se passou posteriormente, a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros de Genebra. A batalha que devia preparar a da conferência de alto nível com os Russos, em Maio, foi ganha em Paris pelos partidários do desanuviamento internacional. O principal artifice dessa vitória foi o primeiro-ministro Mac Millan, o vencido foi o chanceler alemão. Tudo o que ali se decidiu contraria os seus desejos e os objectivos da sua política. A conferência de alto nível com os Russos realizar-se-á: O problema da reunificação alemã e de Berlim será debatido nela e ocupará um lugar de relevo senão mesmo o primeiro lugar. Os trabalhos decorrerão no quadro desenhado no encontro de Camp David.

ATTICUS

Rotary Clube de Lisboa

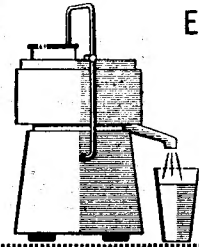
A reunião do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, na próxima terça-feira, 5, às 13 horas, funcionará como assembleia geral, com a seguinte ordem do dia: preparação da visita oficial do governador do distrito rotário português, sr. Augusto Serras, marcada para o próximo dia 12; balanço da actividade do clube no segundo semestre de 1959; perspectivas de acção para este semestre; apreciação e votação de uma proposta da direcção relativa ao processo de eleição dos membros dos corpos directivos.

PORTO DE LISBOA

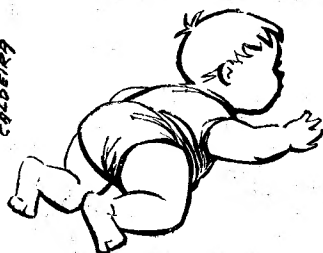
Foi alterada para 1 de Janeiro de 1961 a data fixada para o início do reembolso ao Estado, pela Administração-Geral do Porto de Lisboa, do empréstimo referido no decreto-lei n.º 35 716; e foi adiado para 1962 o início da amortização do empréstimo e da contagem de juros do empréstimo concedido, pelo Fundo de Seguros, àquela Administração-Geral.

MULTIPRESS BRAUN

O MELHOR EXTRACTOR DE SUMOS



CRIANÇAS
ADULTOS,
CONVALESCENTES,
PESSOAS DE IDADE,
TODOS
PODEM BENEFICIAR
DAS VANTAGENS
DOS
SUMOS NATURAIS DE FRUTOS



MULTIPRESS
À VENDA NAS BOAS CASAS

REPRESENTANTES

RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.

RUA PASCOAL DE MELO, 127 - I.º - TELÉF. 55693-55564

A vida de Lisboa, com as suas turbilhonantes actividades, os núcleos geradores das suas energias, os departamentos oficiais, as redes das grandes empresas, concentrou-se no centro do burgo no aglomerado da Baixa e na parte ribeirinha, onde se enraizaram as suas tradições e se mantêm, de certo modo, apesar do surto inovador, os aspectos característicos da velha cidade. Contudo, esse surto de progresso transformou a capital, ou antes, a engrandeceu e ampliou, pois a cidade, galgando os seus limites tradicionais, esbracejando para além dos muros que a cingiam ao passado, alastrou pelos arrabaldes, ali se implantando uma nova Lisboa, moderna, trepidante, mais alegre e imponente — verdadeiramente europeia.

Na Outra Banda, todo esse aglomerado populoso, activo, fabril, que borda o Tejo, desde o Barreiro até à Trafaria, também se transformou; e, propriamente na zona fronteiriça à cidade, outra cidade moderna surgiu, com o principal fulcro de actividades localizadas a partir de Cacilhas e com o seu ponto de irradiação na vila de Almada, hoje uma verdadeira cidade, onde se concentram actividades próprias e outras tributárias da capital que ali ficaram milhares de pessoas — pois esse aglomerado moderno, progressivo, estuante de vida, é o prolongamento natural de Lisboa, com largas perspectivas futuras, outra nova cidade, que a projectada ponte sobre o Tejo e a ampliação da rede de comunicações garantem um progressivo desenvolvimento e uma valorização que se reflecte em todos os aspectos da vida nacional.

Essa nova cidade tem hoje vida própria, aspectos e problemas correlativos a um grande aglomerado urbano; e o «Diário de Lisboa», com a sua larga expansão, a sua influência, sempre atento aos interesses colectivos, não podia ficar indiferente a essa onda de progresso que se reflecte na Outra Banda e especialmente na nova cidade que ali cresce e se desenvolve. Por isso lhe dedicará cuidada atenção, que incidirá sobre os seus problemas, as suas aspirações, os seus anseios, através do noticiário e da reportagem viva, palpante de flagrante actualidade.

DÃO-SE 300\$00
A quem indicar paradeiro Cadelina pequena castanha, raça baset, nome Geraldina, fugida ontem Avenida República, 25, 1.º.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA NO
«TERRAÇO DAS ESTRELAS»
LAURA MELLE
CANÇONETISTA FRANCESA
MAITE GALAN
CASTIÇA BAILARINA ESPANHOLA
FERNANDO MONTENEGRO
CANTOS DO FOLCLORE SUL-AMERICANO
(Maiores 17 anos)
AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo 25\$00

Albano Garcez, L.da
fundada em 1910
Armazenistas de drogas, tintas, produtos químicos e grande variedade em insecticidas «ANALISTE C.E.Z.A.L», continua a receber as prezadas ordens dos seus dedicados clientes
Rua do Comércio, 12 e 14
Telefone 26498, LISBOA

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
SIMPLES OU COM SODA

OUTRA BANDA

Arriscou a vida para salvar um marítimo espanhol



RODRIGO MENDES

Vinha rompendo o primeiro dia do ano e, como acontecia há dias, o Tejo mantinha-se envolto em denso nevoeiro, pelo que a navegação no rio se fazia com todas as precauções. Entretanto, vinha subindo o rio o paquete espanhol «Cabo de San Roque», para ir atracar ao cais da Estação Marítima da Rocha de Conde de Obidos. A terraçoa tornara-se mais compacta, ouvindo-se os silvos estridentes e alertadores das «sereias». De súbito, por volta das 8 horas defronte de Belém, ecoaram apitos repetidos de dois navios em apuros. Dera-se uma colisão, que, a todo o custo, o comandante do paquete espanhol procurava evitar, ordenando a paragem das máquinas, ao mesmo tempo que o mestre do outro barco, o «Ribatejense» manobrava para evitar o abaloamento, o que não foi possível. O «ferry-boat» «raspava» o costado do «Cabo de San Roque», arrancando-lhe a escada metálica do portão.

Estabeleceu-se panico entre os passageiros dos dois barcos, ouvindo-se a bordo do navio espanhol aflitivos gritos de homem ao mar! Cairam ao rio o carpinteiro Enrique Requero Renteria.

Agil e decidido, logo um dos passageiros do «Ribatejense», correndo graves perigos, se lançou á água para salvar o Espanhol. A ansiedade aumentou pois os dois homens deixaram de ser avistados no meio do nevoeiro.

Falámos hoje com esse homem abnegado que arriscou a vida para salvar a do semelhante desconhecido: o motorista Rodrigo Salgado Mendes, residente na Estrada da Banática, Pátio do Roberto (Porto Brandão).

Encontrámo-lo, na Agência Marítima Transatlântica, esta manhã, ainda não refeito do esforço despendido. Vi tudo — começou por nos dizer —. Ouvi gritar e lancei-me á

água. Nadei durante alguns metros e perdi de vista os dois navios. Momentos depois, encontrei o tripulante espanhol e enfiei-lhe a bóia que, do «Ribatejense», me haviam lançado. Nadei e, entretanto, descobri, de novo, o «ferry-boat», que manobrava á nossa procura!

Proseguiu, com o ar modesto dos heróis obscuros:

—Estava já exausto, tanto mais que me sentia enregelado e estava completamente vestido e calçado. Dois outros passageiros do «Ribatejense» auxiliaram-me, então, pois mergulharam e, com o seu auxílio, foi possível izar o espanhol para bordo. A nosso lado surgiu, depois, um «gasolina» da «Shell» que o conduziu para o pontão de Belém, onde foi desembarcado, dali seguindo para o Hospital de São José. Lá o fui encontrar, mais tarde, em estado grave, e recebi, também, tratamento.

E teve este comentário, em voz triste:

—Coitado do homem! Estava em dia azizo, pois ainda foi vítima de um outro desastre. Sei ainda que o «Táxi» que o conduziu para o hospital chocou, na Avenida 24 de Julho, com uma árvore, embora sem consequências de maior, pelo que teve de ser transferido para outro automóvel.

O Rodrigo Mendes ficou com o fato e os sapatos completamente inutilizados, assim como quase toda a sua documentação. O casaco desapareceu-lhe, arrastado pela corrente.

—Olhe eu sei nadar alguma coisa! — disse-nos, já á despedida —. Bastantes vezes pensei que, um dia, me podia ver metido num caso destes. E pensava que decisão tomaria, embora me sentisse recoso comigo mesmo. Afinal, fui impellido como uma mola para a água. Não podia deixar morrer um ser humano como eu. «Fiz por ele o que faria pelos três filhos que lá tenho em casa».

E lá foi, modesto e simples, com o júbilo na consciência por haver procedido como um homem fraterno e dedicado ao semelhante, para o cais de Alcantara, onde o camião que conduzia estava a carregar.

Aos sinais de socorro dirigiram-se para junto dos dois barcos, além do «gasolina» da «Shell» outras embarcações. O «Ribatejense», que sofreu algumas avarias prosseguiu nas carreiras entre as duas margens, embora com a proa um tanto amachucada. O «Cabo de San Roque» prosseguiu, ontem mesmo na viagem, rumo á América do Sul. Entretanto, no banco do Hospital de São José continua internado o tripulante espanhol, que ao ser arrastado na quela, sofreu ferimentos na cabeça.

Os prejuizos resultantes da colisão não são de monta. Uma bicicleta de um dos passageiros do «ferry-boat» ficou amachucada.



Ano Novo! Nova Esperança!

Que a humanidade encontre neste novo ano o caminho da verdade; e que, num mutuo e leal entendimento, possa obter a satisfação das suas justas necessidades, gozando uma nova era de paz... é o que sinceramente, deseja A MARIAZINHA — Casa de Cafés — que sauda todos os seus dedicados clientes e amigos R. Barros Queiroz, 28 — Lisboa-2 Av. Rio de Janeiro, 26-B (Frente á Igreja) — Lisboa-5



O Largo da Renovação, o centro da nova Almada

O problema do trânsito entre Almada e a Costa da Caparica

O aumento extraordinário, sempre crescente, do trânsito na estrada de Almada á Costa da Caparica, que, na época de Verão, se reveste de uma acuidade premente, criou uma série de problemas que requerem a máxima atenção para as soluções inadiáveis. Há anos, quando Almada começava a entrar no período de intenso progresso que trouxe as notáveis transformações hoje patentes em todo o importante concelho, foi aberta, a artéria agora designada por Avenida D. Nuno Alvares Pereira, a qual se dizia ser o início da futura auto-estrada para a Caparica. Não foi, contudo, além da vila de Almada, onde se ergueu uma vedação com ripas de madeira. Nesse trajecto, aberto ao trânsito intenso, só por milagre, por assim dizer, não se têm registado mais desastres, pois ali existem verdadeiras «ratoeiras» que podem levar ao acidente os motoristas mais moderados.

Foi, porém, escolhido, pouco depois, com agrado geral, novo traçado para aquela via de comunicações, a partir da Cova da Piedade, cuja construção urgente se impõe para satisfazer as necessidades presentes, pois o trânsito não pode continuar a ser feito apenas por

aquela perigosa e estreita estrada que, além de não dar o escoamento do trânsito com a facilidade desejada, é também um tormento para todos os que necessitam de a utilizar.

Basta referirmos, para se aquilatar da amplitude do problema, que, no Verão, há muitos dias em que, num percurso de 10 quilómetros, transitam para cima de 50 camiónetas de passageiros!

E' este, realmente, um problema que urge rápida e ponderada solução.

Novos dirigentes dos Bombeiros Voluntários

Foram eleitos os novos corpos gerentes da benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Almada, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — Srs. João Luís da Cruz, presidente; dr. Herculanio Pires, Damásio Mendes Esteves e Fernando Canas Pereira.

Direcção — Srs. dr. Mário Pires Bento, presidente; Romeu Martins, Feliciano Baptista, Celestino Augusto Casaca, Alfredo Guerreiro Antunes, primeiro comandante José Brás, segundo comandante Julio José Ferraz, António Coelho dos Santos, Mário dos Santos Cartaxo e João Guerreiro Neto.

Conselho fiscal — Srs. António de Moura e Silva, presidente; capitão Luís Nunes Carvalho da Silva e Francisco de Almeida Valente.

A CIDADE

Pelos hospitais

MORTE SUBITA — Acometido de doença subita, faleceu na sua residência, Rua D. Luís de Noronha, 24, a servil Maria Joaquina Pereira, de 50 anos, cujo cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

INTOXICADOS COM DOCE — Receberam tratamento no Hospital de São José, o sr. Custódio Rodrigues Portinha, de 64 anos, comerciante; sua esposa, sr.ª D. Rosália Marques Portinha, de 54, e a filha D. Maria Helena Marques Portinha, de 35 anos, residente na Rua da Metade, 22, 2.º, que se sentiram indispostos, apresentando sintomas de intoxicação alimentar, após terem comido lampreia doce. As duas senhoras ficaram internadas naquele hospital.

QUEDA DESASTROSA — Recolheu ao mesmo hospital, Benta Carrasco Mendes, de 9 anos, de Santo Aleixo (Moura), que ali caiu de um burro e ficou muito contusa.

ALVEJADO A TIRO — Deu entrada no referido hospital, António Silva, de 43 anos, rameiro, de Sarilhos Pequenos (Moita), que ali durante uma desordem, foi alvejado com um tiro de espingarda numaperna.

Quem achou?

No passado dia 31, cerca das 19 horas, num táxi, desde a Praça Fi-

lipes da Mata á Rua Rodrigues Sampaio, 182, perdeu-se uma pasta de plástico, contendo um passaporte e documentação pertencente a David Duarte da Camara Lumelino. Perese, a quem o achou, o favor de informar para os telefones 638533 ou 23266.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados em Lisboa e entregues ontem na P. S. P. (Governo Civil): duas notas do Banco de Portugal, uma echarpe, uma pasta de cabedal, rodas e uma moleta para viatura automóvel, cadernetas militares de Armando de Oliveira e Domingos Augusto, cédula pessoal, de Mário João da Silva Barbosa, bilhetes de identidade de Serafim da Costa Rocha e de António de Ascensão Verguinha, uma carta dirigida a António Ferro Velho Baldaíão, um saco de plástico, contendo artigos para senhora, óculos graduados, uma prega-deira confeccionada com uma moeda antiga; uma carteira, com cartão em nome de João de Jesus Andrade, uma pasta com loiça e outros artigos, um casaco próprio para criança, um chapéu de chuva para homem, dois pares e uma luva, dois lenços de seda, para cabeça, de senhora, uma boina á espanhola, um sapato e uma bota de criança, dois porta-moedas, uma mala de senhora, com dinheiro, uma argola com chaves e outras desirmanadas.

Clínica Dentária Santa Joana
RUA BRAAMCAMP 88 1.º ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇAO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESAO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS
DIAS UTEIS — das 9 á Meia-noite
DOMINGOS — das 9 á 1 da Tarde

Hoje e amanhã! no VARIEDADES

HOJE
Em 2 Sessões Às 20.30 e 22.45

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES DA GRANDE REVISTA POPULAR DO ANO **ISTO É DELAS**

com
HERMINIA — COSTINHA
COLÉ — LILIAN e NURIA
A FRENTE DUM ELENCO
COLOSSAL

AMANHÃ
DOMINGO
Às 16 HORAS
ULTIMO
ESPECTÁCULO
A TARDE!
Espect. p. Ad.
Ad. M/17 anos



Costinha
no «Fado
censurado»

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — As 21 e 30 — «Diálogos das Carmelitas».
MARIA VITORIA — As 20 e 30 e 22 e 45 — «Tudo na Lua».
VARIEDADES — As 20 e 30 e 22 e 45 — «Isto é Delas».
ABC — As 20 e 30 e 22 e 45 — «Delírio em Lisboa».
MONUMENTAL — As 21 e 45 — «O Santo e a porca».
AVENIDA — As 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
TRINDADE — As 21 e 45 — «12 homens fechados».
CAPITÓLIO — As 21 e 45 — «Moral em concordata».
COLISEU — As 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «Lua de mel».
S. LUÍS — «O corsário Lafitte».
S. JORGE — «Passagem para Hong-Kong».
IMPERIO — «Quase nos teus braços».
EDEN — «A Miuda».
POLITEAMA — «Rio bravo».
MONUMENTAL — «A bela adormecida».
ALVALADE — «O corsário Lafitte».
CONDES — «O maior circo do Mundo».
ROMA — «Europa de noite».
AVIS — «A bailarina e o bom Deus».
RETELO — «Romance em Capri».
JARDIM — «Sublime tentação».
IDEAL — «O caso das meias assassinas».
PROMOTORA — «O adeus às armas»

No Teatro Monumental

Gentilmente cedido pela
Empresa Proprietária e
por VASCO MORGADO
e LAURA ALVES

Segunda-feira às 16 horas
Para adultos maiores
de 17 anos

UM ESPECTACULO EM BENEFICIO DO LAR DA CRIANÇA SURDA

I PARTE

Brunilde Judice
na interpretação de uma
peça de Alice Ogando
«O TERROR»

Os Rapazes do Ritmo Manos Alexandres

Orquestra Privativa do Tá-
gide, com o animador Mar-
tin, gentilmente cedida pe-
lo TAGIDE e

BIBI FERREIRA

II PARTE

ERICO BRAGA

recitará versos de Cardoso
dos Santos e ainda a cola-
boração de

BERTA LORAN

COLÉ

LILIAN FERNANDES
JOÃO VILLARET
ARTUR ACOSTINHO

e a colaboração especial,
do expoente máximo da
Canção Nacional

MAIRIA TERESA DE NORONHA

acompanhada por Raul Ne-
ry. Bilhetes aos preços nor-
mais de teatro encontra-
ndo-se à venda nas bilhetei-
ras. ERICO BRAGA diri-
rá o espectáculo

SAO LUIZ

TEM A HONRA DE ANUNCIAR

de colaboração com ERICO BRAGA e PRODUCTIONS
THEATRALES GEORGES HERBERT

O maior acontecimento teatral da temporada **FESTIVAL DE TEATRO PARISIENSE**

COM ALGUMAS DAS MAIORES VEJETAS DA CENA EUROPEIA
PIERRE BRASSEUR • EDWIGE FEUILLÈRE • PIERRE
BLANCHAR • DANIELE DELORME • JACQUES
DUMESNIL (da Comédie Française) • PIERRE DUX
YVES VINCENT • YVES ROBERT

6 COMPANHIAS DIFERENTES ★ 6 PEÇAS

12 ESPECTÁCULOS

(INTERCALADOS ENTRE JANEIRO E MAIO)

Cada peça será apenas representada duas vezes: à NOITE (estreia)
e no dia seguinte ÀS 6 DA TARDE

15 e 16 de JANEIRO:
JACQUES DUMESNIL
em
**Un Homme Comme
Les Autres**
De ARMAND SALACROU
Encenação de
JACQUES DUMESNIL

5 e 6 de FEVEREIRO:
PIERRE BLANCHAR em
LES POSSÉDÉS
De ALBERT CAMUS
Segundo o romance de
Dostoiewski
Encenação de
ALBERT CAMUS

25 e 26 de FEVEREIRO:
DANIELE DELORME
e **YVES ROBERT** em
LA BAGATELLE
De MARCEL ACHARD
Encenação de JEAN MEYER

11 e 12 de MARÇO:
EDWIGE FEUILLÈRE
e **YVES VINCENT** em
LUCY CROWN
De JEAN PIERRE AUMONT
Segundo o romance de
Irwin Shaw
Encenação de
PIERRE DUX

29 e 30 de ABRIL:
PIERRE BRASSEUR em
UN ANGE PASSE
De PIERRE BRASSEUR
Encenação do autor

6 e 7 de MAIO:
PIERRE DUX em
PATATE
De MARCEL ACHARD
Encenação de PIERRE DUX

Todas as peças são apresentadas nas suas versões integrais
AS COMPANHIAS QUE VIRÃO A LISBOA SÃO PRECISAMENTE AS
MESMAS QUE CRIARAM E REPRESENTARAM ESTAS PEÇAS EM
PARIS, DURANTE MESES E EM CERTOS CASOS DURANTE ANOS

INDICAÇÕES IMPORTANTES

De amanhã, 3 a 7 de JANEIRO, das 11 às 14 h. e das 19 às 22 horas:
ESTARÁ ABERTA A ASSINATURA PARA A SÉRIE DE 6 PEÇAS
(com 10% de redução sobre o preço da tabela)

De 8 de JANEIRO em diante, todos os dias, das 13 às 22 h.: SERÃO POS-
TOS A VENDA OS BILHETES AVULSOS PARA TODOS OS ESPEC-
TÁCULOS

AS ESTREIAS REALIZAR-SE-ÃO SEMPRE À NOITE — O ESPECTÁ-
CULO SERÁ SEMPRE REPETIDO NO DIA SEGUINTE, ÀS 6 HORAS
DA TARDE

TODOS OS ESPECTÁCULOS SÃO PARA ADULTOS (Maiores de 17 anos)

PENSÃO MONUMENTAL Casa recomendada serviço de bom hotel
COMPLETAMENTE REMODELADA R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807.

TRINDADE Hoje, às 21.30—(17 anos) O Teatro está aquecido UM ESPECTACULO DE VERDADEIRO TEATRO MODERNO

12 HOMENS FECHADOS

de REGINALD ROSE, tradução de LUIS GALHARDO (Filho)
A abrir o espectáculo — A FARSA de GARCIA LORCA
AMOR DE D. PERLIMPIM

Amanhã às 16 h. • Última matinée (4 anos)
DESPEDIDA DA FAMOSA COMPANHIA DE

MARIONNETTES

de JACQUES CHESNAIS
OS COMEDIANTES DE PAU
UM PROGRAMA MARAVILHOSO PARA PEQUENOS E GRANDES
As crianças até 10 anos acompanhadas têm entrada grátis

SANDRO apresenta



Maria Della Costa
NA GRANDE INTERPRETAÇÃO DA COMÉDIA
DE ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA
Moral em Concordata
A PEÇA CAMPEA DAS BILHETEIRAS
DO BRASIL!

SOMENTE ALGUNS DIAS
Hoje e Amanhã — Devido ao grande sucesso
SHOW com danças e músicas brasileiras após
o espectáculo!
Amanhã, «matinée» com surpresas, às 16 h.
À noite às 21.45

Teatro CAPITÓLIO

ATENÇÃO: Por tratar-se de reposição, os pre-
ços foram rebaixados nesta peça.



Hoje e amanhã: Baile desde as 18 h.
COM
TOBÉ E O SEU CONJUNTO
(LE SEUL CAVEAU A LISBONNE)
Ambiente selecto — Nova gerência
R. da Trindade, 9—Adultos (M. 17 anos)

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

Todas as noites, às 21 e 45, e
aos sábados em tarde popular
a preços reduzidos (12 anos)

UM ÉXITO

Diálogos dos Carmelitas

Brilhante interpretação
de um grande elenco
(Maiores de 17 anos)

Brevemente: à tarde, «Teatro
por novos, para novos»

Depois do jantar

visite as nossas montras

CASA MAX

193-A — R. D. Estefania — 193-F

A COLUMBIA TEM O PRAZER DE ANUNCIAR A SEGUNDA FASE DAS SUAS ESTREIAS, APRESEN-
TANDO NOS PRINCIPAIS CINEMAS DE LISBOA UM ESCOLHIDO NÚMERO DE GRANDES PRODUÇÕES

TIVOLI

«O RATO
QUE RUGE»

M/ 12 ANOS

Politeama

«KASIM,
O BANDIDO»

M/ 17 ANOS

«O SOBE
E DESCE»

M/ 12 ANOS

EDEN

«HEROIS
DE CORDURA»

M/ 17 ANOS



ROMA

«HEROIS
DE CORDURA»

M/ 17 ANOS

S. Luiz

e
Alvalade

UM GRANDE FILME

COM BRIGITTE BARDOT
e JACQUES CHARRIER

Império

«ANATOMIA
DE UM CRIME»

M/ 17 ANOS

MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Ld.ª»
As 20.30 e 22.45 — (Adultos M/ 17 anos)



BIBI FERREIRA



BARROSO LOPES

SALVADOR
Apresenta na sua
ULTIMA FASE
de triunfais representações

A POPULARÍSSIMA REVISTA

TUDO NA LUA



HUMBERTO MADEIRA

ATENÇÃO, PORTO!

BREVEMENTE
no Cine-Teatro
«AGUIA D'OURO»
a grande revista
«TUDO
NA LUA»

com **BIBI FERREIRA**
ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES—HUMBERTO
MADEIRA—MARIA DOMINGAS
—MARIA JOSÉ DA GUIA—OS-
CAR ACÚRCIO

TIVOLI

Nos dias 11 e 12 de Janeiro, às 18.30 horas
DOIS UNICOS RECITAIS

DE

MARCEL MARCEAU

COM

PIERRE VERRY e ALEXANDRO

PROGRAMA DO DIA 11: A marcha contra o vento — A Escada — Luta de Tracção — Os Jogadores de Xadrez — O Escultor — O Prestidigitador — O Saltimbanco — O Jardim Publico — Adolescência, Maturidade, Velhice e Morte.

BIP domador — **BIP** patinador — **BIP** musico ambulante
BIP numa soirée mundana — **BIP** e a borboleta — **BIP** David e Golias — **BIP** fabricante de máscaras.

PROGRAMA DO DIA 12: O Colador de Cartazes — A Feira — O Jogador de Dados — Os Irmãos Siameses — O Apache — Auto-stop — O Adelo — O Pequeno Café — Jardim Publico

BIP pintor — **BIP** vendedor de porcelanas — **BIP** em viagem por mar — **BIP** no baile — **BIP** fabricante de máscaras.

BILHETEIRA

OS DIAS 5 E 6 SÃO RESERVADOS AOS SRS. ASSINANTES DOS ESPECTACULOS DE ARTE DO TIVOLI.
NOS DIAS 7 E SEQUENTES: VENDA AVULSO

(Maiores de 12 anos)

DOÇARIA CASEIRA

UMA PEGA 6\$50 — CAFÉ DE BALÃO

NO BAR RIBATEJO — PRAÇA DO AREEIRO, 11 D



TODOS OS DIAS
ÀS 15,15 - 18,15 - 21,30

...E O **ÊXITO**
CONTINUA!

2ª SEMANA

UMA PRODUÇÃO DE
LEWIS GILBERT

NÃO DEIXE DE VER...

Passagem para **Hong-Kong**

ADULTOS (Maiores de 17 anos)

CURT JURGENS
ORSON WELLES
SYLVIA SYMS

JEREMY SPENSER • NOEL PURCELL

UM EXCLUSIVO



EASTMANCOLOR
CINEMASCOPE

O MELHOR
PONTO DE
REUNIÃO



Telef. 23584

ADULTOS (Maiores 17 anos)

UM ELENCO APLAUDIDO COM VIBRANTE ENTUSIASMO

A EXTRAORDINÁRIA ATRACÇÃO ITALIANA
LES DONATI

UM NOVO ESTILO DE BAILADOS EM MIMICA ACROBÁTICA

EM NOTÁVEIS DANÇAS REGIONAIS PORTUGUESAS
CONSTANTE E O SEU CONJUNTO

E, AINDA, OUTRAS BRILHANTES ATRACÇÕES

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO



Telefone 27172

O CORSÁRIO LAFITTE
com Yul Brynner, Charlton Heston e Claire Bloom



Telefone 20768

Um espectáculo cheio de graça e encanto.



Telefone 763080

O CORSÁRIO LAFITTE
com Yul Brynner, Charlton Heston e Claire Bloom



Telefone 22523

O MAIOR CIRCO DO MUNDO
Victor Mature — Rhonda Fleming — Kathryn Grant — G. Roland



Telefone 26283

A VEDETA IMAGINÁRIA
Um romance de amor vivido nas caves e bastidores de Paris.



Telefone 48560

O GRANDE INDUSTRIAL
AS RAPARIGAS DE IMMENHOF



Telefone 50595

LUA DE MEL
com os célebres bailarinos António e Ludmilla Tcherina
Os admiráveis bailados: «O Amor Bruto» e «Os Amantes de Tervel».
Amanhã às 11 h. da manhã, ses. clás. «Brincadeiras proibidas» — (M/12 anos).



Telefone 26305

RIO BRAVO
com John Wayne, Dean Martin, Richy Nelson e Angie Dickinson
Technicolor — (Maiores 12 anos)



Telefone 47163

A BAILARINA E O BOM DEUS
com Vera Cecova e Vittorio de Sica



Telefone 610375

ROMANCE EM CAPRI
com o saudoso Mário Lanza



Telefone 845037

OLHOS NEGROS VIVIA COM ELA O PECADO



Telefone 20917

OS DEZ MANDAMENTOS
com Daniel Gelin



Telefone 55134/5

QUASE NOS TEUS BRAÇOS
— Technicolor —
Amanhã às 11 h., ses. clás. «O Ballet de Moscovo» — (M/12 anos).



Telefone 54154

PLATEIA 54153

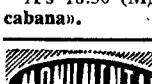
PASSAGEM PARA HONG-KONG
Cinemascope — Eastmancolor
O mais sensacional!

A Empresa deste cinema deseja a todos um Feliz Ano Novo e muitas prosperidades.



Telefone 727778

EUROPA DE NOITE
com Domenico Modugno, Carmen Sevilla e muitos outros astros
A's 18.30 (M/6 anos) «O amor e uma cabana».



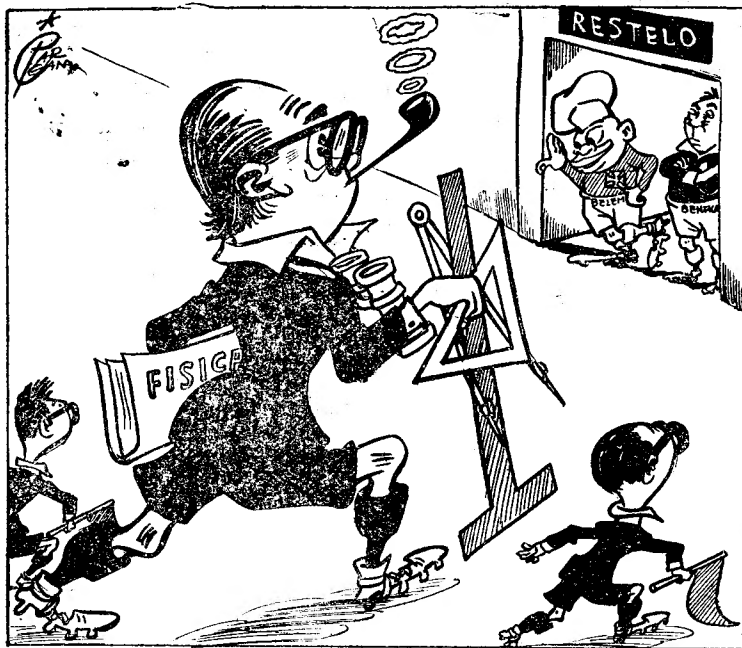
Telefone 55131

A BELA ADORMECIDA
em Ecran Super Technirama 70



Telefone 24194

CALYPSO A FEITICEIRA



— No Restelo todo o cuidado é pouco!...

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O encontro Belenenses-Benfica remate condigno da primeira volta

Termina amanhã a primeira volta do «Nacional» da 1.ª Divisão e termina com um jogo de grande cartel em que são adversários dois clubes a que uma rivalidade antiga costuma criar uma disposição especial. O embate, de longe o principal da jornada, oferece ainda a aliciente perspectiva de se avaliar o grau de resistência do Benfica que ainda não foi derrotado no torneio e, ainda atraindo pela circunstância do Belenenses não desear ver os «encarnados» aumentarem o avanço de pontos.

Eis o programa dos jogos:

Belenenses-Benfica
F. C. Porto-C. U. F.
Académica-V. Guimarães
Leixões-Sporting da Covilhã
V. Setúbal-Boavista
Sporting de Braga-Lusitano

O encontro do Restelo — a lotação está já esgotada desde o princípio da semana — é daqueles que valem quase por um campeonato. As posições dos dois antagonistas na tabela classificativa pressupõem uma série de conjecturas, qual delas a mais falível em face dos imponderáveis do jogo. Os «azuis», separados por cinco pontos, pretendem anular a diferença e, assim, alimentarem a esperança de continuarem integrados no lote dos que aspiram ao 1.º lugar. Em contrapartida, os «encarnados» pensam em desembaraçar-se, quanto antes, de perseguidores perigosos.

Desafio predestinado a proporcionar um bom espectáculo desde que reine a harmonia e compostura de atitudes.

Vaticínio difícil de formular, embora o empate pareça encaixar-se, sem esforço, na diversidade de prognósticos.

Na jornada avulta o despiques de Coimbra, onde os Vimaraneses figuram como visitantes. Os Minho-tos, bem classificados, não querem perder o terreno conquistado anteriormente com brilho, mas os estudantes possuem capacidade para contrariar o talento do antagonista. Um empate apresenta-se o resultado mais viável.

Nos restantes jogos, a previsão da vitória dos visitantes — F. C. Porto, Leixões, Vitória de Setúbal e Sporting de Braga — parece ser a que reúne maior número de votos.

Recorda-se a classificação actual: 1.º, Sporting, 22 pontos; 2.º, Ben-

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Peniche e Barreirense devem continuar à frente

Sofrida terceira interrupção, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão retoma amanhã o seu curso, para nos oferecer a última jornada da 1.ª volta.

Com a prova em meio e as possibilidades dos concorrentes mais ou menos definidas, nem por isso o interesse pela competição deixa de se manifestar concludentemente.

Na Zona Norte realizam-se os seguintes jogos:

Marinhense (10)-V. Coimbra, (7)
Peniche (19)-Vila Real (10)
Espinho (9)-Beira Mar (15)

Sanjoanense (13)-Oliveirense (11)
Acad. Viseu (8)-Vianense (10)
Chaves (14)-Caldas (13)
Torriense (11)-Salgueiros (17)

Na Zona Sul, teremos:
Barreirense, (21)-F. C. Serpa (10)
Farense (13)-Almada (8)
Montijo (11)-Olivais (12)
Lusitano (13)-Estoril (7)
Arroios (4)-Oriental (19)
Beja (10)-Portimonense (16)
Juventude (8)-Olhanense (16).

Entre parentesis indica-se a pontuação de cada uma das equipas.

MANUEL FARIA (4.º)

na «Corrida de S. Silvestre» teve actuação meritória

SÃO PAULO, 2. — Mais de meio milhão de pessoas assistiu nesta cidade à célebre «Corrida de São Silvestre», na sua 35.ª edição, que foi ganha pela segunda vez consecutiva, pelo argentino Suarez, que igualou, assim o «record» de Mihalic e Faria. O atleta lusitano classificou-se em 4.º lugar, depois do canadiano Kyle e do inglês Hyman. O tempo conseguido pelo argentino — 21 m. 55,2 s. — é inferior ao tempo obtido pelo português Faria, em 1957 — 21 m. 37,4 s. As marcas do Canadiano — 22 h. 2 s. — e do Inglês — 22 m. 15,9 s. — também são inferiores à marca de Faria, no ano passado.

É interessante realçar que atrás de Faria, ficaram o belga Gaston Follants, o francês Ameur, o jugoslavo Subotic, o americano Mills, o argentino Sandoval e o brasileiro João Alves, que virá a Lisboa quando dos Jogos Luso-Brasileiros.

Os lugares que o Português conquistou nesta competição durante as cinco vezes que participou foram: 14.º (1953); 1.º (1956); 1.º (1957); 2.º (1959 e 4.º (1960).

Manuel Faria, explicando as razões de ter ficado em 4.º lugar, disse que tinha calculado mal a força dos adversários e quando, nos últimos momentos, tentou ultrapassá-los ao «sprint» não o pôde fazer suficientemente rápido para tomar a cabeça.

De qualquer modo, a classificação do Português deve considerar-se digna, porquanto noutras posições inferiores ficaram campeões de nomeada.

F. C. PORTO, 1 — FIRST VIENNA, 2

A docilidade dos portuenses permitiu a vitória dos austríacos

Desolador é o adjectivo que primeiro ocorre para se exprimir, numa ideia geral, o encontro do Estádio das Antas. Os Austríacos não aliciaram a atenção dos desportistas nortenhos que pensaram sempre numa vitória fácil para os campeões nacionais.

Depois, o estado do tempo afastou o publico, desenrolando-se o jogo perante meia dúzia de curiosos obstinados, reunidos em família sob a cobertura da bancada central.

Não perdeu grande coisa quem não foi às Antas. Exibindo um futebol demasiado vulgar, os Austríacos não mostraram nada de novo. Retiraram vencedores é certo, mas depois de provar a autenticidade de um real e desgostoso declínio do jogo austríaco.

Por seu turno, os Portuenses não fizeram da partida questão de honra, e salvo raras ocasiões de empertigamento, entregaram-se a uma manobra inconsequente, morosa no entusiasmo e na inspiração. A relativa debilidade dos Vienaenses deu, no entanto, oportunidade, mesmo assim, à criação de uma mancha de oportunidades de gol que os avançados «azuis e brancos» desaproveitaram por três motivos: Falta de decisão no remate, eficácia do guarda-redes visitante e certa falta de sorte.

Tentando a sua «chance» em contra-ataques, forçados na base de sequência simples com o aproveitamento das faculdades atléticas dos avançados, os visitantes acabaram por ganhar a partida. Dois dos seus componentes sobressaíram da vul-

HOJE, À NOITE

HOMENAGEM — O Sporting leva a efeito um jantar de homenagem ao seu jogador de futebol, David Julio, que recentemente obteve a naturalização portuguesa.

REUNIÃO — O Conselho Técnico da F. P. F. reúne-se para apreciar o protesto do Leixões relativo ao jogo com o Sporting, da Taça de Portugal.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Torneio Nacional de corta-mato para aspirantes, disputa-se, no Porto, nos terrenos da Senhora da Hora, às 11 horas.

BASQUETEBOL — Disputam-se os jogos em atraso do campeonato da 3.ª Divisão da A. B. L.: Série A — Ávila-Pedrouços, na Boa Hora, às 10 h. Série B — Lissg-Combatentes (1.ª e 2.ª) em Santo Antão, às 9 e 30 e 10 e 30 e Física-Campolide, em T. Vedras, às 11 horas.

CICLISMO — O Campeonato Nacional de corta-mato ciclopedestre realiza-se às 9 horas, no Porto — Lugar da Costa, Pinhaes da Cabreira, Fonte da Costa e Lugar da Costa.

DESPORTO CORPORATIVO — Prosseguem os campeonatos nacionais (distritais de Lisboa, de basquetebol e futebol) realizando-se encontros nos campos do Porto de Lisboa (basquetebol) e de Alvalade, Belém.

RAGUEBI — Prossegue o Campeonato Nacional de Raguebi, com os seguintes encontros: C. D. U. L. — Agronomia, no E. Universitário às 11 h.; Direito-Belenenses, no E. Nacional, às 11 h. e Sporting-Internacional, em Alvalade, às 10 h.

Os dois primeiros encontros são precedidos dos jogos de reservas, a contar para o respectivo campeonato.

TIRO A CHUMBO — No «stand» do Lumiar, a partir das 15 h, prosseguem os torneios do C. P. T. C.

DESPORTOS



Bispo e Mendes disputam a bola

SPORTING, 3 — ATLÉTICO, 0

Uma vitória apenas...

Boa quantidade de publico acudiu ontem, à tarde, ao Estádio «José Alvalade», para presenciar o jogo (antecipado) da 13.ª jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão e que terminou com a vitória do Sporting, por 3-0, uma vitória certa, mas que careceu de qualquer luzimento de ordem técnica. Os 90 minutos de um modo geral suportaram-se com estoicismo perante a onda de monotonia que se inoculou no próprio jogo e nos atletas. Uma decepção em toda a linha, dado que nenhum dos adversários logrou alcandorar-se a plano aceitável tão deficientes foram as produções globais. Duas ou três excepções não destroem a impressão geral — domínio insistente do grupo «leonino» com poucos remates e réplica animosa dos Alcantarenses que raras vezes importunaram Octávio de Sá.

O Sporting colocou-se em vencedor, aos 13 minutos, por sinal, na urdidura de um lance prático e rápido em que colaboraram Faustino, Fernando e Diego. Ramin ainda saiu da baliza para evitar o remate do interior «leonino», mas este, mais

veloz, calmamente, bateu o guarda-redes visitante.

O gol teve o condão de fazer «adormecer» o andamento do Sporting, não obstante a pressão ofensiva — sempre desligada e inoperante.

O Atlético, que acusou boa organização defensiva, aceitou o domínio do adversário e sómente, aos 27 minutos, obrigou Sá à primeira intervenção, a sério.

O estilo sportinguista, sem utilizar a manobra larga e com deficiências no entendimento, contribuiu para monotizar a disputa dos lances, dado que os Alcantarenses também não lograram impôr uma toada propícia a despertar a apatia que se generalizara.

No segundo tempo, Diego e Seminário trocaram de lugares em virtude do primeiro acusar os efeitos de uma distensão e, aos 5 minutos, Albano foi vítima do mesmo percalço.

Exeptuando duas descidas, de recorte individual, do Atlético, iniciadas e concluídas por Tito (Sá defendeu bem) e Albano (a bola passou ao lado do poste), o Sporting continuou a dispor da bola, actuando completamente despreocupado no sector defensivo, embora o ataque se esforçasse em consolidar a vantagem de um gol. Finalmente, foi graças a uma grande penalidade, mal repetida, que Fernando tranquilizou a equipa, obtendo o 2.º tento, iam decorridos 29 minutos.

A partir de então, os visitantes delinearam alguns lances mais consentaneos com o valor das suas unidades e, aos 33 minutos, Seminário, serenamente, enfiou a 3.ª bola, concluindo um admirável esforço de Fernando. Na jogada colaborou Pérides.

*

Apesar da irregularidade da produção do seu jogo, arrastada e pesadista, o Sporting fez, no entanto, o suficiente para justificar o triunfo. Sómente o ataque não atingiu o seu rendimento normal, dado que a defesa e aos médios se não apresentaram problemas complexos.

Figuras a distinguir: Lucio, Mendes, Julio, Sá e Fernando.

O Atlético limitou-se a suportar o assédio «leonino» e a ripostar em golpes desordenados nas poucas vezes que adregou atacar. Todo o compartimento defensivo esteve em evidência, merecendo, porém, uma citação especial Ramin e Germano, partida com autoridade e de modo satisfatório. — F. SORO.

*

As equipas alinharam:
SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julio, Lucio e Mendes; Pérides, Faustino, Fernando, Diego e Seminário.

ATLÉTICO — Ramin; F. Ferreira e Nunes; Coelho, Germano e Orlando; Angeja, Brandão, Albano, Bispo e Tito.

(Continua na 11.ª página)

Os cinco mil contos da Lotaria do Fim do Ano

Os cinco mil contos da «taluda» do Fim do Ano foram para Almeirim!

Esta foi a novidade da Lotaria que se soube anteontem no País, pouco depois de ter «andado a roda». E era verdade; mais de uma centena de pessoas da risonha vila ribatejana e de povoações das redondezas, entre as quais Alpiarça, tinham comprado as cem «cautelais» com o número 12.248, certo na Barbearia Central, do sr. José Carvalho e para ali enviado regularmente pela Casa da Sorte.

Soubemos que ontem, de manhã, os cinco mil contos da lotaria do Fim do Ano iam ser entregues aos felizardos — gente de trabalho, comerciantes, proprietários e até algumas senhoras — que em Almeirim esperavam nervosamente pelo dinheiro com que a sorte os bafejara. Era a reportagem de um grande acontecimento que não se podia perder e, por isso, acompanhámos os dois automóveis que iam levar a felicidade a Almeirim. Saíram de Lisboa dois automóveis; no primeiro os funcionários da Casa da Sorte srs. Avelino Magalhães e Ernesto Palma da Silva, que iam proceder à operação; e Amaro Francisco portador da pasta com as cinco mil notas, novinhas em folha, de conto de reis; no segundo viajavam funcionários da Santa Casa da Misericórdia que, apenas por curiosidade, iam assistir às ruidosas manifestações de alegria que, forçosamente, se iriam produzir.

Foi na própria barbearia do sr. José Carvalho que se procedeu às formalidades — simples aliás —



Esta senhora apresentou-se a receber os cem contos com que foi premiada na extracção do fim do ano, acompanhada de seu pai

da entrega dos prémios. O primeiro a receber foi o próprio proprietário, que guardou para si 216 contos e distribuiu com os seus «sócios» em várias «cautelais», o restante que lhe coubera: 166 contos para o sr. Isidro José Calado, proprietário, outro tanto para o sr. José Maria Russo, guarda-livros; 25 contos para o seu empregado Isidro Calado Sousa e quantia igual para o seu ex-empregado António Seródio de Almeida.

Depois foram entrando no estabelecimento os outros felizardos que se aglomeravam à porta e ansiosamente aguardavam a sua vez. O sr. Francisco Freitas Carriço, que é barbeiro em Fazenda de Almeirim, recebeu cem contos; e o mesmo receberam os srs. Ulisses Pinto Ferreira, caixa do Grémio da Lavoura; Manuel Baptista, lavrador em Raposa; e Manuel Proa Gábino, proprietário; o jornaleiro José Apolinário; o sr. Renato André, construtor civil, que nos disse que ia ampliar as suas actividades; e o sr. Adelino Teixeira, serralheiro, que nos afirmou ir pagar o que deve e orientar bem a vidinha com o que lhe sobejar...

Horas de alegria em Almeirim quando os felizes contemplados com a «Taluda» jornaleiros, comerciantes, proprietários e até senhoras receberam os muitos milhares de escudos que lhes couberam

Bom pronuncio para a nova Junta de Freguesia

Também recebeu cem contos o sr. João de Oliveira Carvalho, de 39 anos, que é o novo presidente da Junta de Freguesia eleita há

Manuel Moita Leonor, grande comerciante da região e Adelino Novais Branco, proprietário do jornal «O Almeirino», duas pessoas bemquistas na terra e que gozam de grande estima dos seus conterrâneos.

cidade no seu lar que já não é pobre.

Treze homens felizes que são agradecidos

Lá para as bandas de Fazendas de Almeirim, um punhado grande de trabalhadores, moiraja o pão de cada dia. Um do rancho lembrou-se de comprar uma cautela para a lotaria do Fim do Ano. Foram treze, que se reuniram para ir á procura da sorte: o João Castelo Reguinga, mais os irmãos Virgílio e Manuel Guedes, o Joaquim Lino, o Manuel Serambeque, o António da Costa, mais o José Monsanto, o António Tomé, o Manuel Emídio, e ainda o José Fidalgo dos Santos, o João Rodrigues Fonseca, o José Justino e o José Seródio Santiago. Faltava-lhes, contudo, o dinheiro e foi então o companheiro, António Fulgêncio quem lho emprestou, mas sem entrar na «sociedade».

Pois ontem de manhã lá apareceram os treze — afinal o numero dá sorte — para receber sete contos e quinhentos cada um e todos ofereceram depois, mil e trezentos escudos ao companheiro que lhes proporcionara todo aquele dinheiro.

É tudo gente sã e amiga do patrão, que também o é deles e, por isso, os treze jornaleiros resolveram não receber a fêria desta semana, oferecendo os dias que já haviam trabalhado.



O sr. José Carvalho, proprietário da Barbearia Central, onde foi vendido o 12248, acaba de receber do funcionário da Casa da Sorte a sua «sorte grande»

Ílício Alves e Manuel Gerardo Bento, também sócios numa «cautela»; e os primos, José Serralheiro Fulgêncio e Vítor Serralheiro, que receberam cinquenta contos cada um.

Esta foi a melhor lotaria do «Fim do Ano»

Concluída a nossa reportagem em Almeirim, faltam para a completar, alguns apontamentos de muito interesse, sobre as lotarias do «Fim do Ano».

O interesse pelas lotarias é sempre crescente, provam-no os números. E esta do «Fim do Ano», naturalmente, não foge á regra e que se demonstra facilmente, tomando para exemplo os ultimos cinco anos.

Em 1955 foram emitidos 32.400 bilhetes, ao preço de 600\$00 cada. Todos foram vendidos, sendo a

Eis o rancho que jogou numa «cautela» com o 12248 e já com o dinheiro que lhes pertence, na mão do companheiro que o foi receber

pouco. E não faltou quem logo dissesse que a sorte do seu presidente era de óptimo augúrio para a nova Junta que vai entrar em funções.

Em breve conversa que entretivemos com o sr. João de Oliveira Carvalho, que é do Cartaxo mas reside há 16 anos em Almeirim, onde é funcionário da Junta dos Vinhos, ouvimos-lhe dizer que mandará construir uma casa, mas tem que dar dez contos ao seu filhinho João António, de 5 anos, que é seu «sócio» na lotaria.

Algumas senhoras foram, também, bafejadas pela lotaria da Santa Casa da Misericórdia, entre as quais, D. Gertrudes Ferreira, esposa do sr. Manuel Coutinho Andários; D. Maria Emília Borges Rodrigues, esposa do sr. José da Conceição Rodrigues, regente agrícola; D. Albertina Maurício Seródio, casada com o sr. Manuel Rosário Bandeira, ferrador; D. Conceição do Sal Perreira; e D. Ilda André Moreira Pimenta, casada com o sr. Silvestre Peixoto Pimenta.

Terna manifestação de amor familiar

Uma das figuras populares de Almeirim, é o sr. Luís Nunes, de 59 anos, modesto empregado camarário, pois é o guarda das sentinas publicas e, também, quando dispõe de tempo, engraxador. Pois o sr. Luís Nunes apareceu ontem, de fato domingueiro, que não escondia a sua condição modesta, mas feliz, para receber os cem contos que lhe couberam.

Era feliz, porque ia fazer a felicidade da sua família; de sua mãe que conta 80 anos e das suas filhas casadas, com homens honrados, trabalhadores, mas pobres. A estes três entes queridos que eu ainda tenho — disse-nos com a maior simplicidade — posso agora dar-lhes muita alegria e alguma ventura.

O desfile de pessoas de quem a sorte se lembrou continuava perante os nossos olhos. Agora eram os srs. Manuel Carlos de Oliveira, industrial de padaria e Albino João Gonçalves, funcionário da Hidro-Eléctrica do Alto Alentejo, «sócios» numa cautela; depois o sr. Amador Figueiredo Simões, gerente do Grémio da Lavoura, portador de uma «cautela»; a seguir o sr. Adelino Teixeira, serralheiro, que nos declarou que depois de pagar o que deve vai, com o que lhe sobejar, orientar bem a «vidinha»; e os srs.

O azar não está sempre atrás da porta...

Caso bem comovente, o do sr. Manuel Pereira Sapateiro Fidalgo. Proprietário de umas terras, várias contrariedades forçaram-no a hipotecá-las. Bacorejava-lhe, porém, o coração, de que a lotaria da Santa Casa da Misericórdia haveria um dia de resolver os seus problemas — e não se enganou.

Jogava há muito o Manuel Fidalgo com o 12.248. Era uma fé e ainda na lotaria do Natal gastara todo o dinheiro que havia no seu lar triste, no «jogo» a que se apegava para endireitar a vida. Nada. E, para cúmulo da fatalidade, não pôde ir buscar a sua «cautela» para a lotaria do Fim do Ano.

Quando o Fidalgo soube que a «taluda» tinha saído no 12.248, chorou de desespero. Era o cúmulo da fatalidade, pois desta vez não a tinha.

Mas o sr. José Carvalho é amigo do seu amigo e guardou a «cautela» do Fidalgo. Pagá-la-ia quando pudesse. Bonito gesto de um honrado comerciante. O Manuel Fidalgo recebeu ontem, de manhã, os cem contos que o vão salvar, pois pode pagar as hipotecas e safar as suas propriedades de irem á praça dentro de dias, para pagar uma pequena dívida.

Voltou ontem a rir-se o Manuel Fidalgo; voltou a haver sol e feli-



Alguns dos felizes contemplados aguardam a sua vez de receber a sua parte na «taluda» do Fim do Ano



O sr. Manuel Fidalgo (ao centro), com os seus filhos, quando ia receber os cem contos que o farão voltar á prosperidade

Os filhos, a grande preocupação

Mas não acabam aqui as histórias enternecedoras da «taluda» da lotaria do Fim do Ano que foi parar a Almeirim.

O proprietário da barbearia, com a pequena fortuna que recebeu val alindar o seu estabelecimento, intensificar o negócio de lotarias e educar as suas duas filhinhas Maria Zulmira, de 8 anos e Ana Maria, de 3 anos.

Também o sr. José Veríssimo Gallego, que jogou «a meias» numa cautela com seu primo José Veríssimo Galão, ambos proprietários de uma drogaria, destinará parte dos cinquenta contos que recebeu para a educação de sua filha que em breve irá para o liceu.

Houve, ainda, muito mais gente bafejada pela sorte. Era de autentica romaria, a caminhada para a barbearia do sr. José Carvalho, onde os funcionários da Casa da Sorte, solícitamente, atendiam os portadores das cautelas. Também, lá apareceram, entre outros, o sr. Arnaldo da Silva Godinho, que tinha uma sociedade com o seu amigo João Maria Seródio, que habita em Beja; os agricultores António Fe-

«sorte grande» de três mil contos; em 1956, emitiram-se 33.200, a idêntico preço e para igual prémio que se esgotaram. Desde então o prémio maior passou a ser de cinco mil contos, sendo o preço de 900\$00 cada bilhete. Em 1957 venderam-se 31.200, tantos quantos os emitidos; em 1958, 30.302, tendo sobrado 3.698, mas nesta ultima lotaria do «Fim do Ano» o aumento foi sensível, pois venderam-se 33.423 e apenas ficaram em «casa» 177 bilhetes.

Outro pormenor elucidativo do aumento da lotaria é o do capital realizado pela Santa Casa da Misericórdia: em 1955, 19.440.000\$00; em 1956, 19.920.000\$00; em 1957, 28.080.000\$00; em 1958, 27.271.800\$00; e finalmente em 1959, 30.080.700\$00.

Com as lotarias do Natal, sempre a mais importante do ano, também os números afirmam o interesse do publico: em 1955 foram vendidos 33.000 bilhetes ao preço de 1.800\$00; em 1956, 33.200 bilhetes, a idêntico preço; em 1957, 32.200 bilhetes, mas já a 2.100\$00; em 1958, ao mesmo preço, 33.954 e no ano que terminou agora, 34.912, a 2.300\$00. Nesta ultima lotaria dia do Natal houve de emitir mais 800 bilhetes tal foi a procura, verdadeiramente extraordinária.

Tágide

Telef. 35327/8
Lisboa

CARMEN AMAYA

E O SEU ESPECTÁCULO

(MAIORES DE 17 ANOS)

Palm Beach

Telef. 080851/2
Cascais

O MAGO DE ROMA

profetiza para este ano...

ROMA, 2. — Vamos entrar «numa era de maior confiança e serenidade», profetizou para 1960 Lelio Alberto Fabiani, o mago de Roma, que usa para as suas previsões a «bola de cristal» e a astrologia. Prevê que Kruchchev desaparecerá em 1960 da cena política, mas depois de ter dado uma «contribuição importante para a causa do desanuviamento». Nixon será eleito presidente dos Estados Unidos. O problema de Berlim não será resolvido. Continuarão os «ciúmes sino-soviéticos». Entrementes, Farah Diba terá uma filha do xá.

O Vaticano terá na política internacional um papel relevante, «Veremos mesmo — profetizou — mudanças substanciais no vestuário do clero. O Catolicismo tornar-se-á menos dogmático e mais aberto às correntes do pensamento humano».

Na Itália, cairá o Governo de Segni, em Abril ou Maio, sucedendo-lhe um «Governo balnear», quer dizer, que durará apenas a época de banhos, ao qual sucederá outro duradouro e disciplinado. — (F. P.).

O subsecretário

da Educação

incitou a juventude
à paixão pela verdade

O subsecretário de Estado da Educação Nacional e comissário nacional da Mocidade Portuguesa, dr. Rebelo de Sousa, dirigiu ontem à juventude a sua habitual mensagem de Ano Novo, desta vez subordinada ao tema: «A Paixão da Verdade».

Na sua mensagem, que a Emissora Nacional transmitiu às 14 horas, disse o dr. Rebelo de Sousa:

— No início do Novo Ano, falando a linguagem da Juventude, não lhe desejarei ano fácil, ano cómodo, ano feliz no significado corrente de sem esforço, sem contradições, sem nuvens, sem canseiras, sem trabalho. Ano feliz, sim amigos: mas ano de denodado combate, de labor intenso, de luta viril! De contrário, não vos desejaria ano novo, mas ano velho! Aos que, velhos e novos, se quedam pelo caminho, aos que se enebriam com as fáceis vitórias da glória ou do dinheiro, aos que se consolam com o terreno conquistado e deixam de conduzir mais alto e mais além a bandeira, aos que, numa palavra, estagnaram, resignaram, desistiram, — se é que não atraíram — havemos de levar o nosso entusiasmo contagiante! Devemos gritar-lhes, aos que se perdem no transitório e mesquinho das vaidades feridas ou das ambições satisfeitas ou não, que outro é o nosso rumo. Rumo de um mundo novo, rumo de um Portugal novo — onde esses, a persistirem assim, não terão lugar!

E terminou por afirmar:

— Paixão da Verdade — que é culto da Justiça e das leis que a regem, e que afasta, inexoravelmente, arbitrios, caprichos, favoritismos e empenhos, para — na igualdade que não é indiscriminação — dar tão sómente a cada um o que lhe pertença, na directa razão dos méritos de cada um.

O maior sortido de ouro, pratas
e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257



O cardeal-patriarca acaricia uma criança que os pais levaram à recepção no Patriarcado

Durante mais de cinco horas o cardeal-patriarca recebeu cumprimentos de Ano Novo

Comemorando a entrada do novo ano, o sr. cardeal-patriarca de Lisboa deu ontem recepção, no palácio do Campo de Santana, cujas salas se encheram de centenas de pessoas. A recepção efectuou-se na sala do trono, onde as individualidades eram introduzidas pelos reverendos cônegos dr. Honorato Monteiro e Filipe Cardoso e beneficiado José Maria Rodrigues. O eminente purpurado começou a receber as primeiras individualidades pouco depois das 14 horas e, já depois das 18 ainda havia pessoas no salão de visitas, aguardando a vez de serem recebidas. A primeira individualidade que o sr. cardeal-patriarca recebeu foi o chefe da Casa Militar do Chefe do Estado, brigadeiro Teixeira Pinto, que em nome do sr. Presidente da República apresentou pessoalmente cumprimentos ao sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, retribuindo assim os cumprimentos que o eminente purpurado, às 11 horas, fora apresentar ao Chefe do Estado, no palácio de Belém.

Depois, deu entrada na sala do trono o sr. duque de Palmela, que se fazia acompanhar de pessoas de sua família.

Os cumprimentos ao Chefe do Estado no Palácio de Belém

(Continuação da 1.ª página)

recebeu aquelas individualidades no palácio nacional de Belém, onde, às 11 horas, chegou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, acompanhado do seu secretário, padre José Maria. Sua eminência foi recebido pelos srs. dr. Luís Pereira Coutinho, secretário da Presidência da República; brigadeiro Teixeira Pinto, chefe da Casa Militar do Presidente; comandante Guilherme Tomás, ajudante de campo; e capitão Soares Cunha, secretário particular. Na sala do conselho de Estado, aguardava-o o sr. almirante Américo Tomás, a quem saudou e formulou votos de feliz ano novo em seu nome pessoal e no do clero do Patriarcado de Lisboa.

Depois, o Chefe do Estado e o sr. cardeal-patriarca conversaram a sós, durante cerca de meia hora, no gabinete do Presidente.

Os cumprimentos do Governo

As 11 e 30, chegou à Presidência da República o sr. prof. dr. Oliveira Salazar, que foi recebido pelos elementos das casas civil e militar do Chefe do Estado, já referidos. No momento em que o presidente do Conselho se dirigia para a sala do Conselho de Estado, saía desta o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, acompanhado do sr. almirante Américo Tomás. Os fotografos da Imprensa e os operadores da Televisão aproveitaram a oportunidade para fixar um facto que o protocolo não previa.

OS CUMPRIMENTOS DOS PRESIDENTES: O Presidente da República recebe, em Belém, os presidentes do Conselho, da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa, do Supremo Tribunal de Justiça e do Município de Lisboa.

Após breve troca de saudações, entre o Chefe do Governo e o sr. cardeal-patriarca, o purpurado retirou-se.

O sr. prof. dr. Oliveira Salazar exprimiu então, ao Chefe do Estado, em seu nome e no do Governo, os votos de felicidade e prosperidade para o ano novo.

A seguir, e na presença do chefe do Governo, o sr. almirante Américo Tomás recebeu os cumprimentos dos srs. conselheiro Albino dos Reis, dr. Luís Supico Pinto, conselheiro Cruz Alvura e brigadeiro França Borges, respectivamente, presidentes da Assembleia Nacional, Câmara Corporativa, Supremo Tribunal de Justiça e Câmara Municipal de Lisboa.

Quando aquelas quatro ultimas individualidades se retiraram, o Chefe do Estado e o sr. Presidente do Conselho passaram para o gabinete do sr. almirante Américo Tomás, onde se mantiveram a conversar até depois do meio-dia.

Durante a manhã e de tarde, estiveram na Presidência da República, a deixar cartões e a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, muitas individualidades oficiais e particulares.

Junta Distrital de Lisboa

Na sede da Junta Distrital de Lisboa, na Rua Pascoal de Melo efectuou-se a transmissão de poderes dos antigos aos novos elementos que constituem a Junta Distrital de Lisboa, que agora é presidida pelo sr. eng.º Francisco dos Anjos Ribeiro Ferreira e constituída pelos srs. dr. José Carlos Ferreira, vice-presidente e Daniel da Silva Carvalho, dr. João Ferreira de Oliveira e Adolfo José Almeida e Silva, vogais efectivos, e dr. Sebastião Cactano Frago e eng.º Eduardo Mendes Barbosa e José Pedro de Saldanha Oliveira e Sousa, vogais suplentes.

Presidiu à sessão o governador civil de Lisboa, sr. dr. Osório Vaz, que depois de verificar a legitimidade dos poderes dos novos membros da Junta Distrital de Lisboa — segundo determina a lei — conferirá a posse.

TRÊS LINHAS

O «Diário do Governo» publica o Decreto que regula a cobrança das receitas e fixa as despesas do Estado para o corrente ano económico.

///

O sr. Luís Augusto Nest Arnout Pombeiro foi nomeado secretário do sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional.

///

Foi extinto o Ninho dos Pequenos, de Barrancos, cujos bens e valores reverterão para a Casa do Povo local.



Portugal e a França

encontram-se laços
segundo afirmou o embaixador

na recepção do Ano Novo

A colónia francesa apresentou ontem os seus cumprimentos de Ano Novo ao embaixador de França em Lisboa, que recebeu os numerosos visitantes na companhia de sua esposa, a condessa Bernard de Menthon, o conselheiro da Embaixada, o consul da França e demais colaboradores.

Em nome da colónia, falou o sr. Albert Neuvy, presidente do Comité dos Agrupamentos Franceses em Portugal.

Em resposta, o embaixador da França agradeceu a retribuiu os votos de felicidade, e, abordando as actividades francesas em Portugal, anunciou que a escola francesa do Porto será, em breve, uma realidade, graças à ajuda moral e material dada por um membro da colónia francesa em Portugal, o sr. Marius Latour.

A terminar, o embaixador da França agradeceu a Portugal a seguinte saudação: «A amizade tão profunda que une os dois países, baseada em tantas afinidades e laços do espírito e do coração, vê-a

O transito em Lisboa

Terminam hoje, às 20 horas, as disposições transitórias tomadas pela Câmara Municipal de Lisboa para facilitar o transito na capital, na quadra do Natal e no Fim do Ano. Com elas se procurou descongestionar a Baixa e não prejudicar o andamento dos peões.

Em virtude do êxito conseguido e, aproveitando a experiência adquirida nestes dias, a Câmara resolveu manter em vigor parte dessas disposições. De carácter provisório passam a ser definitivas. São elas as relativas à Avenida da Liberdade e aos largos de D. João da Câmara e do Jardim do Regedor.

Por isso, os condutores de automóveis não poderão mais virar à esquerda na Avenida da Liberdade. É proibido. Terão de seguir à direita para tomarem a sua direcção na transversal seguinte, a não ser que prefiram dar a volta nos Restauradores ou no Marquês de Pombal.

Continua também a proibição no acesso ao Largo de D. João da Câmara pelo Largo do Jardim do Regedor.

(Continua na 13.ª página)



Palavras amigas para os soldados de Portugal

Sim,
A CONFIDENTE
Resolve-lhe o problema financeiro
em 24 horas!
LEVANTANDO 50% DO VALOR DA SUA PROPRIEDADE JURO DE LEI

A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA: ROSSIO, 3-2. TELEF. PPC-29384-3-6
PORTO: R. PASSOS MANUEL, 14. TELEF. P.P.C. 20344-3-6

CIDLA
TESOURARIA

PARA EFEITO DAS CONFERÊNCIAS DE BALANÇO, ENCONTRA-SE ENCERRADA AO PÚBLICO A TESOURARIA DA CIDLA NOS DIAS 4 E 5 DE JANEIRO.



Os novos vereadores reuniram-se pela primeira vez

Efectuou-se hoje a primeira reunião pública dos novos vereadores da Camara Municipal de Lisboa. Presidiu o brigadeiro França Borges, que tinha a seu lado o vice-presidente, sr. Anibal David; e estavam presentes todos os membros da nova vercação, os directores dos serviços e os chefes das repartições e das secções.

Antes da ordem do dia, o presidente deu as boas-vindas aos novos vereadores, afirmando que poderão contar com a sua leal e franca colaboração e com a compreensão de todos os alvitres e de todas as aspirações dos munícipes, de que eles se fizerem intérpretes. E prestou homenagem à dedicação e aos serviços da vercação que terminou o seu mandato.

Em nome dos novos vereadores, o nosso camarada da Imprensa João Coito agradeceu as saudações do presidente a quem chamou «o maior defensor dos interesses da cidade», afirmando que pode contar com a total e leal colaboração de todos.

O arquitecto Vasco de Moraes Palmeiro (Regaleira) fez votos para que haja uma maior e mais estreita colaboração entre o Muni-

- Foi proposta colaboração com as Juntas de Freguesia
- Propõe-se a solução do problema dos parques desportivos

cípio de Lisboa e as Juntas de Freguesia, efectuando-se frequentes visitas dos vereadores, em companhia dos membros daqueles organismos, para se tomar conhecimento das principais aspirações dos munícipes; protestou contra a verdadeira anarquia que existe, em matéria estética e architectónica, sem respeito pelas nossas tradições artísticas nem pela nossa sensibilidade, tanto na capital, como nos concelhos limítrofes, pedindo que se estabeleçam normas e que o Município de Lisboa se entenda com os desses concelhos, sobre tal matéria.

O sr. Francisco Cabral Moncada de Carvalho Casal Ribeiro, depois

(Continua na 10.ª página)

e a França tram-se lado a lado u o embaixador da França o do Ano Novo

apresentou mentos de de Fran- ue os nu- companhia a Bernard o da Em- ança e de- alou o sr. e do Co- Franceses

ixador da ribuiu os abordando em Portu- a francesa uma re- al e ma- ro da co- gal, o sr.

xador da gual a se- izade tão is países, ades e la- ação, vê-a

Lisboa

horas, as tomadas de Lisboa na capital, o fim do ou descon- prejudicar

conseguido iência ad- amara re- parte des- provisor- ivas. São da da Li- o. João da egedor. de auto- s virar á liberdade. guir á di- direcção a não ser nos Res- de Pom-

tribuição no ão da Ca- ardím do

ainda mais reforçada pela sua solidariedade e cooperação no plano político. Se fosse preciso apresentar um novo testemunho desse facto, bastaria lembrar que, nos recentes debates na Assembleia Geral das Nações Unidas, a França e Portugal se encontraram sempre lado a lado e votaram sempre um com o outro».

Novo relator do Supremo Tribunal Militar

Foi nomeado juiz relator do Supremo Tribunal Militar, pelo ministro da Defesa Nacional, o juiz desembargador da Relação do Porto, sr. dr. Francisco António Lopes Moreira, em substituição do juiz conselheiro António de Abreu Mesquita, que atingiu o limite de idade.



O momento em que usava da palavra o eng. Alves da Silva



Predominam a solidão e a nostalgia no local onde existiu o característico Café Royal, cujo fim coincidiu com o de 1959...

Artistas e escritores reuniram-se no encerramento do velho Café Royal

O tradicional pitoresco do Cais do Sodré tem agora menos pitoresco. A velha e movimentada praça, centro de reunião de escritores e surrealistas, maritimos e contrabandistas, sofre de melancolia. O Café Royal, de Columbano, Pessoa e Gago Coutinho, já não existe. A característica esplanada onde, ao sol, se misturavam artistas, marinheiros, políticos e turistas, já não se espalha pelo passeio, servindo de moldura às imagens da Lisboa da «bela época» gravadas nos azulejos da fachada...

Dentro de pouco tempo as portas do edificio voltarão a abrir-se. Mas, em vez de um atraente centro de cavaqueira, do teatro de tantas coisas grandes do espirito, surgirão o rumor das máquinas de somar e calcular de mais um estabelecimento bancários. Os «cafés» cedem o seu lugar aos bancos.

Em romagem de saudade, solidarizaram-se, nos derradeiros momentos do «Royal» os seus mais arreigados frequentadores. No dia 28 encerrara-se a ultima exposição ali organizada, uma do pintor António Domingues. Depois, num encontro organizado, reuniram-se Ferreira de Castro, Mário Domingues, Lopes Graça e o seu orfeão da Academia dos Amadores de Musica, Rogério Paulo e esposa, Ro-

meu Correia, o escritor teatral brasileiro Gianfrancesco Guarnieri, autor de «Gimba», e esposa, Cipriano Dourado, Paulo Guilherme, Cesarini de Vasconcelos e muitas outras figuras bem conhecidas da vida lisboeta.

O movimento no interior do velho «café» restringe-se agora á elaboração do inventário, com vista ao leilão que ali se deverá realizar na terça-feira. Entretanto, o Cais do Sodré parece menos Cais do Sodré...

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era moderado predominando de Sudoeste, o céu estava encoberto e caíam chuviscos em algumas regiões, por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre o Algarve.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 13°; Coimbra e Faro, 15°; Lisboa, 14°; Portalegre, 11°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 14°5; na água do mar, 13°7.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS: Máxima, 15°5; mínima, 13°5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 13°4; mínima, 7°3.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, vento moderado de Sudoeste, chuviscos principalmente no Norte e nas regiões montanhosas.



Recenseamento eleitoral

Começa hoje, em todo o território português, o prazo do recenseamento eleitoral para os deputados á Assembleia Nacional. Em todas as freguesias haverá comissões de recenseamento perante os quais os cidadãos portugueses, maiores, que tenham direito a voto, podem requerer a sua inscrição nos cadernos eleitorais.

O prazo termina no dia 15 de Março próximo.

Para os pedidos de inscrição nos cadernos de eleitores das juntas de freguesia o prazo começa em 1° de Fevereiro e prolonga-se até 15 de Março.

OURO E PRATA

Compra e vende aos melhores preços

OURIVESARIA PIMENTA

R. Augusta, 253 — Telef. 24564

A GERENCIA DO

Restaurante Bar Fim do Mundo

Telefone 080200

Pastelaria Snack Bar Boca do Inferno

Telefone 081192

CASCAIS

Cumprimenta os seus Ex.ºs Clientes e Amigos desejando-lhes um Novo Ano cheio de prosperidades.

OLIVA

Comemorando-se em 1960 o 35.º aniversário das Oficinas Metalúrgicas OLIVA, a Fábrica Portuguesa de Máquinas de Costura resolveu praticar apreciável redução de preços em todos os seus modelos, no desejo de assim corresponder à simpatia e ao acolhimento que o público sempre lhe tem dispensado.

OLIVA

MAQUINA DE COSTURA DE PORTUGAL



INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & CA., LDA.
S. JOÃO DA MADEIRA

(Continuação da 1.ª página)

que tal acto impõe inexoravelmente, de uma viragem radical da nossa consciência económica, sacudindo uma vez por todas os hábitos enraizados, as rotinas confortáveis, os egoísmos por tanto tempo aceites com singular complacência. Como afirmou o Secretário de Estado dr. Correia de Oliveira depois da assinatura da Convenção de Estocolmo — nessa data que será histórica de 30 de Dezembro de 1959 — o ingresso na Associação Europeia de Comércio Livre vai impor-nos pesadas obrigações de solidariedade económica e vai fazer-nos correr riscos sempre inerentes às alterações profundas e rápidas dos quadros tradicionais do pensamento e da acção. E mais adiante acrescentou que «a presença na Associação Europeia de Comércio Livre, que nos é imposta pelas características da conjuntura internacional e pelo interesse e dever de colaboração que temos na preparação do futuro da Europa, vai obrigar a profundas modificações da vida portuguesa».

Tudo isso são verdades que já ninguém pode ignorar. Preocupações idênticas manifestam os industriais ingleses de numerosos sectores, os agricultores dinamarqueses, os exportadores da Noruega, da Suíça e da Austrália. E seria ilusão temerária de optimismo imaginar que os adiamentos — em que se vivem, afinal, as normas de excepção obtidas para o nosso País em Estocolmo — vão resolver por si mesmas seja o que for. A coragem e inevitável adesão de Portugal é um acto de aparência diplomática sob o qual se desdobra uma teia imensa de obrigações virtuais a aceitar, a cumprir quanto antes, a promover na prática com energia de que nunca antes deu provas a nossa frágil estrutura económica. Por agora, o que se viu foi o agravamento drástico da pauta aduaneira, reforçando protecções e assegurando receitas aos cofres do Estado, impondo aleatórios ascetismos em importações voluptuárias como as dos automóveis e prometendo facilidades conjunturais a iniciativas produtoras de que mal se conhecem ainda os delinquentes essenciais. Os legisladores que fixaram a nova pauta sabem muito bem, todavia, que não é legítimo alimentar sobre ela precárias ilusões. Instituiu-se uma armadura de efeitos imediatos. Mas o tempo passa depressa — e a armadura não será, dentro de alguns anos, mais do que um véu a dissipar-se como fumo sob o vento irresistível da abertura integral dos mercados.

Como já afirmava há dois anos e meio o industrial eng. Carlos Alves no 2.º Congresso da Indústria Portuguesa, temos de reconhecer que não possuímos elementos bastantes para documentar plenamente a evolução e as possibilidades da estrutura económica nacional, tanto metropolitana como ultramarina. Os recursos de observação são escassos e incompletos. É um facto. E não bastou para o alterar substancialmente o esforço realizado na elaboração do 2.º Plano de Fomento, cuja equipa de estudos parece ter-se dispersado sem que lhe fosse possível, infelizmente, prosseguir o trabalho de decisivo interesse nacional a que deveria consagrar-se. É essa carência de conhecimento minucioso e amplo, como se declarou no referido Congresso, para que «se considere demasiado reduzido, em relação ao nosso País, o prazo de 15 anos fixado para a reconversão e adaptação a que há-de obrigá-los a presença activa na Zona Europeia de Comércio Livre. O que se concebe para países evoluídos toma feição diferente em países de escasso desenvolvimento económico, como é o nosso. Temos de reconhecer corajosamente o atraso em que nos encontramos, a começar no conhecimento teórico e prático dos factores económicos nacionais, na análise, investigação, coordenação, técnica e rendimento das actividades existentes e das possibilidades vindouras».

A enérgica verdade destas palavras subsiste. Aos olhos da opinião corrente não se vê ainda a estrutura firme, decidida, vigorosa, que se prepare, para defrontar os problemas cruciais da nossa participação na nova Europa que a Convenção de Estocolmo anuncia. Já existe o corpo de estudos e de fundamentação das decisões vitais que as circunstâncias próximas — e cada vez mais próximas — vão exigir do nosso País? Está a preparar-se e a

estruturar-se? É possível, é mesmo muito natural, dada a gravidade das obrigações e dos riscos a que aludiu com o seu conhecido desassombro o sr. dr. Correia de Oliveira. Mas se já há dois anos e meio se consideravam escassos os 15 anos de readaptação previstos para a discutida Zona, os 12 ou mesmo os 20 que resultam das salvaguardas de Estocolmo não são largos para a obra a realizar em face da concretizada Associação de Comércio Livre e de tudo o que há-de vir na sua esteira. As actividades económicas nacionais, como bem se demonstra no recente relatório da Associação Industrial Portuguesa, anseiam por conhecer em toda a sua estrutura e pormenor a política económica em que vai firmar-se a nossa participação na Europa nova. Como declarou o sr. secretário de Estado do Comércio, «o Governo criou e continuará a criar as condições internas e externas indispensáveis a esse novo e mais apressado e mais ritmado ou ordenado pulsar da vida portuguesa». O conhecimento dessas condições, na perspectiva mais larga do futuro económico nacional, é uma necessidade de que não devem querer nem poder abdicar as actividades vivas da nação nesta época decisiva.

FACTOS E PROBLEMAS

Nos nove primeiros meses deste ano prestes a findar importou Angola 750 toneladas de pneus para veículos automóveis, incluindo 530 toneladas de pneus para pesados, 139 para ligeiros, 80 para tractores e outros e 2 para motos. Sobre o mesmo período do ano anterior o aumento total foi de 27 toneladas. Mas nos pneus para pesados esse aumento foi de 143 t. enquanto nos pneus para motos a diferença foi pequena e nos ligeiros houve até baixa de 25 t., o que também sucedeu nos pneus para tractores e outros que baixaram 40 toneladas.

Da Metrópole foram 656 toneladas e do estrangeiro 94, em relação respectivamente a 624 e a 48, importadas de Janeiro a Setembro de 1958. Assim a importação da Metrópole aumentou 32 toneladas e a do estrangeiro 46. O aumento do estrangeiro deve-se principalmente nos pneus para veículos pesados: 29 toneladas e nos pneus para tractores e outros: 16. No fornecimento metropolitano o aumento foi nos pneus pesados: 113 t. Nos ligeiros houve baixa: 26 t. e também a houve nos pneus para tractores e outros: 56.

A importação de camaras-de-ar foi nos 3 primeiros trimestres do ano de 77 t. ligeiramente superior à do mesmo período de 1958. Baixou o fornecimento da Metrópole de 68 para 64 toneladas e subiu o do estrangeiro: de 8 para 13.

Assim, a Metrópole, que de Janeiro a Setembro de 1958 forneceu 92,46 % dos pneus e camaras-de-ar importados por Angola, passou a fornecer-lhe, nos três primeiros trimestres deste ano, apenas 87,05 % enquanto o estrangeiro passou de 7,54 para 12,95 %. As diferenças deverão atribuir-se às dificuldades das transferências de Angola para a Metrópole que hão-de ter influi-

AVIÕES A JACTO no aeroporto de Lisboa

Vindo de Boston, aterrou esta manhã no aeroporto de Lisboa um avião a jacto. Boeing 707 da T. W. A., que percorreu os 5.428 quilómetros, que separam as duas cidades em 5 horas e 46 minutos.

Com o piloto S. G. Granger, que comanda o avião, vêm mais 10 tripulantes, entre pilotos, navegadores, mecânicos, comissários e assistentes. No avião, que pode transportar 134 passageiros, viajam 15 funcionários superiores da Companhia que durante o dia esclarecerão todo o pessoal de terra sobre os modernos processos de assistência técnica a estas aeronaves.

Depois da P. A. A., que há meses trouxe ao aeroporto de Lisboa o primeiro avião daquele tipo; da B. O. A. C., que trouxe um dos Comets IV; e do Caravelle, cabe agora a vez à T. W. A., esperando-se que no decorrer deste ano, outras companhias, realizem voos experimentais, enquanto não se concluem os trabalhos das pistas, já iniciados.

do, também, na baixa de outras importações angolanas dela originárias. O problema das transferências continua a afectar os intercâmbios do mundo português em casos objectivos como este.

O mercado do crédito testemunha na sua evolução certas realidades económicas fundamentais, numa relação que não é difícil interpretar. O movimento geral de desconto de letras, que foi de 41 653 milhões de escudos, em Portugal metropolitana, no decurso de 1956, subiu para 51 747 em 1958 e atingiu no primeiro semestre de 1959 o total de 26 695. O protesto de letras evoluiu de 291 para 243 milhões de escudos naqueles dois anos completos e cifrou-se em 128 no primeiro semestre de 1959. O total de empréstimos hipotecários efectuados elevou-se de 1775 milhões de escudos para 2333 milhões nos mesmos anos e atingiu 1007 nos seis meses iniciais do actual. Os números reflectem a capacidade de autofinanciamento das actividades privadas, os seus problemas em evolução e as suas perspectivas tantas vezes pouco tranquilas.

Possui Portugal, como se sabe, a maior área de exploração de pinhais entre todos os países da Europa; e os seus recursos neste domínio estão a progredir, graças a um esforço de repovoamento florestal que figura entre os aspectos mais positivos da vida portuguesa nas últimas décadas. Os industriais de resinosos acentuam, nos seus depoimentos mais objectivos que «seria natural que tudo se fizesse para aproveitar regularmente esta imensa riqueza». E acrescentam que mesmo tomando por base, no presente, uma exportação anual de 60 mil toneladas, a produção poderia facilmente elevar-se a 100 mil toneladas anuais pelo aproveitamento racional e metódico da área de pinhais em idade de resinagem. Assim se verifica, segundo os técnicos da especialidade, a enorme riqueza que se está perdendo, sugerindo a promulgação de medidas especiais por quem pode promovê-las «à luz dos interesses mais relevantes da economia nacional».

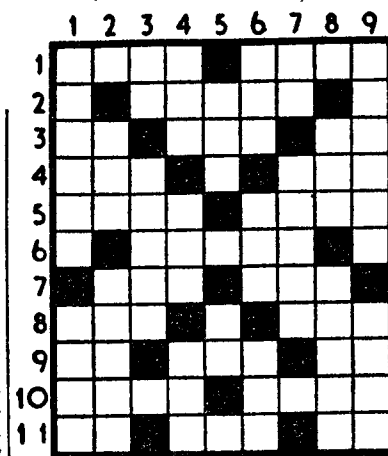
A produção açucareira no Ultramar português precisa de receber mais forte impulso, não só em função dos interesses vitais de trabalho e de balança comercial das Províncias produtoras, como do abastecimento mais equilibrado e menos dispendioso do mercado metropolitano. Nos primeiros oito meses de 1959 recebemos de Angola 17 591 toneladas de açúcar e de Moçambique 56 765. No mesmo período do ano anterior as quantidades recebidas para consumo metropolitano tinham atingido, respectivamente, 22 821 e 63 885 toneladas. Em contrapartida, foi necessário importar do Brasil 10 551 toneladas, em vez de 2364. Assim se verifica, à luz da mais recente experiência, a impossibilidade em que se encontra Angola de corresponder às crescentes necessidades do mercado metropolitano. O seu consumo interno de açúcar vai em aumento. Aumenta também o das nossas províncias ocidentais. E o da Metrópole cresce em maior proporção ainda.

Nas exportações da província ocupou o açúcar, em 1958, o sétimo lugar em valor. Podia e devia ter ocupado outra melhor posição. Como a Moçambique sucede. Enquanto esta exporta anualmente muito mais de 300 mil contos de açúcar, Angola não chega a exportar cem mil.

Felizmente que uma nova e ampla organização açucareira se propõe resolver o problema em Angola. Há que auxiliar e estimular, por todas as formas o seu esforço. Exige-o a situação cambial de Angola. E impõe-o a situação económica das outras províncias ultramarinas ocidentais e da Metrópole que, ou têm de pagar açúcar importado do estrangeiro ou têm de pensar em produzi-lo, se Angola continua a não poder corresponder às possibilidades que se lhe oferecem no mercado da Metrópole. Os terrenos do Cuanza que parecem óptimos para a cultura da cana aguardam aproveitamento para poderem suprir a insuficiência de Angola na pro-

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1821 (COM PROVERBIO)



HORIZONTAIS: 1 — Pé formado por quatro sílabas uma longa e três breves diversamente combina-

Desportos

(Continuação da 6.ª página)

campo da Quinta Nova; Alto da Eira-Linda a-Velha, no Estádio Pina Manique (treinos); Bom Sucesso-Oeiras, no campo António Estêvão Simões Alves.

SÉRIE B — Queluz-Mucifalense, no campo Marques de Pombal; Montelavarense-1.º de Dezembro, no campo do Vimal; Belas-Cacém, no campo Eduardo Ferreira Pinto Basto; Lourel-Vila Verde, no campo Arménio Fernando Luís.

SÉRIE C — Camarate-Canegães, no campo da Quinta dos Barros; Tojal-P. Frielas, no campo da Meia Laranja; Povoense A. C.-Castanheira, no campo da Amiteira; Loures-Zambujalense, no campo da Areeira; Bucelenses-P. Loures, no campo Julio Camilo Alves.

Camp. juniores 1.ª Div. (2.ª fase) — Série A — Vilafranquense-Atlético, no campo de Vila Franca de Xira, às 10 e 30 h.; Belenenses-Benfica, no Estádio do Restelo, às 10 horas.

Série B — Estoril-Casa Pia, no campo da Amoreira, às 10 e 45 h.; Oriental-Sporting, no campo Eng.º Carlos Salema, às 10 e 30 horas.

Camp. juniores 2.ª Div. — Série A — Mirantense-Vitória, no campo Alvaro Gaspar, às 10 e 30 h.; Tarujense-St. Catarina, no Estádio Pina Manique (treinos), às 9 e 30 h. Série B — Carcavelos-Sintrense, no campo da Quinta Nova; Amadora-Cascais, no campo do Estrela; Cacém-Fut. Benfica, no campo Marques de Pombal, todos às 10 e 30 horas. Série C — União Povoense-Camarate, no campo do Telhal; Alverca-Sacavenense, no campo do Alverca; D. Olivais-Odivelas, no campo Alfredo Marques Augusto, todos às 10 e 30 horas.

Vitória do Olivais sobre o Operário

Aproveitando o feriado nacional, defrontaram-se ontem, à tarde, no campo «Alfredo Marques Augusto» o Desportivo dos Olivais e o Operário em jogo a contar para o Distrital da 1.ª Divisão. O Olivais ganhou por 5-1, com 1-0 ao intervalo. Para o campeonato da 3.ª Divisão registaram-se os seguintes resultados: Pinheiro de Loures, 3-Castanheira 5 e Canegães, 3-Frielas, 1. Em juniores, o Operário derrotou o Cascalheira por 4-0.

Louvor à abnegação de dois médicos

O enfermeiro-mor dos Hospitais Cívicos de Lisboa, sr. dr. Mário Carmona, louvou, em ordem de serviço, pelo seu acto de abnegação e humanitarismo, os srs. drs. António José de Barros Veloso, interno do Internato Intermédio, e Arnaldo de Seixas Nogueira de Lemos, do Internato Geral, que deram sangue, em transfusões directas, a uma criança que foi socorrida no banco hospitalar, vítima de um acidente na Avenida Infante D. Henrique, a que o nosso jornal se referiu oportunamente.

Novo membro do Conselho do Comércio Retalhista

COVILHÁ, 2 — Foi eleito para fazer parte do Conselho da Secção do Comércio Retalhista. Misto o jornalista e comerciante desta cidade sr. Joaquim Gonçalves de Carvalho, actual presidente da direcção do Grémio de Comércio dos concelhos de Covilhã, Belmonte e Penacova.

das. Delínei. 2 — Aquilo que. Colheita. 3 — Reis. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Antes de Cristo. 4 — Pronome relativo. Sapo do Amazonas. 5 — Olmeiro. Filas. 6 — Rebata. 7 — Fruta do conde. Nome de uma letra. 8 — Levante. Gemidos. 9 — No caso de. Oferecer. Escarnece. 10 — Atraíção. Poesias. 11 — O sono das crianças. Gasta. Apelido.

VERTICAIS: 1 — Em razão de. Esta coisa. 2 — Ponto cardeal. Afio. 3 — Artigo definido. Lança fora de si. 4 — Recusa. Olé. Distrito do Estado da Índia. 5 — Executei. Pronome reflexo. 6 — Grande. Nome de mulher. Rilha. 7 — Seguiu. Inunda. 8 — Pedra de altar. Serra de Portugal. 9 — Dispensa. Imposição de transmissão.

Resolveu completamente este problema?

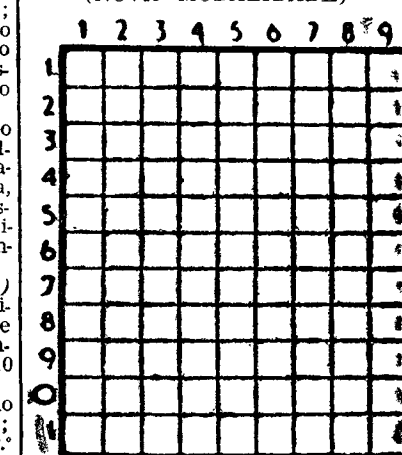
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1820

HORIZONTAIS: 1 — PEDIR. Cal. 2 — Aliai. Ata. 3 — Ibo. Acres. 4 — A. Onas. 5 — Vário. 6 — AVARENTO. 7 — Vaia. Um. 8 — Al. De. E. 9 — Rifa. Meti. 10 — Ai. Na. Ró. 11 — Adorei.

VERTICAIS: 1 — Pai. CAVAR. 2 — Elba. Valia. 3 — Dio. Vai. Fia. 4 — Ia. Parada. 5 — Ria. Rede. NO. 6 — Coia. MAR. 7 — Carnot. Te. 8 — Ateu. Ou. Tri. 9 — Lasso. Meio. (Provérbio: PEDIR A AVARENTO E CAVAR NO MAR).

Problema n.º 3869 (NOVA MODALIDADE)



HORIZONTAIS: 1 — Filme. Negra. 2 — República latina da América. 3 — Céu. Cancão. 4 — Clari. Em. a. Porém. 5 — Preposi. Nota musical. Porém. 6 — Acres. Igual 7 — Estrépite de desm. ronamento. Prefixo de negação. 8 — Campeão. Rio de Itália. Passada. 9 — Ramagem. O mais. 10 — Ap. nhava coisa atirada. 11 — Macia. Solitária.

VERTICAIS: 1 — Variedade de feijão. Ilha do arquipélago dos Açores. 2 — —Verseja. Letra grega. 3 — Pronome pessoal. Luto. Chefe etíope. 4 — Altar. Vi. Preposição. 5 — Caixa funerária. Cidade das mais belas da Europa. 6 — Proce. dia. Pronome pessoal. Passaro. 7 — Rio do Norte de Portugal. Noci. va. Parecer. 8 — Batráquio. Desco. rada. 9 — Serra de Portugal. Tigela vidrada.

Solução do problema n.º 3868

HORIZONTAIS: 1 — Suécia. Lá. 2 — Urca. Rias. 3 — Ada. Acode. 4 — Ré. Odol. 5 — Sus. Ago. 6 — Madeira. 7 — Dar. Roa. 8 — Orça. Rã. 9 — Utara. Cal. 10 — Riso. Al. te. 11 — Em. Silves.

VERTICAIS: 1 — Suara. Doure. 2 — Urde. Martim. 3 — Eça. Sarcas. 4 — Cá. Sud. Aros. 5 — Ser. 6 — Arco. Ion. Al. 7 — Iodara. CLV. 8 — Ladoga. Rate. 9 — Aselo. Males.

ASSOCIAÇÃO dos Inquilinos

Efectuou-se sob a presidência do sr. José Antunes, secretariado pelos srs. Angelo Augusto Rocha e Domingos António Soeiro, a assembleia geral da cooperativa Associação dos Inquilinos Lisbonenses, na sua sede, no Largo do Intendente Pina Manique, 52, 1.º, dt.º.

Falaram os sócios António João Regueira, Alexandre Vieira, Adeli. no Augusto Ferreira, Manuel Baptista e Moisés da Silva Ramos, presidente da direcção.

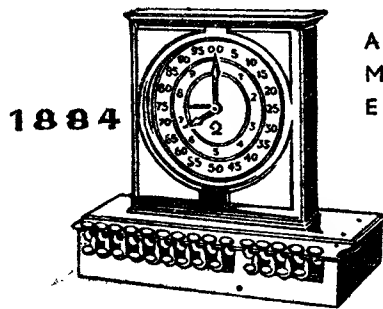
Procedeu-se à eleição dos corpos gerentes, tendo sido eleitos presidentes da assembleia geral e da direcção e do conselho fiscal, respectivamente, os srs. Henrique Carlos da Rocha Marques, José Antunes e António de Sousa Ribeiro Moreira e para a comissão de conciliação os srs. Alexandre Vieira e Francisco Bernardo e a sr.ª D. Georgina Augusta Gomes Monteiro.

O orçamento para o próximo ano foi aprovado, por unanimidade, bem como uma proposta da direcção, respeitante ao reembolso de capital de alguns ex-sócios.

COMEMORANDO 75 ANOS DE ACTIVIDADE

AO SERVIÇO DO MUNDO INTEIRO

National **OFERECE** *



1884

AO POSSUIDOR DA REGISTRADORA NATIONAL
MAIS ANTIGA EM PORTUGAL QUE SE ENCONTRE
EM FUNCIONAMENTO, UMA

NOVA E MODERNA REGISTRADORA

National



1959

PARA TANTO, BASTARÁ DEVOLVER-NOS, ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1960, O CUPÃO DEVIDAMENTE
PREENCHIDO JUNTAMENTE COM UMA CARTA, DE PREFERÊNCIA DACTILOGRAFADA, DIZENDO
QUAIS AS VANTAGENS QUE A SUA REGISTRADORA NATIONAL LHE TEM PROPORCIONADO.

A PRIMEIRA CAIXA REGISTRADORA CONSTRUÍDA NO MUNDO FOI NATIONAL

CAIXAS REGISTRADORAS • MÁQUINAS DE CONTABILIDADE • SOMADORAS • SISTEMAS ELECTRÓNICOS



THE NATIONAL CASH
REGISTER COMPANY
OF PORTUGAL

RUA AUGUSTA, 146 • LISBOA
RUA GUEDES DE AZEVEDO, 117 • PORTO
RUA FERREIRA BORGES, 79, 1.º DTO. • COIMBRA

* RECORTE, PREENCHA E ENVIE-NOS ESTE CUPÃO



QUEM É O DONO DA MÁQUINA REGISTRADORA
MAIS ANTIGA EM FUNCIONAMENTO?

NOME

MORADA

LOCALIDADE

MODELO N.º

TEM ANOS AO MEU SERVIÇO



SOCIEDADE GERAL



CARREIRAS

METRÓPOLE
ÁFRICA

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU (Via FUNCHAL)
N/M «ANA MAFALDA» — A 10/1/60. Carrega em Lisboa para CABO
VERDE a 8/1/60 e para BISSAU a 7/1/60. Carga Frigorífica dia 9/1/60
até às 12 horas. Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU
N/M «CARTAXO» — A 15/1/60. Carrega em Lisboa a 12 e 13/1/60. Este
navio escala previamente LEIXÕES

Para: LEIXÕES, S. VICENTE, PRAIA, BISSAU (se convier),
PRINCIPE, S. TOMÉ, AMBRIZ, LUANDA, PORTO AM-
BOIM, LOBITO e MOÇAMEDES

N/M «BRAGANÇA» — A 13/1/60. Carrega em Lisboa de 7 a 11/1/60.
Passageiros de 1.ª classe

NORTE EUROPA
ANGOLA

Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES
N/M «ARRAJOS» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTER-
DÃO e ANVERS até 8/1/60. Em Lisboa só para MATADI a 14/1/60
N/M «AMBRIZETE» — A carga em HAMBURGO, BREMEN, RO-
TERDÃO e ANVERS de 16 a 29/1/60. Em Lisboa só para MATADI
a 4/2/60

ANGOLA
NORTE EUROPA

Para: ANVERS, ROTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN
N/M «ALCOBAÇA» — A carga nos PORTOS DE ANGOLA de 8 a 24/1/60
N/M «ANDULO» — A carga nos PORTOS DE ANGOLA de 10 a 27/1/60

ANVERS
PORTUGAL

Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA
UM NAVIO — A carga em ANVERS a 7 e 8/1/60
N/M «ÁFRICA OCIDENTAL» — A carga em ANVERS a 14 e 15/1/60

LISBOA — R. do Comércio, 39 — Telef. 26314/5 — Telegramas GERAL
PORTO — R. Sá da Bandeira, 82 — Telef. 27363 — Telegramas SABÕES

C. M. L.

Fornecimento de mil e quinhentas varas de castanho e mil varas de castanho

Em 26-1-60, às 11 horas, realiza-se na 2.ª Rep. da D. S. F., Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, o concurso em epígrafe sendo a base de licitação de 45.000\$00.

O depósito provisório, de 1.250\$00 é efectuado na C. G. D. C. P., suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao Programa de Concurso-Tipo publicado no D. M. n.º 7.186 de 17-3-59.

O concorrente deve enviar a proposta pelo correio em carta registada ou pelo Serviço de Correios «express», para a 2.ª Rep. da D. S. F. da C. M. L., Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, de modo a ser recebida até à hora marcada para a realização do concurso e o envelope deverá indicar claramente o concurso a que se refere.

As condições estão patentes na 2.ª Rep. da D. S. F., Edifício dos Paços do Concelho, 3.º andar, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas.

Lisboa, 29-12-59.
O Presidente — António Vitorino
França Borges.

**CAIXA SINDICAL
DE PREVIDENCIA
DO PESSOAL DA INDÚSTRIA DE CERÂMICA**

Avenida Almirante Reis, 260, 1.º
LISBOA — 1

Em harmonia com o disposto na Base XXI do Despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, de 18 de Fevereiro de 1959, faz-se saber que está aberto concurso, nesta Instituição, pelo prazo de 20 dias, para o preenchimento de vagas de contabilista de 2.ª classe existentes no respectivo quadro do pessoal.

Os candidatos deverão ter obtido aprovação no concurso de admissão oportunamente efectuado na Direcção-Geral da Previdência e Habitação Económicas.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1959.
A DIRECÇÃO

AMIGOS DE SILVES

SILVES, 2. — (Pelo telefone). — O Grupo dos Amigos de Silves, promove, pela sua comissão cultural, a que preside o dr. José Formosinho Mealha, uma conferência sobre «A arte e a escola», que será proferida pelo aluno finalista da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa João Manuel Rocha de Sousa seguindo-se a exibição de filmes coloridos, elucidativos do assunto, cedidos pelos Serviços Culturais da Embaixada dos Estados Unidos em Portugal. Esta conferência está marcada para amanhã, às 17 e 30, Sociedade Gomes Vilarinho, e para ela são convidados especialmente, além do presidente da Câmara Municipal e do prior da Sé, o director, professores e alunos da Escola Industrial e Comercial desta cidade. A mesma comissão vai colaborar com a Câmara, quando das comemorações henriquinas, na organização de uma exposição sobre «O Infante D. Henrique e Silves», para a qual já conta com a muito valiosa colaboração do dr. Alberto Iria, ilustre director do Arquivo Histórico Ultramarino.

OS LOBOS

descem da serra

OLIVEIRA DO HOSPITAL, 2. — Andam aterrados os proprietários e guardadores de rebanhos deste concelho e vizinhos. É que os lobos, acicatados pela fome, estão a descer da serra da Estrela para a região, e assaltam os rebanhos. Tem havido grandes prejuízos nas cabeças de gado devoradas ou mortas pelas feras.

Novos dirigentes

da Voz do Operário

Hoje, às 21 e 30, na sede da benemérita Sociedade a Voz do Operário, efectua-se a cerimónia da posse dos corpos gerentes para 1960. O acto solene é publico.

Para os nossos pobres

Do nosso estimado leitor, sr. António M. Miguel, recebemos a importância de 20\$00 para os pobres do «Diário de Lisboa», em nome dos quais agradecemos.

Górros — Boinas
Cache-Cols
Angorá Italianos
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106

Salsicharia Favorita, L. da
CHARCUTERIE — DELIKATESSEN
Rua do Ouro, 283 — Telefone 25232 — Lisboa
Desejam aos seus Ex.ªs Clientes e Amigos Boas Festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- O empresário Vasco Morgado está a organizar uma nova companhia de comédia, que actuará no Teatro Avenida. Do elenco farão parte os artistas Brunilde Judice, Maria Paula, Alves da Costa e Artur Semedo.
- Intitulam-se «Como nasce uma canção» e «Evolução do Cinema», os dois finais de acto da revista «Quem sabe, sabe», em ensaios no Teatro A B C.
- Recomeçam no dia 4 de Janeiro, no Teatro Monumental, os ensaios da peça musicada «Margarida da rua».
- Um grupo de artistas profissionais e amadores está a ensaiar, na Academia de Santo Amaro, a comédia «A tia Engrácia».
- No Teatro Variedades, estão a decorrer os ensaios de remodelação da revista «Isto é delas», com vista à sua representação no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.
- No domingo próximo devem concluir-se as representações das revistas «Tudo na Lua», «Isto é delas» e «Delírio em Lisboa», respectivamente, em cena nos Teatros Maria Vitória, Variedades e ABC.
- É provável, que a companhia do empresário Giuseppe Bastos, depois da temporada que está a realizar em Lourenço Marques, siga novamente para Luanda, onde estreará nova revista.
- A empresa do Teatro ABC, só alugará a sua casa de espectáculos, no caso de se concretizar a ida a África da sua companhia de revistas.

Primeiras exhibições

«Europa á noite», no Roma

Em anteprimeira, o moderno e confortável Roma apresentou anteontem, no decorrer de uma entusiástica sessão de passagem de ano um filme que está a suscitar larga curiosidade, «Europa á noite», que embora incompleto, nos dá um panorama sugestivo do ambiente fas-

cinante dos principais cabarés de Roma, Madrid, Paris e Londres e de outros centros de diversão. Através da sucessão curiosa e trepidante de imagens, pode admirar-se, e aplaudir-se, interpretações de famosos «astros», como Domenico Modugno, Henri Salvador, os «Platters», Carmen Sevilha, Roland D'Arnell, Alba Arnova e muitos mais.

Sem se deslocar do seu assento, durante mais de uma hora, o espectador vê desfilar, num conjunto esufasante de cor, ritmo e alegria, alguns dos mais atraentes e caros espectáculos de «music-hall» da Europa nocturna. — *Visor 14.*

«A vedeta imaginária», no Odeon

Um filme brilhante, movimentado e fresco, com Karuja Orico, um belo sorriso do Brasil, e Charles Aznavour, um nome conhecido da canção francesa, estreou-se ontem no Odeon, para agrado do publico. No ambiente exótico das «caves» de Paris desenrola-se uma acção que é das mais desconcertantes e divertidas. O filme é assinado por Stany Cordier e foi rodado em frâncópio e eastmancolor. — *L.*

No Teatro ABC

Despedida da revista «Delírio em Lisboa»

Em ultimas representações, a revista «Delírio em Lisboa» sai do cartaz do Teatro A B C, amanhã, por motivo de compromissos tomados, mas acaba com o mesmo interesse que suscitou no publico desde a estreia. Figura á cabeça do valioso elenco Berta Loran, José Viana, Raul Solnado, Carlos Coelho, no «compère»; Daniel Garcia, Manuela Maria, Conceição Gomes, Paulo Rodrigues e nele se incluem atrações Max e Helena Tavares, e ainda a colaboração de Hortense Luz, «Delírio em Lisboa», foi sem duvida, a continuação dos melhores sucessos do A B C.

Amanhã e domingo ultimos espectáculos ás 16 horas. Domingo, ultimo dia, ás 20 e 22 e 24.

As saudações do Ano Novo

A mensagem do Chefe do Estado

(Continuação da 1.ª página)

ram, também, a necessidade de o Chefe do Estado conviver com todos aqueles que temporariamente representa, para mutuamente melhor se conhecerem e apreciarem.

No plano internacional, e como se previra, não foi de tranquilidade o ambiente mundial em que se viveu. É certo parecer agora a paz em menor risco de ser quebrada, talvez por maior temor geral á guerra. Mas esta só poderá, na realidade, ser evitada, se o Ocidente firmemente preferir a garantia da sua força, a promessas sem penhor que valha. E o desanuviamento real ou aparente dos ultimos meses, em nada contribuiu para melhorar o clima internacional criado, contra o qual muitos intimamente se revoltam, mas sem coragem de exteriormente modificarem o curso dos acontecimentos. Na situação especial e quase ímpar em que nos encontramos, cónscios da força dos nossos iguais direitos em todo o território nacional, precisamos de estar permanentemente atentos e unidos. E a união de todos os Portugueses, sempre evidentemente desejável, é agora mais indispensável do que nunca, sendo prejudicial tudo quanto a possa quebrar e só benéfico o que a possa fortalecer cada vez mais.

No ano que hoje começa, daremos mais um passo na execução do II Plano de Fomento, sendo de esperar o aceleramento do seu ritmo, para que mais rapidamente se eleve o nível de vida da nossa gente e ela possa usufruir o lar a que tem incontestável direito. Seria essa a melhor forma de marcar o ano de 1960, em que ocorrem dois centenários: o sexto do nascimento do Condestável D. Nuno Álvares Pereira e o quinto da morte do Infante D. Henrique, dois dos vultos mais salientes da história lusitana. As projectadas comemorações relativas á acção do Infante e ás repercussões dessa acção

no curso da História Universal, absorverão as especiais atenções de todo o Mundo Português e proporcionarão a vinda a Portugal de representações de velhas e novas nações, numa homenagem geral ao propulsor das descobertas marítimas dos séculos quinze e dezasseis. Entre todas avultará a esperada presença do Chefe do Estado da grande nação irmã, que ajudará a fazer as honras da casa lusitana, pois os Brasileiros, tanto como os Portugueses, orgulham-se de descende-

rem dos maravilhosos descobridores do mundo moderno. Mas a figura do Condestável não será certamente esquecida, dado que a D. Nuno Álvares Pereira se ficou devendo, em certo passo da nossa história, a vivência da própria Nação.

O ano de 1960 aparenta vir a ser, para os Portugueses de todo o Mundo e através de orgulho sem par de se sentirem lusiadas, um ano propício a cimentar a fraternidade que a todos patrioticamente deve consagrar. Deus leve a todos os lares, onde palpitem corações portugueses, a tranquila felicidade que o Chefe do Estado, indistintamente e por igual, a todos deseja.

A recepção no Patriarcado

(Continuação da página central)

des Católicas. Depois, estiveram no Paço Patriarcal ou enviaram cartões de saudação, entre outras individualidades, os srs. ministros da Defesa, Exército, Justiça, Finanças e Obras Publicas; dr. José Gomes Branco, por si e representando o sr. ministro da Educação Nacional; secretário de Estado da Agricultura, subsecretários de Estado da Indústria (Educação Nacional, Aeronáutica, Tesouro e Fomento, Ultramarino; embaixador da Bélgica, Professores Costa Sacadura, Vítor Fontes, Lino Neto, Soares Martine, eng.º André Navarro e Cordeiro Ramos; conselheiros Beça Aragão, Trigo de Negreiros, Lourenço Vasco e Ponces de Oliveira Pires; almirante Nuno de Brion, generais Correia Leal, Luís Domingues, Monteiro do Amaral, Valente de Carvalho, Silva Domingues, Anibal Vaz, D. Miguel Pereira Coutinho, Peixoto e Cunha e D. Luís da Costa Macedo (Mesquita); brigadeiro Raul Pereira de Castro, drs. Carreiro de

Freitas, Rodrigues de Matos, Carlos Santos, João Simões de Almeida, João Bastos, Azeredo Perdigão, João Couto, João do Amaral, Bento da Costa, Preença de Figueiredo, Pinto Ferreira, Jorge de Melo e Braga Paixão; comodoro Henrique Tenreiro, condes das Devesas, de Penha Garcia, dos Arcos, de Almada e de Lancaster; visconde de Santarém, marqueses de Abrantes e de Rio Maior; engenheiros José Frederico Ulrich, Carlos Alves, Duarte Abecassis, Soares Ribeiro, José Tomás Oom, Henrique Chaves, Trigo de Moraes e Rui Sá Carneiro; tenente-coronel Alvaro Salvado Barreto, Francisco Pinto Balsemão, coronel Oscar de Freitas, comandante Guilherme Reis Tomás, comandante Pais Ferreira, etc.

Também esteve presente o sr. D. Luís Pereira Coutinho, com os seus dez filhos entre os quais o sr. dr. Luís Pereira Coutinho, secretário da Presidência da República, e mais família, ao todo 17 membros. Passaram ainda pelos salões do Patriarcado, os comissários nacionais adjuntos da M. P. e a comissão nacional da M. P. F., e senhoras da direcção da Obra das Mães pela Educação Nacional.

Estiveram também presentes membros da comissão executiva da União Nacional, direcções de vários organismos da Acção Católica de ambos os sexos, muitos eclesiásticos, Confrarias e Irmandades, Superiores de várias Ordens e Congregações, Conferências de S. Vicente de Paulo, direcção e comandos dos Bombeiros Voluntários, Lisboenses, da Cruz de Malta, etc.

IMPRENSA

«A Comarca de Arganil»

Entrou no 60.º ano de publicação «A Comarca de Arganil», que tem como director o sr. João Castanheira Nunes, a quem, bem como aos seus colaboradores, felicitamos, desejando longa vida e prosperidades para aquele conhecido órgão da imprensa regional.

«Democracia do Sul»

Festejou o seu aniversário a «Democracia do Sul», que se publica em Évora, sob a direcção do sr. dr. João Leitão da Silva. As nossas felicitações e desejos de próspero futuro.

O VOO DAS AVES

TORRÃO, 2 — Foi apanhada, pelo sr. José do Rosário Caneiras, residente nesta vila, uma gaiota que trazia numa perna uma anilha com a seguinte inscrição: «N. Museum CSR — Praha — E-142394».

BEBE BARRITOS
VERMUTE COM GIN
GELADINHO

KITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por
VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS
FADOS E GUITARRADAS

HOJE

AS ACTRACÇÕES DE MAIOR
ÉXITO ACTUAL

O famoso dueto favorito do publico
LES VILLALTAS

A ARREBATADORA PARELHA DE BAILE
QUINTEROS ESPAÑA

A EXTRAORDINÁRIA VEDETA DE BAILE
LOLITA CALVO

ANA MARIA E SEU BALLET

Brevemente
EM
ESTREIA

AS FORMOSAS VEDETAS DE BAILE
DOLORES PATON

E
CARMEN POYATO

FONTORIA

O ESPECTÁCULO MAIS CASTIÇO DOS DANCINGS DE LISBOA

TODA A COR SEVILHANA NO DANCING FONTORIA

Ballet ADOLFO EL SEVILHANO

(ADULTOS)

ABC

EMP. TEATRAL
ABC
Tel. 366745

José Miguel apresenta
Hoje ás 20.30 e 22.45
e amanhã ás 16, 20.30
e 22.45 horas

**ULTIMOS
ESPECTÁCULOS
DA REVISTA**

DELÍRIO em LISBOA

Segunda-feira, 4,
no MONTIJO
Terça-feira, 5,
Cine-Teatro São José
em CASCAIS



Brevemente:
a nova revista
**QUEM SABE,
SABE...**
de
Anibal Nazaré
e António Cruz
P/Adultos
M. 17 anos

MONUMENTAL

(PARA MAIORES 12 ANOS)

— HOJE —
A NOITE ás 21.45 h.
AMANHÃ
À TARDE ÁS 16 H.

com a extraordinária
companhia brasileira

TEATRO CACILDA BECKER

na comédia de
ARIANO SUASSUNA

O SANTO E A PORCA

— PREÇOS NORMAIS —



MONUMENTAL

AMANHÃ
ás 18.30 h.

**TEATRO para
CRIANÇAS**

MAIORES DE
4 anos

A peça de
Ricardo Alberty

O Soldadinho Medroso

ULTIMO DIA

Entrada gratuita ás
crianças até aos 7 anos

Preços reduzidos: Plateia, 15\$;
3.º balcão frente, 5\$00



AVENIDA

HOJE
AS 21.45 H.
AMANHÃ
A TARDE ÁS 16 H.

(ADULTOS M/17 ANOS)

8.ª Semana de Gargalhada

A FARSA DE CLAUDE MAGNIER
com IRENE ISIDRO

A MALA DA BERNARDETTE

— OSCAR —

HENRIQUE SANTANA

HENRIQUE SANTOS
nos principais papeis

RIR! RIR! RIR! RIR! RIR! RIR! RIR!



A esferográfica Parker *tBall*

... escreve suavemente
mesmo nos casos
em que as outras
esferográficas falham!

Bilhetes postais

fotografias brilhantes

cheques

papel mole...

... escreve mesmo
até sobre manchas de
gordura, de humidade
e de transpiração
das mãos!

A diferença reside na qualidade Parker

Este tipo de funcionamento superior custa-lhe apenas um pouco mais, mas o serviço que lhe presta é incomparavelmente maior! A ponta T-BALL exclusiva da Parker tem uma textura e uma porosidade que asseguram uma escrita suave e precisa.

Seja qual for o género de escrita ou a superfície sobre que se escreva... a ponta porosa da Parker T-BALL é sempre a melhor! E isso porque essa textura... adere firme e suavemente a todos os tipos de papel... não resvalando ao escrever sobre superfícies difíceis tal como acontece com qualquer outra esferográfica e mantendo sempre a mesma cor de tinta. A ponta porosa da T-BALL permite também que a tinta penetre no interior da própria esfera movendo-se em todos os sentidos, assegurando assim um fornecimento contínuo de tinta o que permite uma escrita imediata logo que toque no papel.

A esferográfica Parker *tBall*

UM PRODUTO DE  THE PARKER PEN COMPANY

Distribuidores exclusivos para Portugal:

VIALGA, Representações SARL — Av. António Augusto de Aguiar, 90-7. — Tel. 733254 — Lisboa

PEDIDO DE EMPREGO

Chefe de família, com 49 anos, honesto e trabalhador, deseja qualquer emprego. Agradece resposta a R. Ferreira Lapa, 21-3.

Em ALCANENA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOAQUIM RAMOS VIEIRA.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Prof. José Mendes Leal



Prof. J. Mendes Leal

Com 68 anos de idade, faleceu ontem, na sua residência, na Avenida da Praia da Vitória, 18, 1.º esq., o sr. prof. eng.º José Mendes Leal, cuja figura fica ligada à história do nosso progresso fabril, pelo entusiasmo interesse que dedicou ao estudo dos problemas da indústria nacional e pela contribuição sempre valiosa que deu para a sua solução, de acordo com os interesses gerais da Nação.

Catedrático muito sabedor do Instituto Superior Técnico, onde se jubilara já, por motivos de saúde, fez parte do Conselho Superior de Indústria, do Conselho Superior de Viação e do Conselho Superior de Educação Pública, e era consultor técnico da Associação Industrial Portuguesa e engenheiro assistente da Fábrica Portugal.

O extinto, que possuía uma grande cultura e gozava de gerais simpatias, pelas suas qualidades pessoais, era natural de Coimbra. Casado com a sr.ª D. Margarida Maria Tenreiro Sarzedas Mendes Leal, era irmão das sr.ªs D. Maria Joana Mendes Leal, D. Maria Luísa Mendes Leal e dos srs. dr. Augusto Mendes Leal e engenheiro João Mendes Leal.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realizou-se hoje, pelas 9 horas, na Avenida Praia da Vitória n.º 18-1.º esq., em autocarro fúnebre para jazigo no cemitério de Torrezelo — Ceia.

Francisco Alves da Luz

Faleceu, ontem, o sr. Francisco Alves da Luz, de 70 anos, natural de Barão de São Miguel — Vila do Bispo, casado com a sr.ª D. Maria José Correia, pai das sr.ªs D. Maria Rosado Alves e Rita Correia Alves da Luz e dos srs. Francisco da Encarnação Alves, José Leal da Luz e João Vicente Correia da Luz.

O funeral, a cargo da Agência Magno, saiu esta tarde, do Instituto de Oncologia para o cemitério de Benfica.

José Afonso Henriques Munhá

Faleceu o sr. José Afonso Henriques Munhá, de 37 anos, natural de Santa Maria, Óbidos, comerciante, que era casado com a sr.ª D. Maria Ferreira Urbano Munhá. O funeral, a cargo da Agência Ricardo Henriques, realiza-se amanhã, pelas 15 e 30, da igreja da Amadora para o cemitério local.

Raul José Roussado dos Santos

Faleceu o sr. Raul José Roussado dos Santos, de 66 anos, viúvo, natural de Lisboa, funcionário da Junta Nacional dos Vinhos.

O funeral, a cargo da Agência Barata, sai amanhã, às 10 horas, da Rua Ribeiro Sanches, 67, r/c, para o talhão dos combatentes da Grande Guerra, no cemitério do Alto de São João.

D. Maria da Glória Marques Ferreira

Faleceu a sr.ª D. Maria da Glória Marques Ferreira, de 88 anos, viúva, natural de Lisboa, mãe da sr.ª D. Carmen Marques Ferreira Pinhão, sogra do sr. Manuel António Pinhão Junior, professores das Escolas Oficiais do Bairro da Encarnação, e avó do sr. Manuel Ferreira Pinhão, cadete da Academia Militar.

O funeral, a cargo da Agência Barata, sai amanhã, às 11 horas, da igreja de Santo Eugénio, no Bairro da Encarnação, para o cemitério dos Olivais.

D. Maria Emilia Duarte Ferreira Marques

MEALHADA, 2. — Na sua residência, faleceu a sr.ª D. Maria Emilia Duarte Ferreira Marques, de 41 anos, natural desta vila. A extinta era casada com o sr. Manuel Ferreira Marques, funcionário do Grémio da Lavoura local e correspondente do nosso jornal, nesta vila, mãe da sr.ª D. Judite Duarte Marques, funcionária administrativa neste concelho, irmã da sr.ª D. Lucia Duarte Ferreira de Matos e tia da professora primária a sr.ª D. Amélia Ribeiro de Matos e do sr. António Dias Ferreira da Silva, funcionário do Banco Português do Atlântico, da Figueira da Foz.

Ao nosso correspondente apresentamos sentidas condolências.

D. Maria Carolina Gomes

COVILHA, 2 — Em S. Domingos, próximo da Aldeia de Carvalho, faleceu a sr.ª D. Maria Caroli-

na Gomes, de 88 anos, viúva, mãe dos srs. José Durão Gomes, comerciante, António Durão Gomes, sr.ª D. Maria e D. Rosa Durão Gomes e sogra da sr.ª D. Celeste Morgado Durão Gomes.

Hubert Joseph Jeunehomme

SETUBAL, 2 — Faleceu o sr. Hubert Joseph Jeunehomme, de 80 anos, viúvo, industrial, sócio da firma «Sociedade Luso-Belga» de construções metálicas, natural de Liège (Bélgica), há muitos anos residente nesta cidade.

Era sogro do sr. dr. Joaquim Augusto de Barros, intendente da Pecuária deste distrito.

Serafim Cascais

SEIXAS DO MINHO, 2 — Faleceu o sr. Serafim Cascais, viúvo, de 78 anos.

FUNERAIS

D. Maria Pereira Cardoso

ARMAMAR, 2. — Realizou-se, com grande acompanhamento, para o cemitério de São Lázaro, o funeral da sr.ª D. Maria Pereira Cardoso, mais conhecida por D. Maria Santos, de 90 anos, casada com o sr. Hermanno Sebastião Pinto. Foi casada, em segundas núpcias, com o sr. Pereira Cardoso, médico militar e deputado; e depois com o tenente Manuel dos Santos Barreira, antigo presidente da Câmara Municipal deste concelho, combatente da Grande Guerra e conhecido desportista na cidade do Porto.

Era possuidora de avultada fortuna e não deixou filhos.

Deodato da Conceição Correia

EVORA, 2 — Com grande acompanhamento, realizou-se o funeral do sr. Deodato da Conceição Correia, de 71 anos, casado, comerciante e funcionário da Intendência Pecuária desta cidade.

SUFRAGIOS

Daniel Antunes dos Santos

Amanhã, às 10 horas, na igreja da Graça, celebra-se missa de sufrágio, por alma do sr. Daniel Antunes dos Santos, mandada dizer por sua viúva.

AMADORA



José Afonso Henriques Munhá

FALECEU

Maria Ferreira Urbano Munhá, Joaquim Ramos Munhá, Luíza de Jesus Henriques Munhá, José Manuel Urbano Munhá, Carlos Manuel Urbano Munhá, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade que foi Deus servido em chamar a Sua Divina Presença o seu muito e sempre chorado marido, filho, pai e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15,30 da Igreja da Amadora, para o cemitério local.

RICARDO HENRIQUES

Telefone 27684



Mário Pontes

FALECEU

Maria Ivone Gomes Pontes e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido e parente e que o funeral se realiza em dia e hora a determinar da Igreja de S. Isabel, para o cemitério do Alto de São João.

AGENCIA RODRIGUES

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

S. A. R. L.

CAPITAL — 1 milhão de contos
SEDE — Rua Braamcamp, 5, Lisboa
TELEFONES — 734191/8, 734936 e 734939

ABERTURA AO PÚBLICO

No dia 4 de Janeiro inicia a sua actividade o BANCO DE FOMENTO NACIONAL, instituição que se destina fundamentalmente a financiar empreendimentos e a orientar os investimentos do sector privado, tanto na Metrópole como no Ultramar.

O Banco tem por especial objecto as seguintes operações:

- a concessão de crédito industrial, agrícola e pecuário na Metrópole e no Ultramar;
- a concessão de crédito predial no Ultramar;
- a participação no capital de empresas constituídas ou a constituir;
- a subscrição ou compra de obrigações emitidas por empresas privadas;
- a prestação de garantias ou cauções que assegurem o cumprimento de obrigações assumidas para os fins visados pelas modalidades de crédito legalmente autorizadas ao Banco.

Além disso, o Banco de Fomento Nacional realizará outras operações já previstas nos Estatutos ou a considerar e propôr ao Governo pelo conselho geral do Banco.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1959

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 2 de Janeiro de 1930:

«Completa depois de amanhã meio século de existência o nosso prezado colega «O Século». Cinquenta anos de vida de um jornal é sucesso que ao jornalismo não pode passar indiferente. As «bóbas de ouro de um órgão da imprensa, envolvendo a história de meio século de vida nacional, dão pretexto, aos que têm memória fiel, para um mundo de recordações, de exemplos, de estímulos, de saudades».

EFEMÉRIDES

No dia 2 de Janeiro de 1924 entraram os Japoneses em Manila.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18, Noticiário e danças; 18 e 30, Rádio rural; 21, Noticiário; 23 e 45, Noticiário; 0, Fecho.

Programa «A» — A's 19, Trechos em piano; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A Orquestra de Melachrin; 20, Jornal sonoro; 20 e 15 Música de «jazz»; 20 e 30, Album musical; 21 e 15, Canções de Itália; 21 e 30, Ritmos sul-americanos; 21 e 45, Serão para trabalhadores, organizado pela E. N. e pela F. N. A. T. No intervalo, instrumentistas; 23 e 30, Danças; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

Programa «B» — A's 19, Temas portugueses; 19 e 10, «Septimino», de Beethoven, pela Associação de Musica de Camara da Orquestra Filarmónica de Berlim; 19 e 50, Noticiário regional; 20, 8.º programa do Festival «Setembro Musical de Montreux»; 21 e 20, Concerto, pelo Coro Harmonia, dirigido pelo prof. Verner; 21 e 45, Tempo de poesia; 22, Ciclo Sonata; 22 e 20, Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45, Que quer ouvir?

RÁDIO CLUBE — A's 18, Teatro de brincar; 18 e 45, Ritmos de

baile; 19, Orquestras e canções; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, On-da desportiva; 21, Solistas; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Imagens por musica; 22 e 15, Brasil; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Canções; 23, Concerto, programa de divulgação; 23 e 45, Noticiário; 2, Fecho.

RENASCENÇA — 18 e 15, Musica seleccionada; 18 e 30, Terço e benção; 19 e 5, Boletim religioso; 19 e 10, Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20 e 15, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, As ultimas novidades; 21 e 30, Fados; 21 e 45, Rádio rural; 22 e 5, Quando o telefone toca; 22 e 45, Noticiário; 23, A 23.ª hora; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; das 22 às 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, às 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal (1.ª edição); 20 e 50, programa juvenil; 21 e 45, Portugal de Além-Mar; 22 e 20, «A Gôndola»; 22 e 40, tele-desporto; e 22 e 55, telejornal (2.ª edição).

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Marques — E. de Benfica, 648, T. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B — junto á Avenida Brasil — Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade — Pote de Água Tel. 710131; Universitária — Rua o, 29-D — Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria) T. 778953;

Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; Fátima — Avenida de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) Tel. 763107; Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B — Tel. 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A — próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel — Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Contemporanea — Rua Conde de Redondo, 26-30, Tel. 45048; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65 — Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Telefone 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araújo, 46-B/C, Tel. 841708; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C — T. 862333; Rosa e Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infancia, 28-A — Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazu, 32-B, T. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM. 3, T. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Remísio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A — Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226, T. 663441; Combro (Do) — Calçada do Combro, 78, Tel. 26059; S. Marçal — Rua de

S. Marçal, 100, Tel. 25318; Bastos Andrade — Calçada de Santo André, 107-111, Tel. 860450; Americana — Calçada de Santana, 3, Tel. 863984; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A — Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24, Tel. 23540 — A —; Avelar — Rua Augusta, 225 — Tel. 23977.

A semana do contribuinte

Código da sisa e do imposto sobre as sucessões e doações

(Continuação)

— Do pagamento em prestações semestrais
O imposto sobre as sucessões e doações será pago em prestações, vencendo-se a primeira no mês seguinte áquele em que tiver terminado o prazo referido no § 2.º do artigo 87.º (oito dias a contar da notificação da liquidação definitiva), e cada uma das restantes seis meses depois do vencimento da anterior.

O imposto será dividido em 12 prestações se não exceder 20.000\$00, em 10, se exceder 20.000\$00, e não ultrapassar 100.000\$00, em 8, se exceder 50.000\$00 e não ultrapassar 100.000\$00, e em 6, se exceder 100.000\$00.

O contribuinte, porém, ou as pessoas notificadas em sua vez, podem requerer o aumento até quatro do numero das prestações, cobrando-se, em tal caso juro correspondente a 4 por cento ao ano sobre as importâncias que forem sendo pagas a menos em relação ás prestações normais, até o reembolso de cada uma daquelas.

O montante dos juros acrescerá

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 2—18 e 14' (3m,91). Dia 3—6 e 36 (4m,09); 19 e 6 (3m,74). Dia 4 — 7 e 26 (3m,88); 20 e 2 (3m,55).

BAIXA MAR

Dia 2—23 e 42 (0m,92). Dia 3—12 e 29 (0m,92). Dia 4—0 e 40 (1m,23); 13 e 21 (1m,24).

as prestações e será calculado no acto do seu pagamento.

O imposto respeitante á transmissão de mobiliários (*) só poderá ser dividido em prestações mediante caução em títulos de dívida publica ou outros papéis de crédito com cotação nas Bolsas de Lisboa ou Porto, tomados pelo seu valor real com margem não inferior a 20 por cento para depreciação, ou por meio de hipoteca sobre bens livres de encargos, ou de fiança de pessoa idônea.

— Artigo 120.º e §§ 1.º e 2.º

Agenda do Leitor

Contribuições Gerais do Estado

Reclamar, no prazo de 90 dias a contar do dia imediato ao da abertura dos cofres para a sua cobrança, a anulação por qualquer erro havido nos lançamentos.

Contribuição Predial

- Colocação de escritos
- Prédios devolutos

eVerificar se estão colocados escritos em todos os prédios de que se obtiver do arrendatário declaração de que se considera despedido ou equivalente.

— Artigo 970.º do Código de Processo Civil.

(*) Mobílias, dinheiro, jóias, e mais objectos de uso pessoal ou doméstico.

Houve distúrbios na passagem do ano

-em diversas capitais da Europa e assinalaram-se muitos casos de morte

PARIS, 2 — A capital francesa saudou a chegada de 1960 com um clamor ensurdecedor, em que sobressaíam o badalar dos sinos das igrejas e o som dos «klaxons». Os motoristas desforraram-se, buzina-ram alegremente, porque, uma vez no ano, podem fazê-lo sem receio de multa.

Os lugares de diversão, as esplanadas dos cafés ao longo dos «boulevards», os cinemas e as «boîtes» munidas de pista de «bowling» — o jogo norte-americano que dá agora o tom entre a alta sociedade — francesa — registaram uma noite de en-chenetes e venderam grandes quan-tidades de champanhe e ostras. Todavia, não se dançou na via pública, como nos anos anteriores. — (A.N.I.).

5000 TURISTAS NO FUNCHAL

FUNCHAL, 2 — A noite de São Silvestre, nesta cidade, assistiram cerca de cinco mil portugueses e estrangeiros, vindos especialmente à Madei-
ra para os festejos da passa-
gem do ano. A cidade, vistosa-
mente iluminada e orna-
mentada, registou movimento
excepcional. Os festejos decora-
ram com a maior animação,
sob uma temperatura amena,
entre os 15 e os 22 graus. —
(A. N. I.).

Palavras severas do presidente Kubitschek de Oliveira

RIO DE JANEIRO, 2 — Chegou a hora em que já não se justifica qualquer tolerância para com os promotores da desordem — declarou o presidente Kubitschek de Oliveira, na mensagem de Ano Novo que dirigiu à nação brasileira, por intermédio da Rádio.

O texto foi lido pelo ministro da Justiça, Armando Falcão, em virtude de se encontrar constipado o chefe do Estado. Sobre a política externa, o presidente disse que o seu Governo continuará coerente com a linha política que adoptou até agora, muito especialmente no to-cante ao prosseguimento da opera-ção pan-americana — (A.N.I.).

«K» confia na conferência Leste-Oeste

MOSCOW, 2 — Na recepção anual do Kremlin, pelo Ano Novo, o chefe do Governo soviético pro-nunciou um brinde em que deu a entender que estaria na disposição de reduzir unilateralmente os efec-tivos militares russos, caso o Oc-idente não aceitasse o seu plano de desarmamento. Sublinhou, no en-tanto, o potencial soviético em mis-

seis e armas nucleares, afirmando que será ainda aumentado.

Na mensagem de Ano Novo «K» lembrou que a conferência Leste-Oeste se realiza em 16 de Maio, di-zendo que a U. R. S. S. conta que se tomará nela decisões adequa-das para encontrar os caminhos que levem a acordo quanto ao desar-mamento e outros problemas ur-gentes da política internacional. — (A.N.I. e F.P.).

Desordens na Haia

HAIA, 2 — Pouco depois da meia-noite de ontem, grupos desordeiros principiaram a incendiar as árvores de Natal nas ruas da cidade, ten-tando impedir ao mesmo tempo que os bombeiros extinguíssem os in-cêndios. A Polícia interveio com os seus novos carros, semelhantes a tanques mas munidos de grandes mangueiras, e varreu as ruas de Haia á agulheta.

Em consequência dessa «limpe-za» estão hospitalizadas cerca de 300 pessoas, 30 das quais em estado grave.

A Polícia informa que prendeu já 8 pessoas. Esta tarde, a ordem es-tava completamente restabelecida. — (A.N.I.).

Os petardos fizeram vítimas na Itália

ROMA, 2 — Morreram duas pes-soas e ficaram feridas cerca de uma centena por explosões de petardos e bombas, costume tradicional dos Italianos, na festa do Ano Novo. Em Nápoles, uma mulher de 57 anos sucumbiu a uma crise cardíaca, após a explosão de um grande petardo na rua. Na mesma cidade, um homem de 30 anos foi morto.

O Benfica venceu o Belenenses (3-2) e os «azuis» comprometeram as suas aspirações

Já com o final do Campeonato á vista, o jogo Belenenses-Benfica trouxe esta tarde um sopro de in-teresse ao torneio. A vitória dos «encarnados» teve o condão de manter o interesse pelo resto da prova.

Belenenses, 2-Benfica, 3

Jogo no Estádio do Restelo, com regular assistência, apresen-tando-se as equipas assim consti-tuídas:

BELNENSES — Fernandes; Castro e Bento; Carlos Silva II, Figueiredo e Rosendo; Mendes, Cravo, Martinho, Carvalho e Ale-moázinho.

BENFICA — Ramalho; Sidónio e Zezinho; Flávio, Alfredo e Iná-cio; Vieira Dias, Mendes, Torres, Espírito Santo e Peres.

Árbitro — Fernando Martins.

Antes de começar o jogo guar-dou-se um minuto de silêncio pelo falecimento de Eduardo Pombo.

Os «azuis» começaram aberta-mente ao ataque, perdendo algu-mas oportunidades. Aos poucos, os «encarnados» começaram a equi-librar a partida e, movimentando-se melhor ao ataque, abriram o acti-vo, aos 18 minutos, com um bom «tiro» de Mendes.

O Belenenses não acusou o to-que e conseguiram estabelecer pe-rigo junto às redes de Ramalho; no entanto, o Benfica sempre mais perigoso, conseguiu, aos 23 minu-tos, novo tento, por Peres, na se-quência de um «canto». Diga-se que o Benfica actuava, então já com 10 elementos, por saída de Torres, magoado.

Aos 34 minutos, Mendes fez o 3.º golo para os «encarnados». Fernan-des foi substituído por Nascimento nas redes, e Carlos Silva, por João.

Aos 41 minutos, o Belenenses marcou um golo por Carvalho.

Áo intervalo: Belenenses, 1-Benfica, 3.

A beira do fim Carvalho fez

pelo rebentamento de uma grande bomba de papel. Ainda em Nápo-les, ficaram feridas 32 pessoas. Em Roma, houve 26 feridos, um dos quais gravemente. Grande numero de pessoas foi vítima de atentados á mão armada. Na residência do marquês Filippo Alliata foram rou-bados muitos objectos de valor, e quadros de mestres pintores. — (F. P.).

«Quase motim» em Copenhague

COPENHAGUE, 2 — Os habitan-tes de Copenhague festejaram a úl-tima noite do ano de uma maneira tão movimentada e barulhenta, que a Polícia a classificou de «quase motim». — (F. P.).

26 mortos na capital do México

MÉXICO, 2 — Os habitantes da capital do México festejaram ale-gremente, como de costume, a pas-sagem do ano. Apesar das precau-ções tomadas pelas autoridades, houve muitas imprudências. Na madrugada de 1 de Janeiro regis-taram-se nove mortos em acidentes de circulação na cidade e dezasseis pessoas morreram em consequên-cia de congestões alcoólicas. — (F. P.).

175 mortos na América

CHICAGO, 2 — A's nove horas (T. M. G.), o numero de mortes já registadas em acidentes de viação relacionados com os feriados do Ano Novo era de 175, afirmando o Con-selho Nacional de Segurança que, a manter-se este ritmo até ao fim-da-semana, será estabelecido um dolo-roso «record». — (A. N. I.).

novo golo para o Belenenses, aca-bando o jogo com a vitória do Ben-fica, por 3-2.

Oriental, 1 — Atlético, 1

Jogo no campo «Eng.» Carlos Sa-lema». Os grupos alinharam:

ORIENTAL — Arnaldo; Carvalho e Pereira; Cordeiro, Costa e Posti-go; Libório, Leitão, «Jack», Pigas e Ferreira.

ATLETICO — Pinho; Linhões e Pereira Correia; Fonseca, Vítor Henriques e Tomás; Carlos Alber-to, Gomes, Apolinário, Mega e Tei-xeira.

Árbitro — Carmo Lopes.

O jogo decorreu equilibrado até ao intervalo, aceitando-se, portanto, com toda a naturalidade o empate a uma bola, registado no fim da 1.ª parte.

Os visitantes marcaram, aos 12 minutos, por intermédio de Apoli-nário e os donos do campo iguala-ram, aos 28 minutos, com um re-mate de cabeça de Postigo.

No Oriental, Carapinha ocupou o lugar de Pereira e, no Atlético Tei-xeira foi substituído por Galinho.

Na 2.ª parte, Pimenta entrou para o lugar de Pinho, na baliza do Atlé-tico. O Oriental dominou quase sempre, mas não teve sorte e o fim do jogo chegou com o empate que já se registava ao intervalo.

Alívio rápido da AZIA

Um excesso de ácido no estô-mago causa dores e outros incômodos. A Magnésia «Bi-surada» dá-lhe alívio rápido. Neutraliza o ácido em poucos minutos, acalma as membra-nas inflamadas das paredes do estômago e faz com que este volte a funcionar normalmente. A venda em pó e comprimidos.

Magnésia BISURADA

O CÃO

não quis falar...

DRIGHLINGTON (Inglaterra), 2 — A senhora Kai Ouns-worth resolveu organizar uma demonstração pública em que apresentou á Imprensa e a ou-tros cépticos o seu «Corky» — o cão que fala correntemente. O bicho é que, não parece ter gostado de tanta publicidade. Amuou e apenas disse: «Sou um tipo esperto».

A dona ralhou, ameaçou, pe-di-u, suplicou, cantou-lhe, disse-lhe palavras ternas, mas «Cor-ky» encerrou a sessão, repetin-do apenas: «Sou um tipo esper-to». — (A. N. I.).

Os aliados ocidentais decidiram que a conferência Leste-Oeste não será uma «reunião breve»

LONDRES, 2 — Os aliados ociden-tais resolveram abandonar os pri-mitivos planos para que a confe-rência Leste-Oeste, em Maio próxi-mo, fosse uma «breve reunião» — declararam hoje círculos autoriza-dos britânicos. Em vez disso, es-peram que venha a durar pelo me-nos oito a dez dias, talvez mais.

Ao fazer esta alteração, o Ociden-te parece ter accedido aos desejos do chefe do Governo russo, que pretendia uma conferência com tempo suficiente para completa discussão de questões tais com o desarmamento, os problemas de Berlim e da Alemanha, e as rela-ções entre o Leste e o Oeste.

O primeiro convite do Ocidente á Rússia para uma conferência de alto nível foi enviado, em 22 de

DEMITIU-SE

o Governo do Laos

VIENCIANE, 2 — O Governo laociano apresentou a demissão co-lectiva, em consequência de diver-gências quanto á interpretação da lei eleitoral no Conselho de Minis-tros de 28 de Dezembro — anun-ciou um comunicado da Presidên-cia do Conselho.

Phuoi Sananikone, primeiro-mi-nistro, entregou ao rei a demissão do seu Governo — (F. P.).

LONDRES, 2 — Um informador do Foreign Office confirmou hoje que o Governo britânico recebeu um relatório da sua embaixada em Vienciane referente á mudança de Governo no Laos. Uda confirma que tenha havido golpe de Estado do Exército. — (F. P.).

Dezembro, com a ideia de uma reunião «breve», que durasse qua-tro ou cinco dias, no máximo. Foi proposta a data de 27 de Abril, em-bora o Ocidente soubesse perfeita-mente que «K» teria de estar de regresso em Moscovo a tempo de assistir ás comemorações anuais do 1.º de Maio.

A contraproposta de Kruchchev, recebida na véspera do Natal, não deixou duvida alguma de que o chefe do Governo russo tinha em mente uma conferência mais demorada, mesmo que o não tivesse dito com tantas palavras.

«K» sugeriu uma reunião em 21 de Abril ou em 4 de Maio. A pri-meira data, segundo declararam os círculos britânicos, foi uma clara indicação de que o dirigente russo estava disposto a sentar-se a uma mesa com os seus colegas ociden-tais, durante oito ou dez dias.

Não foi especificado qualquer li-mite de tempo na subsequente pro-posta do Ocidente, sugerindo a data de 16 de Maio e que «K» aceitou imediatamente. Mas, os mesmos círculos britânicos disseram que oito a dez dias parece agora ser a du-ração provável.

O primeiro-ministro britânico de-clarou ontem, numa entrevista con-cedida ao «Daily Express», de Lon-dres, que, em sua opinião, a reu-nião no mais alto nível durará «cer-ca de oito dias». — (A. N. I.).

VISADO PELA CENSURA

COLISEU

O espectáculo do Ano!

O espectáculo de

todos os anos!

Hoje, penultimo sábado da grande companhia com entra-da ás crianças a partir dos 6 anos as maiores atrações da Grande Companhia de Circo no Coliseu. Amanhã á tarde, entrada gratuita ás crianças até 10 anos.

C menino 1960 tem apenas dois dias mas já quer, como todas as crianças traquinas, ir ao Coliseu. Pois vai ao Coliseu hoje, com to-da a petizada, porque ao espectá-culo podem assistir crianças. Co-mo ele se vai divertir a ver e a aplaudir as maiores atrações da actualidade da Grande Companhia de Circo: Kinito, o rei da garga-lhada, ciclistas, icários, ursos ja-poneses, malabaristas, trapezistas, pêndulo humano, escada aérea, saltadores, equilíbrio em corda tensa e duas engraçadíssimas parelhas de palhaços. Amanhã, á tarde, en-trada gratuita ás crianças até 10 anos e á noite, ás 21 e 30.

BEBA BARRITOS VERMUTE INDIVIDUAL

VÁ TODOS OS DIAS AO Restaurante «Imperial» do Carregado

Prato da casa: «Ensapado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

GAMBRINUS

Cumprimenta os seus amigos e clientes e comu-nica-lhes que para efeito de balanço está ama-nhã encerrado, reabrindo segunda-feira, dia 4.

Quais são os seus votos para 1960?

magazine

Diário de Lisboa

NÚMERO 77

Diário de Lisboa



PAZ E ALEGRIA

ANNO NOVUM

Ao começar este Novo Ano — o Ano Bom — Magazine não vai fazer concorrência aos horóscopos, mas considera seu dever revelar aos Leitores a ideia

um desanuviamento pacífico nas relações internacionais; em segundo lugar, extraordinários feitos no campo da Ciência, como seja a enxertia, realiza-

O ano de 1960, na senda de paz, que se prenuncia, deverá chegar ainda mais longe em conquistas úteis, pois é na Paz, na coexistência e no respeito

que, antecipada e justificadamente, tem acerca dos tresentos e sessenta e seis dias que vamos começar, a utilizar.

1959 foi um ano em que se registaram notáveis acontecimentos: em primeiro lugar,

da com inteiro êxito, de cabeças e pernas em animais (facto de enormes consequências no futuro da medicina), e os resultados já obtidos na conquista dos espaços interplanetários.

mútuo dos povos e dos homens, que todas as vitórias, todo o progresso são possíveis. Inclusive aquilo que mais estimamos: a tranquilidade.

Hoje já não é pedir de mais quando se pede isto tudo.



QUE A RESIGNAÇÃO DE LUGAR A INTREPIDEZ E A CORAGEM, DE MANEIRA A ESTARMOS A ALTURA DA ÉPOCA EM QUE VIVEMOS
— ALVES REDOL

Um novo ano vai iniciar-se. Um ano novo de trabalho, de estudo e de luta. Mas também um novo ano de amor e de confiança na vida. Em cada ano que começa renova-se no nosso coração uma esperança já cansada mas que reverdece sempre como os rebentos na Primavera.

Um novo ano não é nem o princípio nem o fim do que quer que seja: E', bem o sabemos, um novo elo numa caminhada que vem de longe e se projecta para a frente. Mas é, sem dúvida, o momento em que todos nós, mesmo insensivelmente, escolhemos para dar um balanço do que fizemos e do que não fizemos. E' o momento, digamos, de fazer o ponto na nossa jornada e ver se o rumo que levamos está certo ou errado.

E' ainda o momento em que todos pensamos qual o desejo mais sentido que gostaríamos de ver realizado no ano que se segue. Por isso o Magazine quis registar neste primeiro número do ano os votos para 1960 dum conjunto de figuras destacadas nos vários campos de actividade da vida nacional. E é extraordinariamente agradável verificar que a Paz, o Entendimento entre os homens, a Tolerância e o desejo de Coragem para marchar em frente para melhores dias é o desejo comum que liga fraternalmente todos os nossos entrevistados. Que esta admirável unanimidade de pensamento num objectivo tão nobre seja sinal de que o próximo ano será um ano frutuoso de bens humanos. São esses, também, os nossos votos fervorosos.

O escritor Alves Redol:

— Que a resignação dê lugar á in-



trepidez e á coragem, de maneira a estarmos á altura da época surpreendente que vivemos.

Que a lucidez bata á porta dos pobres de espírito, daqueles que desejam travar a marcha do homem para as estrelas. E com isto não me refiro só ás trelas do Céu, mas ás que cada um de nós tem dentro de si e á sua volta.

O actor Raul Solnado:

— Duma maneira geral desejo

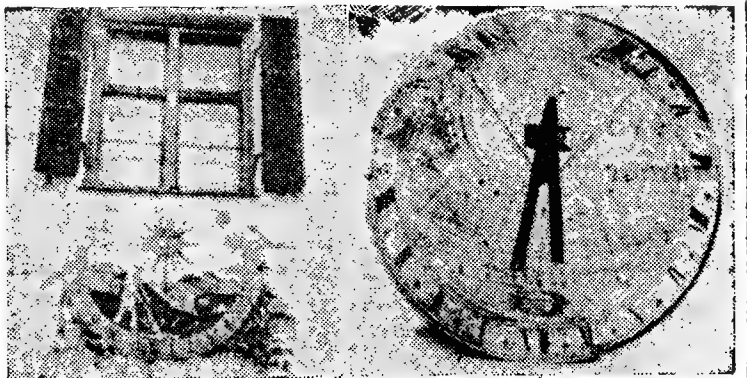
(Continua na 3.ª página)

por JOÃO CAMPOS

Mais um ano e menos um ano, como dizia filosoficamente um velho carcereiro aos presos que guardava. Mais um ano de prisão, que significava menos um ano a cumprir. Neste princípio de Ano Novo também me apetece dizer com ele: mais um ano passado e menos um ano a passar.

O tempo ultrapassa-nos, nada o detém. E nada também mais difícil de definir que o tempo. Infinito, breve ou longo, inexorável, todas as nossas definições de tempo

continua dos anos. Os Gregos chamaram-lhe Kronos (donde fomos buscar as palavras cronologia, crónica, etc.) e representavam-no devorando os dias na figura de seus filhos. A latinos identificavam-no com Saturno (o chamado período Saturniano é aquele em que os continentes tomaram forma actual). E se modernamente conseguimos meios técnicos que nos permitem cortar o tempo com exactidão, não é menos verdade que já na antiguidade se conseguiu esta-



são arbitrárias pois que tempo é, essencialmente, abstracção. Podemos medi-lo ou dividi-lo tanto em muito grandes como em infinitamente pequenas fracções. Que distância enorme entre a eternidade e o segundo.

Já não há tanta razão para ficarmos admirados entre o tempo que vai do relógio solar ao relógio falante. Cinco mil anos é muito? Enorme se considerarmos o facto á escala humana, mas é imponderável se o situarmos na sinceridade dos séculos.

Ao personificarem o tempo os antigos representavam-no na figura de um velho alado, de foice e ampulheta. As asas significavam a rapidez, a foice a sua força destruidora e a ampulheta a passagem

belecer calendários o que significa a existência de observações prévias.

De facto, pode-se afirmar com segurança no ano de 4241 antes da era cristã os Egípcios tinham já o seu calendário. Dividiram os dias em dois períodos de 12 horas (o dia e a noite) e o ano em 12 meses com três estações: lavoura, sementeiras e colheitas.

Também os nossos antepassados tiveram os seus calendários. Quem alguma vez passou pela Bretanha viu decerto vários alinhamentos de pedras que não são outra coisa que calendários solares pré-históricos.

Entre os Romanos foi Julio César que criou o chamado calendário Ju-

(Continua na página seguinte)

O fim da escravatura na América

A América do Norte é uma terra de grandes contrastes. Refugio, durante séculos, de todos os perseguidos da velha Europa, pátria de Thomas Jefferson, Abraham Lincoln e Walt Whitman, é também a terra da discriminação racial e da famigerada seita do Ku-Klux-Klan.

Esses contrastes, que já no século passado deram origem a uma cruenta guerra civil, resultaram das diferentes estruturas económicas das duas partes dos Estados Unidos: o Norte, fortemente industrializado, que reclamava cada vez mais a existência de trabalhadores «livres», isto é, assalariados, o Sul, predominantemente rural, que tendia à preservação do trabalho escravo. Daí um permanente conflito entre os Estados do Norte e do Sul, cuja repercussão chegou até aos nossos dias.

A escravatura principiou nos Estados Unidos de uma maneira bastante curiosa. «Sir» Walter Raleigh,

amigo íntimo da rainha Elisabeth, partiu para o Novo Mundo em busca de ouro, mas o mais que ali encontrou foi uma estranha planta da qual os indígenas saboreavam o fumo com visível prazer. O nobre inglês quis experimentar, deliciouse também e, de regresso à Inglaterra, revelou essa nova voluptuosidade à austeridade soberana e aos membros da sua corte. Assim nasceram a voga do tabaco e o hábito de fumar. Foi para satisfazer esse novo vício que Raleigh procurou transformar em colónia a terra que ele tinha nomeado Virgínia, em honra da rainha solteira que ocupava então o trono de Inglaterra. A sua tentativa fracassou, e em 1602 os seus últimos companheiros tinham reembarcado.

Mas em breve outras tentativas alcançariam maior êxito. Jacques I pretendia impor o anglicanismo a todos os seus súditos. Em lugar de se submeterem, os mais fervorosos, na sua maioria cavinistas, preferiram expatriar-se. A Companhia de comércio de Londres transportou uma centena de dissidentes para a costas de Virgínia e aí eles fundaram, em 1607, a pequena cidade de Jamestown, o mais antigo estabelecimento anglo-saxão do Novo Mundo. Foi em vão que os novos colonos procuraram o ouro de que, segundo se dizia, a América estaria cheia, mas a cultura do tabaco prometia óptima compensação. Ela exigia, porém, esforços incompatíveis pelo brancos habituados a um clima muito menos quente. Em 1619, os primeiros escravos negros foram importados de África. Assim principiou a organização, ao Sul do território dos futuros Estados Unidos da América, uma Sociedade de plantadores que procuravam assemelhar-se quanto possível à aristocracia inglesa do seu tempo.

Muitas novas colónias se fundaram depois no território da América do Norte, todas elas prosperaram e se arrogaram de uma crescente autonomia. A Inglaterra não deixava de ser a fonte principal da emigração para o Novo Mundo e a política seguida pela Grã-Bretanha em relação às suas colónias, baseada no princípio de que estas deviam fornecer matérias-primas à mãe-pátria, sem, no entanto, competir com ela nas indústrias, tornara-se incompatível com o grande incremento da economia norte-americana. A inevitável Declaração da Independência — adoptada em 4 de Julho de 1776 — marcou para a História o nascimento de uma nova e grande Nação. Mas essa mesma Declaração, ao proclamar que «todos os homens nascem iguais; que lhe conferiu o Criador certos direitos inalienáveis, entre os quais o de vida, o de liberdade, e o de buscar a felicidade; que para assegurar esses direitos se constituíram entre os homens governos cujos poderes justos emanam do consentimento dos governados», estava enunciando também uma filosofia da liberdade humana que não poderia harmonizar-se com o escravismo dos Estados Sulistas.

A introdução da monocultura algodoeira fizera entretanto aumentar enormemente o número de escravos e a maioria dos fazendeiros do Sul chegara a considerar a escravatura como factor básico da sua economia. Mas a industrialização crescente do Norte creara ou-



(Continuação da página anterior)

liano (repara que o sétimo mês do ano se chama Julho — de Julio — para comemorar a conquista da Galia nesse mês). Mas este calendário foi calculado de maneira que o ano teórico é um pouco mais curto que o ano astrológico. Como sabemos, existe uma diferença entre a rotação da Terra em torno de si própria, que determina o dia e a noite (24 horas) e a sua rotação à volta do Sol que serve para determinar o ano (365 dias e 6 horas). São estas 6 horas de diferença que torna difícil estabelecer o calendário.

Em 1582 o Papa Gregório XIII decidiu pôr mais ordem nas coisas, corrigindo-o; e, assim, o 5 de Outubro daquele ano passou a ser o dia 15. E ainda por esse calendário que nos guiamos.

Das «Calendas gregas» ao Ano I da Revolução

Os Romanos chamavam aos seus

aboliconistas, com um total de 22 milhões de habitantes, a onze Estados escravagistas, com 9 milhões de habitantes.

A decisão dessa luta foi favorável aos Estados do Norte que, além do seu maior potencial humano, contavam com uma grande superioridade industrial, e assim, no dia 13 de Abril de 1864, a cidade de Washington achava-se festivamente iluminada e a multidão comemorava nas ruas a rendição de Lee. Os negros haviam conquistado a sua liberdade e, em Dezembro de 1865, o Congresso formalizava essa conquista, ratificando a XIII Emenda à Constituição, que abolia definitivamente a escravatura.

Tinha entretanto sucedido aos vencidos uma infelicidade ainda maior que a derrota militar. Lincoln fora assassinado em pleno teatro, no dia 14 de Abril de 1865, pelo actor Booth. O vice-presidente Johnson, homem honesto mas impolítico, foi facilmente afastado pelos «financeiros» do Norte, ávidos de aproveitarem, a vitória. O novo presidente, o general Grant, vencedor do Sul, bom guerreiro e homem político, nulo, não estava à altura das circunstâncias e desse modo a chamada época da «recons-

meses calendas, idos, nonos e velas. Era nas calendas que costumavam ser marcados os pagamentos das dívidas. Ora os Gregos não adoptaram as calendas e por isso se dizia por graça e ainda hoje se diz, que pagar uma dívida nas «calendas gregas» significa nunca mais a pagar.

Os Romanos contavam os anos a partir da fundação lendária de Romulus em 753 A. C. e nós, como todos os povos cristãos contamos desde o nascimento de Cristo.

Os Muçulmanos contam-nos a partir da fuga de Mahomet para Medina em 662; os Israelitas a partir do que consideram a criação bíblica do Mundo, no ano 3760 A. C.

Os dirigentes da Revolução Francesa imaginaram um novo calendário onde os meses estavam divididos em três dezenas de dias e no qual o primeiro dia do primeiro ano foi o 22 de Setembro de 1792, data da proclamação da República. Teve apenas a duração de 12 anos pois

tem as excelências das eleições e do parlamentarismo.

Surgiram então governos de fantasia, eleitos pelos votos massivos dos negros. Alguns cidadãos de cor transformaram-se, sob a direcção de hábeis «meneurs» políticos, em legisladores, magistrados e ministros. Nem mesmo era necessário saber ler. A pilhagem de bens públicos e privados, as humilhações e violências exercidas sobre os antigos fazendeiros, sucediam-se.

Mas a violência chama a violência e alguns brancos agruparam-se em sociedades secretas com o fim de intimidarem os negros. Ora, a mais célebre de todas essas sociedades, e também a mais cruel e durável, foi o Ku-KluxKlan.

Essa famigerada sociedade fora fundada em Nashville (Tennessee) por um grupo de oficiais do exército sulista. O Klan, ou «Império invisível do Sul», tomou bem depressa grande extensão, multiplicando as «lojas», chamadas «antros» (dens).

Ao princípio, a actividade do Klan limitava-se à intimidação dos negros, que são muito sensíveis a tudo o que apresente um aspecto sobrenatural, por meio dos ornamentos bizarros usados pelos seus

Napoleão aboliu-o em 1806; contudo, continuam na recordação os felizes nomes dos meses criados pelo poeta Fabre d'Englantine: Vendimário (mês das vindimas), brumário (das brumas), frimário, (dos frios), termidor (do calor), etc.

Da ampolheta ao cronómetro

Só nos tempos modernos foi possível, de facto, avaliar o tempo com exactidão. Durante séculos, os únicos instrumentos de medida foram a ampolheta e os quadrados solares só possíveis de utilizar nos dias de sol e, depois, a clépsidra, um relógio de água de construção muito engenhosa. Só no século XV, apareceram os primeiros relógios de pesos. No mesmo ano deu-se a descoberta de Galileu, revelando a igualdade do tempo nas oscilações, o que deu lugar ao relógio de balanço.

O inventor do relógio de bolso foi devido a um tal Jean Coultard que, entre outros, fabricou 2 para Francisco I, mas eram ainda pouco exactos. Foi só no século XVIII com Beaumarchais que se conheceu o relógio com precisão. Mas isso é já a história da relojoaria. Por hoje apenas queremos assinalar a passagem do Ano Novo falando no tempo e nas formas diversas de contar os dias e os anos que vão passando como uma folha de album e nos fazem velhos.

O Ku-Klux-Klan deveria no entanto reaparecer ainda, e desta vez com um programa muito mais nefasto e um aspecto mais antipático. Os soldados de cor, incorporados durante a primeira Guerra Mundial no exército dos Estados Unidos, regressaram à sua terra pouco dispostos a suportar a condição de inferioridade em que os brancos queriam mantê-los. Os brancos, por sua vez, reagiam da maneira habitual.

Agora o Klan renascente deixara de ser um organismo de defesa para tornar-se um instrumento de ataque, e já não visava exclusivamente os negros, mas também outras raças e diferentes camadas sociais. Os seus fins, mais ou menos confessos, eram: lutar contra os Judeus, opor-se aos progressos realizados pelo catolicismo sobre o velho espírito protestante, proibir a entrada nos Estados Unidos, a todos os emigrantes de origem latina... Desta vez, infelizmente, também as actividades do Klan se não limitavam a tentativas de intimidação e os crimes cometidos pela seita, sómente num Estado (Texas) e num único ano (1922) ultrapassaram quinhentos. O número

e a famosa seita do Ku-Klux-Klan

por ALFREDO BRAZ

tro tipo de mentalidade e originara um forte movimento abolicionista.

Desde meados de 1840 a questão da escravatura veio a ser o problema dominante da política americana. Os discursos de Abraham Lincoln, os poemas de Whitman e, sobretudo, o celeberrimo romance de Harriet Stowe «A cabana do pai Tomás», haviam ajudado a formar um forte movimento abolicionista, clavigista. As desinteligências entre o Norte e o Sul tornavam-se mais profundas de ano para ano e, a 12 de Abril de 1861, depois de um apelo desesperado de Lincoln a que o Sul permanecesse surdo, principiou uma sangrenta guerra civil que opunha vinte e três Estados

trução» (1865-76) tornou-se o período mais sombrio e corrupto da história dos Estados Unidos.

Com a supressão brutal da escravatura, a economia sulista tinha-se desagregado. Os financeiros do Norte, pelo contrário, haviam beneficiado amplamente da guerra e preparavam-se para explorar ao máximo a sua vitória. O que tinha sido uma bela e justa causa transformara-se num zelo negrífico bastante suspeito, e assim que a XV Emenda à Constituição (1868) concedeu aos negros o direito de sufrágio, logo uma legião de aventureiros sem sombra de escrúpulos se abateu sobre o Sul com o fim de revelar aos pobres escravos de on-

membros, de expedições nocturnas a cavalo, reuniões fantásticas à luz de archotes e proclamações sonoras. Mas depressa se tornou o caminho das maiores violências, que foram até ao «linchamento» dos antigos escravos. O Governo federal acabou por se inquietar e votou uma lei dissolvendo a nefasta associação (1871). Os brancos tinham entretanto reconquistado a sua antiga preponderância económica, social e política. A necessidade de um tal instrumento de intimidação deixara de fazer-se sentir e a sociedade foi dissolvida pelo seu próprio chefe, o general Forest.

dos filiados, nesse mesmo ano, atingia cerca de um milhão.

As lutas intestinas dos dirigentes do «Império Invisível», bem como a repressão das autoridades federais e a hostilidade da própria opinião pública, motivaram um novo declínio do Ku-Klux-Klan. Mas com a segunda Guerra Mundial a famosa sociedade secreta teve uma nova ressurreição, embora se torne nítido que a sua influência tende a declinar. Desta vez as autoridades federais parecem decididas a lutar firmemente contra a segregação racial e os seus violentos defensores.



CÃO
PÊN
DIO

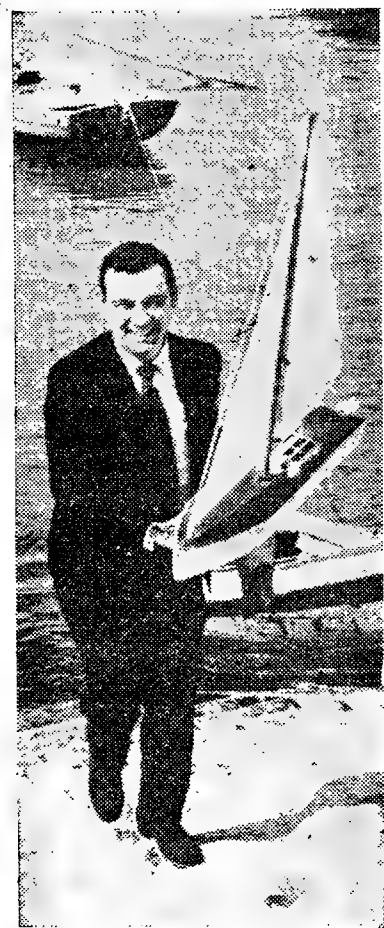
um livro
de humor

desenhos
e texto
de
TÓSSAN



EDIÇÃO
DA PORTUGALIA

Duma maneira geral desejo paz e entendimento entre os homens — conta-nos o actor Raul Solnado.



(Continuação da 1.ª página)

paz e entendimento entre os homens.

Pessoalmente quero pouco, apenas um teatro novo com 400 lugares.

PREPARANDO A «FLORIADA» DE ROTERDÃO

Cerca de milhão e meio de bolbos floridos estão agora plantados nos prados de Roterão em preparação para a maior exposição internacional de horticultura jamais organizada em qualquer parte do Mundo: a «Floriada» que terá lugar de 25 de Março a 25 de Setembro de 1960, nas 400 000 jardas quadradas situadas entre o bem conhecido Museu Boymans-Van Beuningen e o rio Meuse.

A gravura mostra o famoso «Ninho de corvo» (com restaurante) com 300 pés de altura que será a maior atracção da «Floriada», de Roterão.



O ano de 1960 aparece já perante cada um como uma certeza — afirma o prof. Rui Luís Gomes.

— Um novo ano é sempre uma esperança renovada, mas o ano de 1960 aparece já perante cada um de nós como uma certeza — de paz entre os povos.

Votos de Fraternidade e Paz entre os homens — são os do escritor Assis Esperança.



Votos de Fraternidade e Paz entre os homens, tanto penso, sinto e julgo que os melhores, entre eles, jamais atraíam a expectativa daquela multidão que ansiosamente aguardam a hora de justiça social, de solidariedade, há vinte séculos enunciada nas pregações e exemplos de Jesus Cristo.



Entendimento entre os responsáveis pela política mundial — pede a Engenheira Virginia Moura.

— Voto para 1960? Que em 1960 se concretizem as esperanças de um amplo entendimento entre os responsáveis pela política mundial, condição 1.ª no mais alto nível económico e cultural do homem.

É a paz que primeiro me preocupa — diz o dr. Açada Baptista.



— É a Paz que primeiramente me preocupa e é por ela que formulo os meus votos.

E se por um lado sentimos estar bem longe da nossa decisão fazer a guerra ou a paz, por outro creio não ser de mais lembrar que a Paz começa no coração de cada um, que dele sobe à cidade e depois à Nação e desta à Humanidade inteira.

Por isso, quando dentro de nós destruímos os nossos ódios pessoais, estamos a trabalhar para a Paz.

Por isso os meus desejos de Paz são uma esperança em Deus, no que de nós não depende, e uma chamada à responsabilidade naquilo que constitui a nossa própria tarefa.

Assim terminámos o nosso rápido inquérito. Ninguém deixará de estar de acordo com os nossos entrevistados: que o Ano Bom de 1960 nos traga Paz, tranquilidade e confiança nos superiores destinos do homem.

CARTA AOS POETAS

Assim como aquele tronco não passa agora de uma superfície estendida através da sua própria velhice, longo e sereno como um pedestal, assim como a árvore nova o olha calmamente, e deixa que as suas jovens folhas o vão proteger, caindo natural e incessantemente sobre ele, assim os homens deveriam reparar naqueles que caem amassados pelo ritmo certo e fortíssimo da desgraça.

A todos aqueles que, alguma vez pegaram numa caneta e escreveram, a todos aqueles que sentem, que amam, que sabem ainda o significado das mágicas palavras, amor, bondade, ternura, a todos esses imploro uma carta, um livro, um rascunho, falando aos desgraçados, aos infelizes, enobrecendo-os, estimulando-os na sua própria condição de seres humanos. Há um signo Universal que nos traz o Natal, e com ele uma rara sensação de felicidade, que todos os homens sentem. No próprio frio que nos faz andar apressados, nos inúmeros brinquedos espalhados pelos grandes campos, que são nessa altura as montras, nas crianças que seriam anjos se nós as compreendêssemos devidamente, existe um poema, uma frase que nunca foi escrita por ninguém. Hoje, que o sofrimento alheio, a pobreza, a indiferença por todos aqueles que não mandam, se vai tornando uma espécie de moda, é necessário que o homem inteligente ta evidências através da sua pena. Eu gostaria de conhecer o verdadeiro pensamento do homem de barbas brancas que todos os dias passa por mim. Em cada rua, todos os

dias, aparece a todos nós um velho de barbas brancas que nos pede qualquer coisa através da sua enorme tristeza. Simplesmente poucos o vêem porque é envergonhado e, muitas vezes, não quer uma esmola. Grande é a sua presença no Mundo porque a tudo resistiu, e não sucumbiu perante a indiferença que é talvez a maior expressão da maldade. Nessa mesma rua, onde de certo vive um poeta, um escritor, eu peço a esse mesmo privilegiado que o procure, que lhe mostre os seus livros e faça dele o seu companheiro de Natal.

Os homens que a própria Sociedade alcinhou de desgraçados, vadios, têm de saber que existem através de si próprios, pelo conhecimento daquilo que lhes poderemos mostrar, através do nosso contacto, de um simples aperto de mão.

Eu peço a todos que não tomem as minhas palavras como um discurso moralizador. Apenas gostaria que a inteligência saísse vitoriosa, pondo-a ao serviço de outros. É mais fácil a um infeliz compreender, do que a um afortunado.

Quando a noite vier, e a calçada estiver juncada de estrelas, deixa que a bondade te pegue pela mão, e segue o rumo da casa velha onde mora o homem que nunca ouviu palavras amigas. E, sobretudo, não te importes que o teu amigo, que certamente passará junto de ti, num enorme mundo de rodas, repare em ti e sorria desdenhosamente. Não te envergonhes se te encontrarem ao lado de um vagabundo, porque estarás nesse momento muito mais

completo que o teu primo que vai comer o Peru Universal.

Sorri, chora, se quiseres, mas não deites fora o teu gesto sublime.

E quando fores para casa, escreve o que fizeste, oferece a toda a Humanidade essa pequenina bola de ouro.

SO' COPIAS

Fazia quase um ano que a Ana andava na escola primária. Já sabia ler as historiazinhas do Primeiro Livro e escrever as cópias. As cópias. Como ela as detestava! Era uma menina irrequieta, sempre a imaginar coisas que aconteciam com as pessoas da casa, com o cão, os pássaros, as abelhas, as plantas do quintal. E se escrevesse também um história, como tinham feito todos aqueles que escreveram as histórias do livro de leitura? Uma história que a professora gostasse de ler, e a mãe e o pai também. E que ela depois leria ao Pinóquio, à noite quando ele se sentasse junto da sua cama. E a Ana escreveu uma história.

A história que a Ana escreveu falava da mãe, dum pardal e dum guarda-chuva. E que o pardal estava sentado num muro à chuva. E a mãe teve pena dele. E levou-o consigo debaixo do guarda-chuva. Depois pousou-o no corredor da casa e deu-lhe licença que aí esperasse pelo bom tempo. O pardal lá esteve quase uma hora. Depois despediu-se a agradecer à mãe que lhe disse: «não tem de quê». Mas no dia seguinte a mãe encontrou no peitoril da sua janela um cravo vermelho. Foi o pardal que o pôs lá.

Ana entregou a história à professora.

— Quem te mandou fazer uma redacção livre? — perguntou a professora.

— Ninguém — respondeu Ana — apeteceu-me muito escrever uma história.

— Hum, hum — disse a professora. Vamos lá ver isso.

A medida que ia lendo, sublinhava uma data de palavras com lápis vermelho.

— Vinte e cinco erros — disse depois. — Na tua idade, Ana, ainda não se sabe fazer redacções livres. Só cópias, ouviste? Só cópias. Então a Ana teve vergonha de mostrar a história à mãe e ao pai porque estava cheia de traços a lápis vermelho, estava mesmo de aspecto feio e, por baixo, liam-se as palavras frias: «vinte e cinco erros», assim mesmo com um ponto de exclamação. O ponto de exclamação explicava bem: «não te atrevas outra vez a escrever histórias. Tu ainda não sabes escrever histórias».

Mas à noite sempre a Ana e o cãozinho que estava sentado junto da

por ILSE LOSA

sua cama. O cão escutava, via-se bem que escutava porque fitava as orelhas.

— Gostastes, Pinóquio? — perguntou-lhe Ana por fim.

— ele abanou o rabo e lambou-lhe as mãos e nunca percebeu porque é que, de repente, Ana rompeu a chorar.

GRAHAM GREENE

EMIL LUDWIG

HENRI TROYAT

em 3

grandes obras:

A INOCENCIA
E O PECADO

NAPOLÉÃO

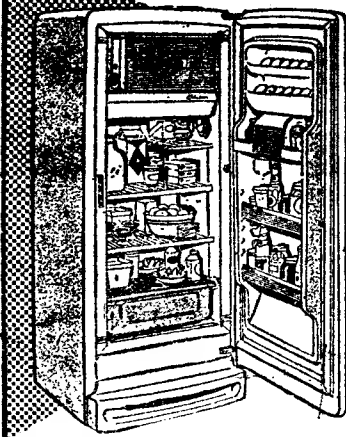
A VIDA QUOTIDIANA
NA RUSSIA
NO TEMPO
DOS CZARES

SÃO MAIS 3 GRANDES

EDIÇÕES DE
LIVROS DO BRASIL

GEIado começa por GENERAL ELECTRIC

O PRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA

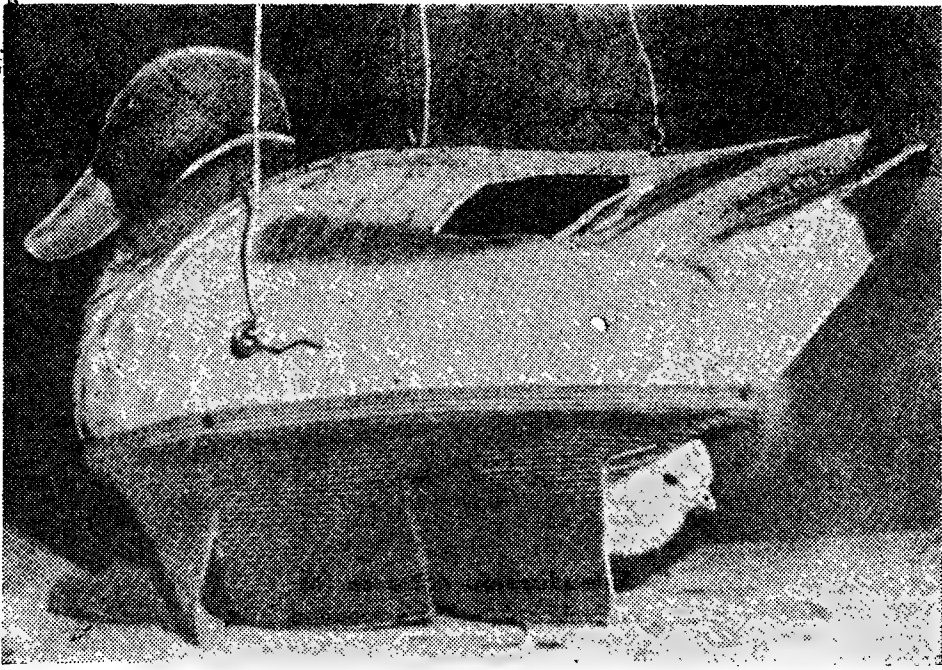


- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATELEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

OS 10 AMORES DE

por MARIE ROSE



Os pintos abrigados debaixo da sua mãe têm uma sensação de segurança e de comodidade. Este pinto não sabe que esta não é a sua mãe, sabe só que está seguro e quentinho

da inteligência dos pintos à fariura das gemadas

Até que ponto se desenvolve a inteligência dos pintainhos?

Não muito, segundo as experiências colhidas pelo dr. Eckhard Hesse professor de psicologia da Universidade da Chicago.

Parece que uma ninhada de pintos, mesmo que pensem todos ao mesmo tempo, não conseguem distinguir entre a galinha «mãe» e uma simples bola de borracha ou coisa idêntica, desde que esta se mova.

Recentemente foi feita uma série de experiências para se observar como os pintos se comportam frente às diversas cores, aos sons e outros estímulos. Para isso foi construída uma ave simulada e usada uma bola de borracha tudo em estado de movimento. Descobriu-se então que qualquer dos objectos que se suspendam junto dos pintos, logo que estes saem das cascas, se convertem em suas «mães». O pinto segue o objecto, procura protecção junto dele e procura mesmo meter-se debaixo dele e ao lado. O aspecto exterior da mãe simulada e mesmo o material em que é feita deixa-o indiferente, o que para ele conta é se está parado ou se anda em movimento.

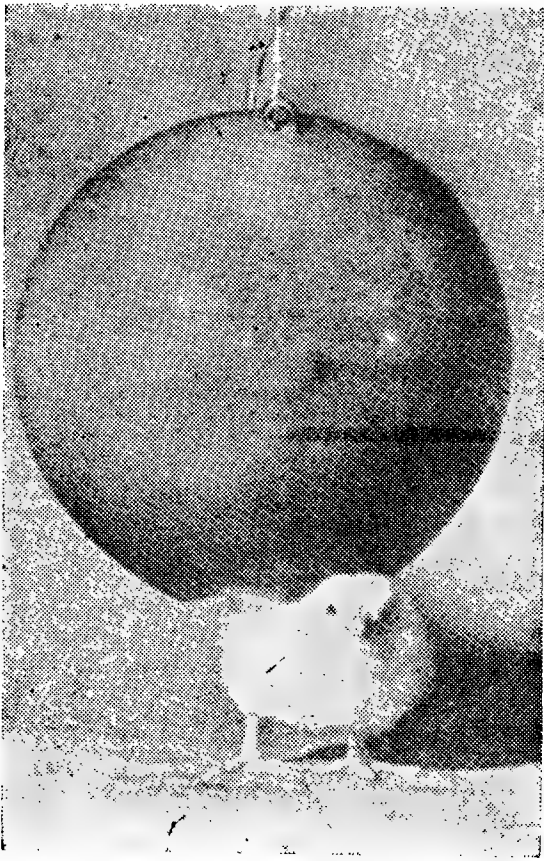
As experiências provaram também que os pintos têm preferência por certas cores, particularmente o amarelo e vermelho e que certos sons os tornam neurasténicos. Para reduzir as reacções do

medo inicial foi-lhes administrado drogas tranquilizadoras.

Depois de viverem com as mães artificiais por algum tempo, alguns dos pintos preferem estas às mães verdadeiras.

Estas experiências tiveram co-

mo finalidade determinar a maneira de tornar os pintos mais felizes, mas, naturalmente, também, como resultado disso ver se é possível aumentar o número de ovos a ver se as gemadas se tornam mais baratas.



A «mãe» pia e imediatamente se chega a bola de borracha

Lá estão eles todos á volta da grande mesa branca da cozinha, Akio, Luís, Jari, Janot, Jean-Claude, Brahim, Mariana, Moisés, Koffi e Mara.

Todos aqueles rostos admirados e tão diferentes entre si estão ali precisamente para me provar que «Los Milandes» e tudo o que isso representa existe realmente.

O mais velho de todos, de cabelos negros e lisos levanta-se:

— Chamo-me Akio Buillon Baker.

Jari que se encontra ao lado dele olha-me com os seus grandes olhos azuis.

— Como és tão louro! — não pude deixar de dizer.

— Sim, é natural, vim da Finlândia. Aqui tudo é natural e nenhum problema se levanta. Porque é que

nos abandonados, para provar que um negro pode amar um amarelo, um branco ou um indiano; que um budista pode viver em perfeito acordo com um muçulmano, um católico ou um feticheista. Mas é necessário dinheiro para «Los Milandes», mesmo muito dinheiro.

— Não sou filha de Rockefeller!... Eis porque tive de retomar a cena.

* * *

Como tinha prometido cá estou eu, admirando todas estas crianças que me perguntam:

— E a «maman» não vem?

Para eles a aritmética dos dedos é infalível. Contam um a um os dias desde que a mãe sai. Quando chegam ao quarto já sabem que a «maman» vem no dia seguinte.



Koffi, de cabelo encarapinhado não pode ser irmão do louro Jari? Ao fim e ao cabo ambos têm a mesma mãe.

Sim porque a mãe destas dez crianças é Josefina Baker que eu alguns dias antes visitara no Olimpia. Uma mãe maravilhosa, simples, humana.

— Entrai, entrai, não repare que tudo isto é «music-hall»!

Lá está ela envolvida em plumas e lantejoulas que farão dela a rainha do espectáculo.

— Não é verdade que são engraçados? — Diz-me ela passando levemente e meigamente as mãos esguias pelas 10 fotografias das suas queridas crianças que lhe decoram as paredes. — Sabei que é maravilhoso criar felicidade.

Como tem razão. Esta felicidade

Jo Bouillon fala-me das suas crianças. Com uma família tão numerosa não pode parar. Fala-me de cada um com amor e conta-me a chegada deles a «Milandes».

Akio foi o primeiro a nascer — chamemos-lhe assim. «Pronto, aí tens o teu filho, lhe disse Josefina, colocando-lhe o «bebê» nos braços. Jo olhou-o emocionado. Espera, tenho aqui um segundo! Era Janot. Tinha-os descoberto no Instituto de Crianças Achadas, de Tóquio. As roupas interiores de Akio tinham inscrições coreanas por isso ele deve ser de famílias da Coreia.

Veio depois Luís e Jari. Luís era colombiano, apesar da sua pele escura e dos seus cabelos encrespados. Jari veio da Finlândia de uma família muito numerosa. A seguir foi Jean-Claude, o pequeno par-



que ela dá tão naturalmente, sai muito dos seus próprios esforços. Contudo, não pensa muito em si, quer que as suas dificuldades não atinjam os outros. E' preciso lutar para que os homens compreendam que a cor da pele não altera em nada um coração e que todos nós somos iguais pelo nascimento e na morte.

Eis porque adoptou estes peque-

siense e Moisés o pequenino israelita.

Mariana e Brahim vieram da Argélia. Foram encontrados juntos por detrás de uma mata.

Se bem que até ali Josefina tinha sempre hesitado em adoptar uma menina, desta vez não pôde resistir e ficou com ambos.

— Também eu era contrário á ideia de adoptar uma menina mas

RES DE JOSEFINA

MARIE ROSE

var que
marelo,
que um
perfeito
um ca-
s é ne-
Milan-
o.
eller!...
a cena.

á estou
crianças

s dedos
um os
Quando
a que a
nte.

s suas
ão nu-
me de
ame a

scer —
ato, aí
Josefina,
braços.
era, te-
Janot.
uto de
io. As
tinham
o ele
reia.

uís era
ele es-
respa-
uma
seguir
parl-

israe-

da Ar-
os por

na te-
doptar
pode

rio á
a mas

agora adoro-a pela sua esperteza e carinho!... — diz-me Jo Brouillon.

Koffi, o mais negrinho de todos e sobretudo o mais vivo veio dos Camarões. A mãe morreu quando ele nasceu e o pai abandonou-o.

Mara, o indiano de raça pura, é o mais novo dezoito meses. Seu pai era, grande chefe, e ofereceu-o a Josefina por concordar com as suas ideias anti-racistas.

* * *

São 8 horas, todas as crianças estão num grande quarto azul, sentados á volta de uma mesa em forma de paleta, cada cor, cada nação.

Mara tapa os ouvidos, porque este homenzinho, todo vestido de azul-celeste como todos os seus irmãos, não gosta de barulho. Tem a agudeza e a sagacidade dos seus antepassados, os Mayas!

Tinha de ir aos poucos, era o que todos diziam. Mas viria a habituar-se. A força, não se conseguia nada e o melhor era deixá-lo um dia em casa a «descansar».

No fundo, custava-lhe um bocado. Ficava em casa a descansar... a descansar na triste figura que tinha feito no colégio. Um dos irmãos tinha-lhe chamado mesmo «figura de urso».

Não percebia bem o que lhe acontecia, mas realmente não se sentia bem assim. Evitava olhar a direita para os irmãos...

Mas era escusado, sim, era escusado que não gostava mesmo nada de ir ao colégio. É certo que já lhe fazia um bocadinho menos de impressão do que antes de lá ter ido pela primeira vez.

Agora já tinha visto... E dizia isto sozinho, dizia umas poucas de vezes a seguir e depois fechava os olhos. Voltava a abri-los... estava na mesma.

Havia qualquer coisa, que ele não percebia, mas que voltava a

lá, não queres beber um copinho de leite? São horas de merendar... Disse que sim, mas com pancadinhas. Gostava sempre que a mãe, depois de deitar o açúcar no leite, mexesse com muitas voltas e no fim desse três pancadas com a colher no bordo do copo.

Estava radiante. A correr e a saltar como era seu costume, foi procurar a lousa e pô-la sobre a almofada da cama. Em seguida, tratou de rebuscar nas gavetas da cozinha, na caixa das gaitas, nos bolsos dos calções e do sobretudo e reuniu todos os berlindes que encontrou. Meteu-os no bolso do casaco, mais á mão, podiam ser precisos. Tinha tudo pronto.

No outro dia de manhã estava pálido, não quis comer, bebeu só o leite, mas não deu parte de fraco.

A chegada, a chegada é que ele mais temia. Que iriam fazer os outros? Depois da berrata do outro dia, eram capazes de se pôrem a fazer troça quando o vissem. Que pena irem atrasados! Porque se já

ponder. «O Faria vai já para o seu lugar! Temos festa, temos, temos...» Toca a disfarçar. A lousa... bonecos, riscos, rodas, apressadamente, uns por cima dos outros, mesmo sem apagar, contente, animado, com aquele soco no pé e a piscadela de olho a abrirem-lhe o coração, a darem-lhe vontade de rir, com confiança...

E começava a reparar em todas aquelas cabeças que via á sua frente, a procurar perceber o que faziam e a prestar muita atenção a tudo o que podia ouvir do que eles diziam.

Se houvesse mais como o Faria... Hum... Queixinhas. Queixinhas é que ele já estava a ver que havia muitas. Volta e meia: «Minha senhora olhe aquele!». «Minha senhora, aquela menina está a fazer pouco de mim!». «Minha senhora, é ela que está a empurrar-me!». Lá estavam as dos risinhos. «Minha senhora, aquele menino está a tirar macacos do nariz e a pôr de-

AVENTURAS DO CÃO VELHO

embrulhar tudo quando lhe parecia que começava a fazer um jeito ao peito para a frente.

Foi para a janela. Pensar. A janela é que ele gostava de pensar. As vezes, era quando estava muito distraído que de repente se lembrava de uma coisa.

Com um cotovelo fincado no parapeito, o outro braço apoiado e a cara encostada á mão, via passar os automóveis, olhava os passantes que pousavam nos fios telefónicos, seguia uns garotos que brincavam no passeio arrastando uma gaita com uma tampa de uma lata na ponta, pensava nos meninos do colégio, todos sentados, com os cadernos e as lousas na frente, de repente vinha-lhe a ideia do escuro, o escuro do corredor comprido que ele teria de atravessar sozinho, todos os dias e lhe fazia pensar no escuro das escadas de pedra que cheiravam a chi-chi de gato... e noutro escuro, pior ainda, o escuro da noite, na Quinta. Dormia lá em cima, no ultimo andar e havia as escadas de caracol que era preciso subir com uma vela acesa. Ia sempre atrás do irmão mais velho que dormia no mesmo quarto, mas não olhava para as paredes. Aquelas sombras muito grandes, a tremer... Depois lá em cima, quando se apagava a luz desaparecia tudo. Tudo. Paredes, tecto, chão, ficava só escuro, um escuro muito grande, para todos os lados. Abria muito os olhos, depois fechava-os com muita força, via muitas estrelinhas, voltava a abrir... nada. Metia de repente a cabeça debaixo da roupa. Adormecia. Mas depois, quando tinha vontade de fazer chi-chi é que era pior. Bem queria ser capaz de ir ao chão, ao bacio, para no outro dia não ralhar com ele. Sentia uma vergonha!... Mas aquele silêncio... e tanto fazia ter os olhos fechados como abertos... Se ele tivesse ao menos uns fósforos para voltar a ver se lá estavam as paredes... e muitas vezes chorava a sua aflicção com a cabeça debaixo da roupa, sem ser capaz de mexer um pé.

Devia ser tão bom não ter medo... Como a mamã!

A mamã! Daquela vez que ela tinha dado a volta á casa toda ate ao muro que dava para a estrada, á meia-noite, sozinho, com um candeeiro na mão e o «Mondego», o cão grande, ao lado!

Gostava muito de ouvir contar esta história e outras, da mamã.

Tinha sido por causa dos ciganos. Costumavam passar por lá, muitos, todos juntos e iam pedir água. E a mamã dava sempre.

Ele já os tinha visto. Tinham todos muitas barbas, muito pretas, as mulheres umas saias muito compridas e traziam muitos meninos e muitas trouças em cima dos burros.

Um dia, depois de beberem água pediram pão e a mamã mandou dar pão; mas depois queriam azeite e a mamã foi lá dizer que não podia dar. Elas ficaram muito zangadas, fizeram muito barulho e foram-se embora a dizer que haviam de lá voltar uma noite e deitavam fogo á casa.

E uma noite, a mamã ouviu o cão ladrar, levantou-se e não chamou ninguém, foi ela. Sózinha... Á meia-noite!...

Ele também havia de ir. E não voltava a chorar.

Desceu da cadeira muito depressa e foi a correr direito á cozinha dizer á mãe que no outro dia queria ir ao colégio. E agarrando-se-lhe ao avental acrescentava: «E sabe, mamã, que não choro. Já não choro».

— Ora fazes tu muito bem; assim é que eu gosto de ver um rapaz com juízo.

E para aproveitar a maré: «Olha

lá estivesse quando eles entrassem, punha-se a olhar para o ar.

Quando a irmã que o foi acompanhar abriu a porta e se despediu

baixo da minha carteira!». Soergueu-se para ver quem era... «É mentira, minha senhora, é ele que está a dizer que o pai dele é polí-

por HENRIQUE PINHEIRO

dele, teve de fazer um grande esforço para não desatar a correr atrás dela.

Entrou e olhou para todos os lados. Viu logo umas senisgas com risinhos e a esconderem a cabeça atrás da lousa. Já estavam mesmo á espera daquilo. Ah! que se lhes pudesse dar uma canelada! Um outro, com cara de sono, passou dizendo como quem não quer a coisa: «Olá, choramingas, estás melhor da barriga?». Apertou muito os lábios, fez-se vermelhíssimo e depois de cumprimentar a senhora foi sentar-se lá ao fundo, atrás de todos ferrando os olhos na lousa a fingir que fazia bonecos.

Passado um bocadinho, sem levantar a cabeça, começou a olhar por baixo para um e outro lado e a

cia e que há-de ir lá para a minha porta!...

Iam todos dar lição. Bem feito. Uma começava a ler, dois ficavam de pé do outro lado da senhora e a outra ia ao quadro fazer uma conta.

A que lia, falava tão baixinho, que parecia que estava a miar. Se calhar não sabia. Toca! Um pulso de orelhas e que para a outra vez ficava de castigo, se voltasse a estar de brincadeira no lugar.

Mais bonecos na lousa... e ia moendo a língua de lado, entre os dentes, como costumava fazer quando estava distraído ou fingia estar...

Sentia um grande alívio por não ter que fazer nada ao pé da senhora... Ainda bem que ele era só pa-



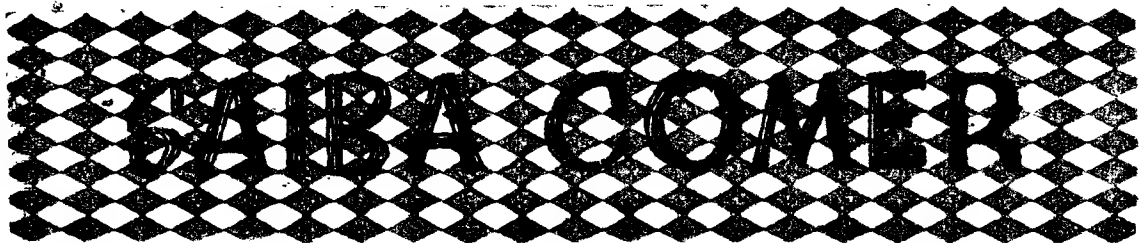
certa altura deu com um que estava a vê-lo e lhe piscou o olho. Muito atropalhado, fez logo mais dois riscos. Á toa. Mas gostou.

Poucos instantes passados, traz! Um soco num pé. Que susto? Era ele, o menino que tinha deixado cair uma borracha para o chão, lá para os lados dele, e quando foi apanhá-la perguntou: «Como te chamas?». Não teve tempo de res-

ra se entreter... E quando seria que aquilo acabava? Já estava aborrecido, fartíssimo da lousa, da carteira e daquilo tudo.

Havia de tocar uma sineta, tinha dito a irmã. Tocava muitas vezes, muitas vezes a seguir.

Começou a dizer baixinho: «Eu te fado, fado para que toques depressa. Eu te fado, fado para que toques depressa...».



Laranjas! Laranjas!

Estamos no tempo delas. Nem é preciso apresentar as laranjas, os limões e as tangerinas. Também sobre os seus benefícios já temos falado aqui. Mas estes frutos não se

sobrevivem a doenças. Sobretudo em operados, o sumo de laranja pode provocar algumas distensões abdominais. Esperar, pelo menos, que as funções abdominais estejam bem restabelecidas.

Dizer que estas frutas provocam descalcificações é uma falsidade que devemos repudiar vigorosamente, pois pelo contrário, estes frutos são uma fonte importante de vitamina C.

Muitas vezes, são as pessoas mesmo que provocam a descalcificação, atribuindo-a, seguidamente, aos frutos ácidos. O que provoca a descalcificação é a carência de vitamina D e o cálcio. Recorrendo a um excesso de legumes crus e frutas, especialmente tangerinas e laranjas. Mas como nem os legumes nem

sais cálcicos; leite, peixe, queijo, manteiga, etc.... Os frutos ácidos juntos a este regime, facilitam a absorção do cálcio ao sair do estômago, pois na zona do duodeno vão perdendo progressivamente a sua acidez. Ora o consumo de frutos ácidos aumentam, em certa medida, esta «acidificação» duodenal e contribuem para facilitar a penetração do cálcio no organismo.



consomem apenas como sobremesa. Muitos pratos ficam bem, maravilhosamente, acompanhados com laranja, sobretudo, mas também com tangerinas ou limões. Pato ou peru assado, o velho leitão da Bairrada, ficam muito bem acompanhados com a laranja cortada às rodadas e depois aos triângulos. É uma questão de gosto, apenas. E que efeito decorativo!

Diz o povo que a laranja, de manhã, é ouro; ao meio-dia é prata; à noite, é chumbo. Com verdade ou sem ela, é-nos fácil seguir o conselho. Procurar comer, à noite, outra qualquer fruta, sem ser ácida, será preferível, para as pessoas de estômago hiper-clorídrico, quer dizer tendo uma secreção de suco gástrico exageradamente ácido. Podem

as laranjas contêm vitaminas D, daí uma relativa descalcificação.

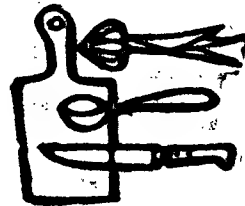
Para obter uma calcificação de qualidade é preciso ingerir alimentos ricos em vitamina D, fosfatos e



Saiba comprar antes de saber comer

Todos os alimentos devem ser consumidos em perfeito estado de frescura. Principalmente o peixe e a carne. Mas saber comprar carne é raro. Nunca se deve dizer «venda-me tantos gramas de bifes», mas sim «dê-me tantos gramas desta parte para fazer bifes». Porque não é ao comerciante que cabe vender a boa carne, mas a compradora, exigir o que sabe ser bom. Para isso, a dona de casa deve conhecer perfeitamente todas as partes do animal que quer consumir; mas é de criança que a mulher deve aprender. Seria bom que as escolas e os liceus tratassem de preparar as futuras donas de casa, pois é nos estabelecimentos de ensino que as jovens passam, hoje, a maior parte do seu tempo. São conhecimentos tão úteis como saber em

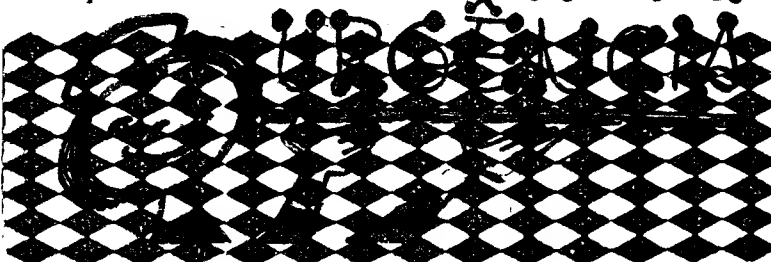
que data se deu esta ou aquela batida. Cultura sim, mas também cultura da vida quotidiana. E numa época em que as criadas rareiam ou sabem pouco, a dona de casa cabe uma pesada tarefa: tratar da vida fora de casa e acompanhar a



vida doméstica, principalmente se é casada e se tem filhos.

É preciso saber que a carne pouco fresca desenvolve micróbios anaeróbios que proliferam e se tornam virulentos desde que estejam ao abrigo do ar. Saber comprar é uma arte que precisa ser divulgada. Preparar as mulheres para a sua missão de donas de casa é hoje uma necessidade, mais do que há quinze ou vinte anos. Porque no tempo das nossas avós ou das nossas mães, o pessoal doméstico abundava e era bom; hoje, nem uma nem outra coisa. E a mulher continua presa ao lar, mesmo pretendendo que não, que a vida intelectual a chama para outras tarefas «mais úteis», que têm de ganhar a vida fora do lar, etc. — lugares comuns com que as mulheres que não o sabem ser procuram mascarar a verdade da sua inépcia. O lar é uma corveia se a mulher não sabe dirigir, se não sabe deixar de ser escrava do seu próprio trabalho. E numa época difícil, economicamente difícil, torna-se mais necessário ainda que a mulher saiba comprar, mas comprar o que é bom. Porque, por muito progresso que tenhamos, não conseguimos ainda que os maridos deixem de ter estômago; e por muito poético que seja viver-se do amor... quantos casamentos falhados «porque as mulheres não sabem ocupar o seu lugar em casa!» e a galinha da vizinha é sempre melhor que a minha...

RECEITAS DE



LINGUAS COM LARANJA

Salgar as línguas durante algumas horas, escaldar e limpar. Num frigideira, passar as línguas por manteiga, sem as deixar colorir. Retirar.

Preparar um refogado com cebola, alho, salsa, uma colher de caldo e um pouco de vinagre; engrossar com um pouco de farinha. Passar tudo pelo passador. Pôr as línguas dentro deste molho e deixar cozer. Servir com rodadas de laranja. E salada verde.

SALADA DE LARANJA

2 alfaces, 2 tomates maduros, 2 laranjas aos quartos (descascadas); miolo de nozes. Preparar a salada, misturando tudo e temperando com pimenta, sumo de limão e bom azeite.

OMELETE DE LARANJA

Bater gemas de ovos com vidrado de laranja, uma colher de farinha e outra de açúcar. Juntar as claras em castelo. Fazer a omelete e no momento de servir fazer arder com um pouco de curaçaú.

disco da semana

DOIS NOVOS DISCOS. DOIS CARTAZES VIVOS DE GRANDE INTERESSE PARA A ILHA DA MADEIRA



BAILINHO DA MADEIRA

Bailinho da Madeira — Haja alegria
Bailarico ilheu — Baila que baila

HOLIDAY IN MADEIRA

Bailaricos da Madeira — Nosso rancho
Vem daí Maria — Romarias da Madeira

CONJUNTO TÍPICO DOS IRMÃOS FREITAS

O fim do ano na Madeira — publicação de dois discos com época em que a bela pérola do Atlântico adquire novas e agrides canções recolhidas no canteiro madeirense. As belezas sem par do magnífico recanto vem juntar-se a demais uma interessante iniciativa das suas melodias e a alentejante a divulgar o nome dos grandes ritmos que a sua gente bela ilha por todo o Mundo: «baila»

DISCOS «A VOZ DO DONO»

publicados pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Lda.

Quando ela pensa em malhas...



claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

A fabricação do papel tem a sua origem na Alemanha. Foi em Chemnitz que, antes do século XVI, se construiu o primeiro moinho para a fabricação de papel e, nessa data, a energia hidráulica dos rios e riachos que nascem nos Montes Meta-

processo de fabrico de papel com base na madeira, em substituição dos trapos velhos até então utilizados.

A inovação de Keller e a descoberta da «lignocelulose» pelo hano-veriano Mitscherlich, em 1868, fizeram prosperar a indústria do papel. Em 1870 funcionavam na Alemanha mais de 100 fábricas de papel de madeira. A Saxónia, de cujos bosques saiu a maior parte da matéria-prima para essa indústria, continua sendo um dos maiores centros de fabricação papelreira de todo o Mundo.

Acompanhemos, por momentos, a fabricação do papel de fibra de madeira numa das grandes fábricas da Alemanha de Leste, e veremos como de um tronco se faz um jornal.

A madeira chega em comboios e é elevada por uma cadeia de transporte até um canal artificial que, em água corrente, a leva até às máquinas de corte. Saindo já em toros, é obrigada a passar entre grandes mós de pedra que a vão convertendo em fibras finíssimas. Assim, aqueles rudes troncos que vimos chegar são agora uma densa pasta, á qual, depois de lavada em gigantescas cubas e devidamente desinfectada, se junta 15% de caolino. Esta massa, assim preparada, é metida numa enorme máquina onde sai já o papel pronto para imprimir.

Basta cortá-lo e bobiná-lo para estar em condições de marchar para os grandes combinados de impressão dos jornais.

Esta máquina, um enorme colosso com cerca de 100 metros de comprimento por 4 de largo, pode produzir mais de 300 metros de papel de 4,10 m. de largura, por minuto. Para se avaliar bem o valor deste número basta saber que o comprimento de papel produzido na fábrica em questão, por ano, chegava para dar quatro vezes a volta ao Mundo pela linha equatorial.

Informava o seu director: — «Começamos por comprar máquinas usadas, de construção algo antiquada, e com elas iniciámos a produção, em escala reduzida, da simples pasta, que outras fábricas transformavam em papel. Em 1950, o Governo decidiu ampliar a nossa fábrica, concedendo-nos um empréstimo que nos permitiu comprar esta óptima máquina e modernizar as nossas instalações, iniciando, então, o fabrico de papel de jornal nestas gigantescas proporções e pelos processos mais modernos. Embora tivéssemos atravessado dificuldades na busca da boa qualidade, a verdade é que, com a ajuda de pessoal altamente especializado, conseguimos lançar no mercado artigos de insuperável qualidade, solicitados pelas mais famosas Imprensas de todo o Mundo.

COMO UM TRONCO DE MADEIRA SE FAZ UM JORNAL

por LLOYD THOMAS

lios accionava 18 moinhos para, no final do século XVIII, esse numero atingir já 60.

Em 1843, Friedrich Gottlob Keller descobriu a pasta de madeira. Baseando-se na observação de como certas aves faziam o ninho com pequenas fibras de madeira desfeitas até constituir uma pasta parecida com o papel, Keller idealizou um

Vermelho que tinge as bandeiras, vermelho que purpura os sóis poentes, vermelho do sangue que nos corre nas veias, o vermelho está em toda a parte e nas 20 perguntas que seguem! Marque 5 pontos por cada resposta certa. Se a contagem ficar entre os 75 e os 100, entre na sala de um casino e jogue no vermelho que vence. Se ficar entre os 40 e os 70 tem direito a um bolo-rei (com um laço vermelho, claro!) Abaixo dos 35 terá que melhorar o nível dos seus conhecimentos.

- 1 — Quem foi o fundador da Cruz Vermelha Internacional e quando foi ela fundada?
- 2 — Qual é a cor com que os daltónicos confundem sempre o vermelho?
- 3 — Qual é o jogo que, quando há neve os Americanos jogam com uma bola vermelha?
- 4 — Qual é a cor do clube de futebol conhecido pelo «melhor do Mundo»?
- 5 — Qual foi a vasta terra descoberta no século X por Eric, o vermelho, rei da Noruega?
- 6 — Qual foi o pintor que em muitas telas imortalizou o Moulin-Rouge?
- 7 — Destes três países, Etiópia, Sudão e Arábia, qual é o que é banhado pelo Mar Vermelho?
- 8 — As camisas vermelhas fazem parte dos grupos Oslachis, leninistas ou garibaldinos?
- 9 — E' a um barco ou a um cais que nos referimos quando dizemos «abordo vermelho»?
- 10 — Qual é o planeta a que os astrónomos chamaram Planeta Vermelho?
- 11 — Qual foi o pintor quatrocentista que pintava todas as mulhe-

O SABER

não ocupa lugar

VERMELHO

- res com uma admirável cabeleira vermelha?
- 12 — A bandeira vermelha é um símbolo de revolta ou de desespero?
 - 13 — Para comer o capuchinho vermelho o lobo disfarçou-se de avó, tia, ou bisavó?
 - 14 — O que é uma esquadra vermelha?
 - 15 — Que significava durante a Revolução Francesa ter o «colete vermelho»?
 - 16 — Um burro vermelho é um burro teimoso, mau ou prolífero?
 - 17 — Qual é a cidade de sonho denominada... a Vermelha?
 - 18 — Qual é a locução que no século XVIII designava a suprema elegancia?
 - 19 — Sabe porque são provocadas as «manchas vermelhas» do bacalhau?
 - 20 — Um autor dramático conhecido provocou um grande escândalo entre os magistrados. Qual é o título dessa peça?

14 — E' um conjunto de embarcações que viajam sob pavilhão vermelho, que quer dizer que transportam explosivos. 15 — Estar bom para ser decapitado. 16 — Teimoso. 17 — Veneza (Alfredo de Mousset em «Venise Rouge»). 18 — Ser «tação vermelho». 19 — Pelas bactérias halófilas existentes no sal das salgagens. 20 — Brieux — em Toga vermelhas.

O PREMIO NOBEL

LISTA DE HONRA DAS NAÇÕES

Todos os anos se toma uma decisão grave na Suécia. Designam-se os vencedores do Prémio Nobel, homens de ciência que fizeram progressos em Física, em Química, em Medicina e em Fisiologia.

Pode dizer-se que a lista dos vencedores de um país indica o nível deste no campo da ciência. Na classificação dos vencedores por nacionalidades, durante o período de 1901 a 1958 verifica-se que os Estados Unidos marcham á cabeça com 45 vencedores nos quatro ramos nomeados. É necessário, contudo, não esquecer que um certo numero destes americanos são europeus naturalizados. Durante vários anos foi a Alemanha que marchou á cabeça, mas, depois de 1959 a América ultrapassou-a neste concurso científico.

No nosso gráfico damos uma ideia clara do numero de vencedores desde 1901, por nacionalidades. Constatamos que são sobretudo os sábios europeus ou de origem europeia que têm marcado os progressos da ciência. Os Alemães deram-nos os seus sucessos no domínio da Química (19 prémios), um numero unico, que nenhum outro país pode atingir depois. Isto explica-nos os sucessos da industria alemã.

Mas é sobretudo notável que os pequenos países da Europa tenham de tal maneira contribuido para o progresso da ciência.

Assim a Suécia conta 8 vencedores, a Dinamarca 5 a Holanda e a Suíça 9 cada. Adicionando os vencedores dos pequenos países europeus chegamos a um resultado surpreendente. Esse conjunto tem tantos vencedores como os Estados Unidos de fundos e meios mais elevados para investigação científica, os pequenos países europeus podem orgulhar-se verdadeiramente das suas vitórias. É o caso de Portugal, Austria, Suíça, Bélgica, Irlanda, Holanda, Dinamarca, Suécia e Finlândia.

Há muitos milhares de anos que os bosques são destruidos por causas diversas, principalmente pelos efeitos destruidores do fogo. E' de supor que seria uma chispa eléctrica, surgida da tempestade a primeira causa do primeiro incendio.

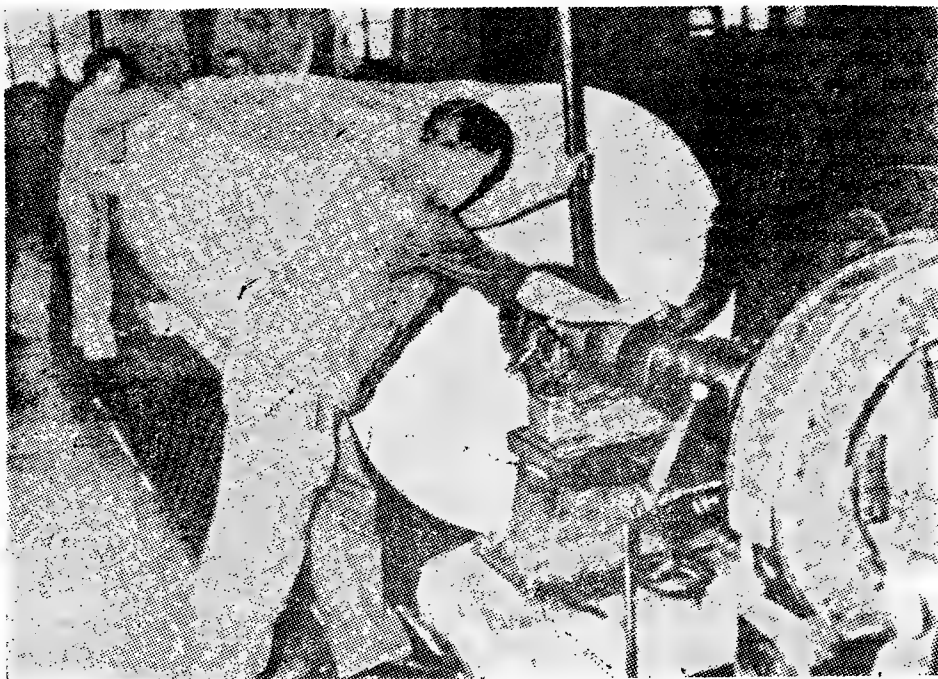
Antigamente, quando a população humana não era tão numerosa e as necessidades sociais não exigiam muito, não se lamentavam como agora os incendios florestais. Hoje os povos cuidam em conservar a sua madeira, em repovoar zonas desertas, em activar e multiplicar as industrias derivadas da celulose e, por isso, crescem as serrações, fábricas de papel, aglomerados de pasta de serradura, resinas, etc.

A riqueza perdida em cada ano por efeito do fogo nos campos é enorme. São suas causas, fogueiras sem protecção, pontas de cigarro atirados sobre ervas secas, faulhas saídas dos escapes dos automóveis e locomotivas, condutores eléctricos em contacto com arvoredo, raios e acidentes de automóvel e aviação e, finalmente, os bombardeamentos produzidos durante as guerras.

A madeira é hoje no Mundo uma das matérias-primas mais valiosas. As duas grandes guerras mundiais, destroçaram, principalmente na Europa, grande parte dos bosques e florestas. Além, já em 1936, a produção mundial de madeira cifrada em 114 mil milhões de metros cubicos, não alcançou o consumo mundial orçado pelo mínimo em cerca de 168 mil milhões.

Assim se explica que em muitos países da Europa a silvicultura e a repovoação florestal constituam uma missão de primeira grandeza, visto que não se trata apenas de compensar os estragos das ultimas

guerras destruidoras, como criar as condições para evitar a importação da matéria-prima indispensável ao abastecimento de grandes industrias e, particularmente, ao fabrico da celulose, e, ainda, mais particularmente, ao papel, uma das matérias mais consumidas na vida moderna.





tar prosa. Nasceram os cartões de Boas-Festas em todas as suas variações sinfónicas. E desta forma se conseguiu ser-se o máximo de amável no mínimo tempo: um sujeito bem relacionado ou com necessidade disso, dispara numa só central de correios dezenas de tiros certos de Boas-Festas para os mais diversos alvos nas mais diversas partes do Mundo. O bom do Santo António ficaria de certo pasmado se regressasse, por momentos, à Terra: o dom da ubiquidade democratizou-se, burocratizou-se e, como se sabe sem a menor sombra de dúvida, a burocracia é o milagre virado do avesso, com todos os pontos e pespontos à mostra.

O prodígio parece, porém, condenado a morrer. Inventaram-se novas formas de poupar tempo, agora com economia da prosa. Quererá isto significar o canto do cisne da burocracia?

Infelizmente não, Pelo menos assim o creio. O monstro poupa-se num lado para surgir no outro. Nestas festas de fim de ano apareceu uma tentativa de liquidar, de uma vez para sempre, a velha e amável tradição das Boas-Festas.

Algumas empresas nacionais e estrangeiras comunicaram aos seus ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS que era a última vez que enviavam Boas-Festas a alguém. O sistema era anacrónico. O nosso Tempo vive sob o signo de poupar tempo. Desde as mais remotas épocas em que o homem montou a sua fábrica de deuses, até hoje, estes sucederam-se ao ritmo dos apertos metafísicos e sociais. Rei morto, rei posto. Nosso deus actual é o deus Tempo. Inventaram-no os Ingleses ao proclamar, na sua Carta aos Coríntios do Deve & Haver, que o Tempo é Dinheiro. No mo-

noteísmo do Bezerra de Ouro o Tempo acabou por transformar-se em sacristão. Assim se degradou quem nascera na garganta do galo e durante milhares de anos daí fora lançado aos quatro ventos.

Na realidade não se poupa Tempo para poupar Dinheiro, mas para o ganhar. Os idealistas cronométricos supuzeram que desta situação se poderia concluir que bastava poupar tempo para fazer pé-de-meia. Chegaram a sonhar uma sociedade na qual as sociedades po-

por AUGUSTO
DA COSTA DIAS

com foto de Kasimir
e desenho de Tóssan

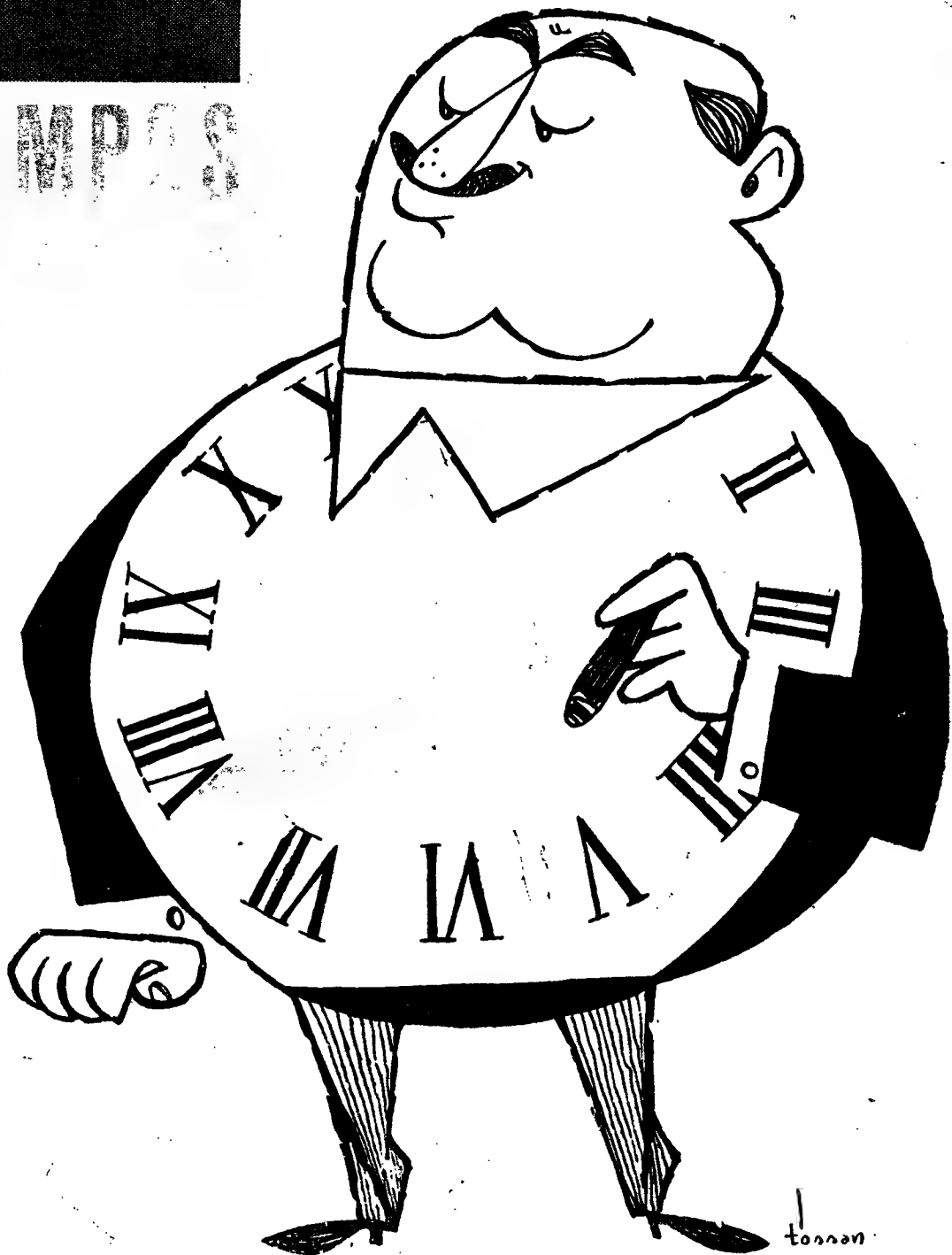
riam acções de Tempo a render e recolheriam ao fim do ano grossos dividendos. Com o tempo poupado nas Boas-Festas o saldo credor tornaria-se fabuloso.

Mas que género de saldo?

De Tempo, já se vê: uma coisinha miúda que não é nada, que se tem de gastar por força e sempre constitui o melhor sócio das agências funerárias.

Para isto se cortou pela raiz o velho vício de se ser amável e sociável uma vez em trezentos e sessenta e cinco dias. Saudade de se regressar mais depressa àquilo donde se veio: e aí, entre torrões e larvas, gozar então na boa paz toda o tempo que se levou uma vida a poupar.

É bem achado. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.



Este século é muito de prosa. A prosa infiltrou-se por todas as mangas da actividade humana, encharcou-nos até à raiz dos nervos, tomou de tal forma conta de nós, inchou tanto, cresceu tanto que acabou por conseguir mais do que a montanha que andava de esperanças: não pariu um rato, pariu o burocrata. Assim se compreende que a obra-prima da prosa do nosso tempo seja a que se contorce no colete de forças do papel selado. A burocracia é a última escola literária — uma escola omnívora, onisciente e onipotente que descobriu a terra da promessa editorial: a obra em fascículos a cinco escudos a folha. O fenómeno não é de hoje, evidentemente. Tem raízes fundas. Já há trezentos anos um fiscal da literatura, o nosso compatriota Diogo de Sousa Camacho, diagnosticava num poeta o avanço do mal da burocracia, ao designá-lo como

Poeta até aos umbigos, baixos, prasa.

Desde então a prosa foi escorrendo dos umbigos e apoderou-se de toda a anatomia humana. Camões ainda possuía arsenais de rima bastantes para exprimir em formas superiores de arte que a realidade que somos e em que vivemos muda constantemente:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, Muda-se o ser, muda-se a confiança; Todo o mundo é composto de mudança, Tomando sempre novas qualidades.

Hoje, mais do que nunca, se mudam os tempos, as vontades, o ser e a confiança; sobretudo a vontade e a confiança: mas ninguém teria coragem para se queixar em verso de todos os males da volubilidade: diria tudo aquilo em prosa de código civil ou de espera deferimento. As coisas, dentro e fora do homem, mudam tão depressa que nem há tempo para as enfiar em poesia. O Tempo e a prosa andam a par. A existência escoa-se-nos entre estes dois extremos da produção e consumo: poupa-se em tempo, gasta-se em prosa.

Antigamente (o passado hoje mora perto) nossos avós concebiam os votos de Boas-Festas de uma forma totalmente oposta à que agora praticamos. Convencidos de que quem quer vai, quem não quer manda — transportavam em carne e osso as Boas-Festas a casa dos amigos e conhecidos. Havia abraços, oratória, cálices de vinho fino e doces folclóricos. Desse mundo só resta notícia nas aldeias mais centrifugadas da nossa corografia. Veio depois a necessidade urgentíssima de poupar tempo e de gas-

O tráfego aéreo internacional continua em expansão

As rotas do ar são percorridas em todos os sentidos por numero crescente de aeronaves e frequentadas por correntes cada vez mais vastas e assíduas de viajantes. Assim o confirmam as mais actualizadas informações estatísticas da Organização Internacional de Aviação Civil (I. C. A. O.), a que estão associadas 74 nações.

Sabe-se que o tráfego aéreo tem vindo a aumentar incessantemente desde 1945; mas o ritmo de acréscimo anual foi menos acentuado durante os ultimos cinco anos do que nos dez precedentes. Com a entrada em serviço, no decurso de 1959, das primeiras carreiras de aviões de jacto, as perspectivas desta evolução devem transformar-se sob alguns aspectos, graças á velocidade, á acrescida e á comodidade e segurança com que se apresentam as novas carreiras de comunicações aéreas internacionais.

O numero total de passageiros transportados pela aviação civil em 1959 deve ter alcançado o montante de 96 milhões, segundo as mais recentes informações da I. C. A. O., acusando assim uma expansão de 10 % em relação ao ano anterior. É curioso assinalar que o numero de viajantes do ar se elevou de 18 milhões em 1946 para 31 milhões em 1950, para 68 milhões em 1955 para 87 milhões em 1958 e, agora para 96 milhões. O ano de 1958 foi bastante favorável para o transporte aéreo: além de 10 % de acréscimo no total dos passageiros transportados, registou-se aumento de 12 % em relação a 1958 no montante dos passageiros-quilómetros percorridos, de 14 % no numero de toneladas-quilómetros de cargas transportadas e de 1 % no das toneladas-quilómetros de correio movimentadas. As horas de voo dos aviões em serviço durante o ano elevaram-se a 8.6 milhões, contra 8.7 em 1958 — explicando-se o declínio, sob este aspecto, pela entrada em serviço dos aviões de jacto cuja velocidade muito maior permite a realização dos mesmos percursos em menor numero de horas.

De facto, enquanto em 1946 era de 250 quilómetros por hora a média de voo, em 1958 a mesma média já atingia 335 e elevou-se para 350 em 1959. A evolução vai ser muito mais acentuada ainda no futuro próximo, com o rápido incremento das carreiras servidas por aviões de jacto. O Mundo tende a tornar-se, na verdade, cada vez mais pequeno, com a redução efectiva das distancias e a intensidade crescente das ligações aéreas internacionais.

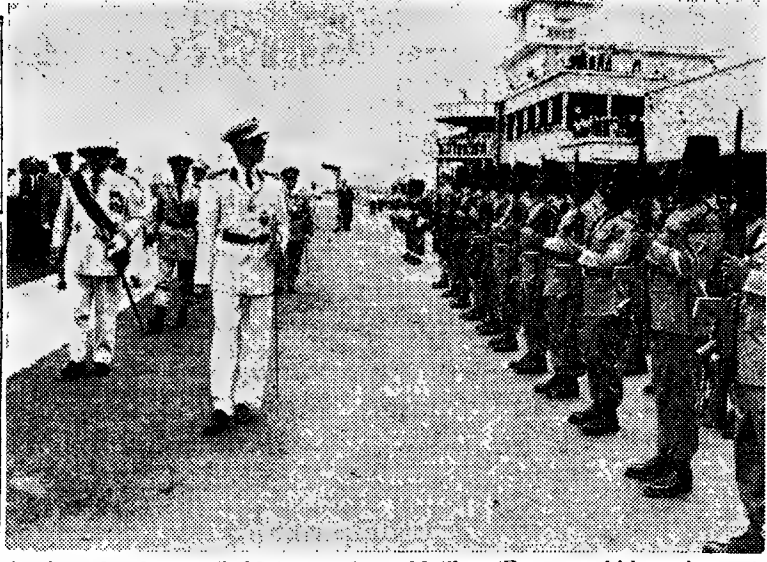
EM PORTUGAL — O ministro das Corporações visitou a vila de Arrifana da Feira. * Chuvas torrenciais em todo o País. No Porto abateram duas casas. * Em Beja foi assinado contrato para a distribuição de energia ao respectivo concelho.

NO ESTRANGEIRO — Em alguns melos franceses prevê-se que de Gaulle patrocine nova revisão da constituição. * Moscovo aceitou o convite ocidental para uma reunião de alto nível, embora propondo outra data. * Dois cientistas americanos, segundo se diz, construíram um coração mecânico capaz de prolongar a vida por mais trinta anos. * Morreu na capital francesa Pierre de Gaulle, antigo presidente do município de Paris. * Nilson Rockefeller anunciou que não será candidato á presidência dos Estados Unidos.

EM PORTUGAL — O Presidente do Conselho visitou o Metropolitano de Lisboa. * Em Leiria foi inaugurado o Palácio de Justiça. * Em Oeiras foram inaugurados um



A inauguração do Metropolitano de Lisboa constituiu acontecimento de relevo na vida da capital



A chegada do rei Balduino a Leopoldville (Foto recebida pelo avião da TAP)

bloco escolar e novo mercado. * Em Torres Vedras foi homenageado o brigadeiro França Borges. * Foi indicado para o prémio Nobel de Literatura o nome do escritor Miguel Torga. * Nos desafios da «Taça de Portugal» o Olhanense eliminou a Académica.

NO ESTRANGIERO — Exploradores submarinos estão a procurar, no fundo do Mar Morto, as cidades de Sodoma e Gomorra. * A divergência entre a Pérsia e o Iraque parece abrandar graças aos conselhos da Grã-Bretanha e Estados Unidos.

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica visitou a obra social da fragata D. Fernando. * O ministro da Presidência vai visitar o Estado da Índia e o Paquistão. * Foi comemorado o 30.º aniversário da campanha do trigo. * A Royal Dutch Shell encomendou novo petroleiro a estaleiros portugueses. * Morreu o juiz desembargador dr. Almeida Homem. * Começaram a ser assentes as figuras no Monumento aos Descobridores, em Belém.

NO ESTRANGEIRO — Há esperança de acordo entre os

governos francês e americano acerca do comando da N. A. T. O. * Diz-se que o príncipe Alberto da Bélgica, irmão do rei Leopoldo, será nomeado vice-rei do Congo. * O Ocidente propõe á Rússia a data de 16 de Maio para a conferência de alto nível. * No Noroeste de Espanha as inundações isolaram várias povoações.

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica inaugurou o Metropolitano de Lisboa. * O orçamento geral do Estado prevê 66.100 contos para melhoria das pensões aos aposentados. * A Junta Nacional das Frutas anunciou que se vai recorrer a nova importação de batata para manter o abastecimento sem alteração de preços. * A câmara de Lisboa foi autorizada a contrair um empréstimo de 200 mil contos para obras de urbanização. * Morreu o advogado dr. Ernesto Carvalho dos Santos.

NO ESTRANGEIRO — Prevê-se uma remodelação do governo inglês, para breve. * Numa avalanche do Paquistão houve 49 mortos. * Os Estados Unidos anunciaram que se consideram livres para recomençar as experiências nucleares, devido á dificuldade

CAFÉ CORUJA
Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada á Sorrita
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filletes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Carl á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

Já viu a EXPOSIÇÃO?
da R. DO TELHAL, 74-D
LISBOA

AUTOMÓVEIS USADOS ...
... MAS EM BOM ESTADO
DAS MAIS VARIADAS MARCAS E PARA TODOS OS PREÇOS.
REVISTOS NAS N/ OFICINAS E NAS MELHORES CONDIÇÕES DE PAGAMENTO
ESTAÇÃO DE SERVIÇO COMAL OFICINAS
Av. Alvares Cabral, 45-B — Telef.: 680160 - 688525

Natal e Noël
Há quem se apegue, não só no Brasil, onde já foi aceite, mas entre nós, ao galicismo *Pai Noël*, tanto mais expulso e absurdo quanto a expressão *Pai Natal*, solidamente implantada na nossa língua, tem prestígio, expressividade e até maior riqueza de som. É pecha da industria e do comércio provincianos a querença pelos nomes estran-

geirados. Daí esse mau costume, que se prolonga piosamente nalguns derivados, de *Noël* com *señoras noelistas*, que deveriam logicamente chamar-se *natalistas* ou *natalicias*. Resta-nos a consolação de existir na Africa do Sul, como contrapeso destes snobismos desnacionalizantes, uma provincia chamada ainda hoje *Natal*.

Sedas mas setim
Parece, á primeira vista, que, crevendo nós com *S* a palavra *seta*, deveríamos do mesmo modo grafar com *s* o vocábulo *setim*. Ora assim não é, porque, embora os dois termos pareçam aparentados, como o são as realidades que eles significam, *seta* provém do latim vulgar *saeta* (com contracção vocálica e abrandamento do *t* intervocálico) e *setim* vem da palavra árabe *Zaituni*, derivada do nome da cidade chinesa *Tseu-Tum*, actualmente *Tsiuão-Chu-Fu*. Assim a história de uma palavra nos conduz de civilização em civilização, remontando no curso da história. A história de um tecido, o progresso da conquista árabe: até uma geografia através de uma palavra.

TIRA-TEIMAS

INDÚSTRIA DE CERÂMICA

FIÉRAS DE VÁCUO — Doseadores lineares — Destorreadores — Laminadores — Misturadores remolhadores e outras máquinas construídas nas n/ Fábricas sob licença de "Le Matériel Céramique Moderne" Marselha - França.

CORTADORES AUTOMÁTICOS — marca "Ling"

FORNOS — Contínuos e Tónel.

SECAGEM ARTIFICIAL e ALIMENTADORES PNEUMÁTICOS — sistema "Klostermeyer"

ACTIVADORES DA SECAGEM NATURAL — sistema "Shag"

VENTILADORES — Tiragem forçada, recuperação de calor e arrefecimento de fornos.

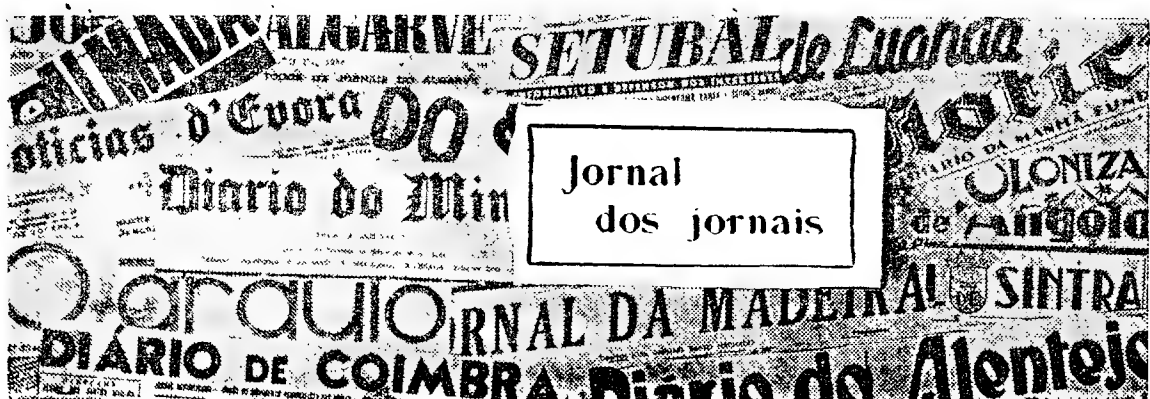
FABRICO EM LIGAS ESPECIAIS de camisas para cilindros — hélices, pás e rebordos para fiéras — agulheiros, registos, válvulas e grelhas para fornos.

INSTALAÇÕES COMPLETAS DE FÁBRICAS
ESTUDOS PROJECTOS · ORÇAMENTOS

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, 5 - LISBOA
PORTO - PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º - TELEFONE 24771

LAMINADOR DE 4 CILINDROS

AD



Conversando cá de longe

Raro é o dia em que os jornais de grande circulação não trazem notícias, desenvolvidas ou sucintas, da adjudicação dos trabalhos de início de construção ou de ampliação de bairros de casas económicas. De norte a sul e de nascente a poente, desde o Estado aos particulares, passando pelos organismos corporativos e grandes empresas, todos porfiam na construção de novas casas para alojamento das famílias consideradas de mais fracos recursos, não só em melhores condições económicas como de salubridade.

Na Nazaré, existe apenas o Bairro da Junta Central das Casas de Pescadores, localizado junto à Avenida Vieira Guimarães, formado por 30 casas, de 2 moradias cada, compostas de 5 divisões, assim distribuídas: 3 quartos, cozinha e casa de banho. Estas casas foram inauguradas em três fases: a primeira, de 16 moradias, em 22-5-1951; a segunda de 20 moradias, em 1-3-1946 e finalmente a terceira, de 24 moradias, em 1-2-1949.

Devemos concordar que, para uma população piscatória calculada em 2500 pescadores, 60 habitações são pouquíssimas. Se partirmos do princípio que metade dos inscritos — 1250, portanto — são solteiros, e

como tal, segundo julgo, sem direito a casa, por não terem família a seu cargo, quer dizer que só cerca de 4,8 por cento dos restantes, possui uma habitação naquele bairro. É pouco, muito pouco mesmo.

Isto no que se refere aos pescadores. E, quanto àqueles que exercem outras actividades? Nem o Estado, nem os organismos corporativos ou de coordenação económica deitaram os seus olhos para este recanto do nosso País e se dispuseram a construir algumas moradias para os seus funcionários ou para os seus sócios contribuintes e beneficiários.

Por outro lado, também os capitalistas — ou pessoas endinheiradas, se entenderem — da nossa terra, se alhearam completamente deste problema, preferindo amontoar os seus capitais no fundo do cofre, depositá-los ou emprestá-los, a juro, o que lhes parece mais rendoso e menos trabalhoso. Esquecem-se, porém, que capital parado é capital improdutivo, pouco ou nada rendendo e não contribuindo para o Bem Comum, nem para enriquecimento dos bens particulares e da Nação.

Há, pois, que fomentar a construção de novas casas, em sistema de bairros ou não, quer por parte dos organismos oficiais ou oficializados, quer por parte de particulares de forma a que a pouco e pouco e metódicamente se vão substituindo as cabanas e edificações análogas proporcionando-se aos seus moradores habitações em melhores condições higiénicas, e a preços acessíveis. Para tanto basta que as casas a edificar tenham um número de divisões reputado de suficiente e que não se entre pelo campo das edificações sumptuosas, chamemos-lhes assim, que arrastam, insensivelmente, a rendas incompatíveis para os proventos da maioria das famílias das classes trabalhadoras.

(«Nazaré», da Nazaré)

UM BENEMÉRITO mandou construir um bairro para pobres

O bairro de moradias para pobres que está em construção na freguesia de Cabeção vai receber novo impulso, mercê de mais um donativo do benemérito sr. António Lopes Aleixo, que tomou a iniciativa de o edificar.

O sr. António Lopes Aleixo, que já contribuiu com 2675 contos para o bairro, acaba de conceder mais 450 contos para a sua construção. Espera-se, portanto, que esteja para breve a conclusão do bairro, que terá o nome do pai daquele benemérito, sr. João Lopes Aleixo, já falecido.

(«Notícias do Cartaxo», do Cartaxo)

A VENDA NAS LIVRARIAS:

Cobrança fácil...

...de

Dividas difíceis

ESC. 50\$00

PEDIDOS A:

JOAMOR, LDA

R. CARLOS MARDEL, 98-4.º D.

720919

LISBOA - 1

(«A Planície», de Moura)

TRANSPORTES URBANOS COLECTIVOS

Já há tempo que aludimos a este problema e cremos bem que se justificará uma nova referência, com vista a que se encete, desde já, um atento estudo sobre ele, para que a sua solução não venha, depois, a complicar-se e a atrasar-se, como, por vezes, sucede com importantes e momentosas questões cívicas.

Beja está a «crescer» de forma muito rápida e, com esse natural fenómeno começa a surgir a dificuldade de transportes rápidos e económicos para grande parte da população que reside em bairros ou ruas afastados. O mesmo aconteceu em outras cidades provincianas — Évora, Elvas e Faro, por exemplo — que já estudaram e resolveram esse problema, criando o serviço de transportes colectivos urbanos.

A nossa cidade acusa já a necessidade de semelhantes serviços que, evidentemente, será mais imperiosa num futuro muito breve.

Porque não há-de já encarar-se o problema e cuidar de resolvê-lo da melhor maneira, a tempo e a horas?

(«Diário do Alentejo», de Beja)

Recintos de diversões

E' hoje á noite que, no Sociedade Recreio Artístico da Amadora, se efectua o festival organizado por Armando Dias e Manuel Pereira, em que será homenageado o internacional de hóquei em patins José Lisboa, e na qual colaboram Manuel Fernandes, Maria Amélia Proença, João Viana (Vianinha), Tony Arantes e a sua viola, Manuel Bogalho, Maria Augusta, Aurora Sobral, Freitas, havendo tango e fox a prémio e baile abrihantado pelo conjunto «White Star Jazz».

— Clemente José Pereira escreveu o trabalho, «O diabo são eles», sendo um dos papéis interpretado pelo cantor humorístico Domingos Pereira.

Prémios Henriquinos

A comissão executiva do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, resolveu adiar, até 29 de Fevereiro de 1960, o prazo de encerramento da entrega dos trabalhos concorrentes aos Prémios de Jornalismo, Literatura, Música, Poesia, Rádio e Teatro (Prémios Henriquinos).



«Brando», um dos cães pastores alemães cedidos pela G. N. R. à Polícia de Goa, capturou um Indiano que atravessara clandestinamente a fronteira com a União Indiana. Na gravura, vê-se o governador-geral do Estado da Índia, sr. general Vassalo e Silva, durante a cerimónia em que o embaixador de Portugal no Paquistão, sr. dr. Alvaro Laborinho, concedeu o animal

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres Amália Rodrigues

Já uma vez se disse que Amália Rodrigues tem tornado Portugal mais conhecido no estrangeiro do que muitos diplomatas. Assim é na verdade.

Pouco falta á grande fadista nacional para dar a volta ao Mundo, espalhando o encanto triste da nossa melopeia nostálgica pelos variados locais do Mundo. Muito se tem escrito e dito acerca da Amália, mas alguma coisa há ainda decerto a acrescentar.

Amália não esconde nunca a sua proveniência humilde e tal é uma das atracções dessa mulher singular que não precisa de reclames para ser quem é. Amália cresceu no Fundão até que seus pais, tinha ela sete anos, vieram morar para Lisboa. E aqui começou ela a sua vida, primeiro vendendo frutas aos marítimos e embarcadigos nos cais. Agora, Rainha do Fado, corre o Mundo, sempre a cantar.



AMALIA RODRIGUES

* * *

Em pequena, já sua mãe nela estranhava algo de diferente e o pai chamava-lhe dengosa. Mas o pai tava guitarra e a pequena Amália não o abandonava nunca.

Quando o pai lhe lembrava que ela estava na idade de ir para a escola, ela não se dava por vencida, dizendo sempre:

— Não é mal nenhum cantar. O pai não toca?

Foi realmente para a escola, mas o convívio com rapazes e raparigas da sua idade não lhe modificou o feitio, que ficou o mesmo pela vida fora. E essa modesta pequena que aprendeu a ler numa escola da Rua da Tapada, perto da sua casa de então, na Rua 1.ª de Maio, apaixonou-se aos 18 anos por um guitarrista, que foi, sem dúvida, o seu primeiro romance de amor.

* * *

Amália perde tudo. As joias, o dinheiro e o tempo. Só ao jogo gosta de ganhar. Quem a tem visto jogar, em casa dos condes da Torre, por exemplo, vê o interesse com que ela se dedica á «canasta».

Alguém lhe disse um dia: — Isso é que é sorte! O pior é que quem tem sorte ao jogo, é infeliz aos amores...

— Deixem lá, ripostou Amália. Há horas para tudo. Agora prefiro ter sorte ao jogo.

* * *

Amália não bebe. Enquanto os seus amigos esvaziam garrafas de whisky, ela sorri, canta e bebe cápitel ou, raras vezes, «champagne».

Certa vez, foi cantar numa agremiação modesta. A respectiva direcção resolveu oferecer-lhe um Porto de Honra, em que se sucederam os discursos ingénuos de admiração e gratidão. Amália, então, sentindo-se cumulada de atenções,

resolveu restituir o dinheiro do seu cachet, para ser distribuído pelos pobres daquela colectividade.

* * *

Um dia, o pintor Eduardo Malta quis retratá-la. Depois do retrato concluído e admirado por várias pessoas, uma tarde alguém lhe bateu á porta. Vinha da parte de um senhor que lhe queria comprar aquele retrato. Malta lamentou não o poder vender, visto tratar-se de uma encomenda.

A pessoa insistiu e apareceu uma larga soma de dinheiro.

Malta correu a casa da Amália. Ela resolveu o assunto, decidindo que ele lhe pintasse para ela outro igual. E assim se fez.

O retrato da Amália, aquele de que se conhecem reproduções, não é o primeiro que Malta pintou. Esse foi vendido em grande confiança a uma pessoa da sociedade, em cuja residência ainda se encontra.

* * *

Em Lisboa, não há motorista que a não conheça. Distraída como é, acontece-lhe a miude pagar contas exorbitantes, porque se esquece e deixa os «taxi» á espera.

Na manhã seguinte, vão lá a casa buscar o dinheiro, que ela paga sempre com um sorriso. Uma vez, já há meia dúzia de anos, Amália teve de comparecer numa festa que lhe dedicaram no Estoril. Foi para lá de manhã, almoçou num hotel do parque e não mais se lembrou do «taxi». Depois do almoço, foi no carro de uma pessoa amiga até Sintra e á hora do espectáculo, regressou ao Estoril. Andou pelo Casino, dançou e na manhã seguinte, quando iam levá-la a casa, lembrou-se de que tinha deixado o casaco no hotel. Subiu a correr as escadas do hotel, mas no alto da escadaria, o «chauffeur», cujo taxímetro ficara a noite inteira a marcar, perguntou com a maior calma:

— E agora, para onde vamos, D. Amália?

* * *

Um poímenor pouco conhecido do grande publico: Amália faz versos. Um dia organizou-se um almoço de homenagem ao saudoso Nascimento Fernandes, de quem Amália era sincera amiga; e, depois dos habituais discursos, ela levantou-se, dizendo apenas:

— Como não tenho jeito para discursos, vou dizer uns versos que estive aqui a compor:

Dizem-me a todo o momento que o Manuel do Nascimento teve muitas mulheres belas. Minh'alma em desgosto arde De ter nascido tão tarde E não fazer parte delas...

L. R.



A S A G M

Por Luís Manuel Antunes da Silva
14 anos — amigo 451

O relógio batia duas da tarde. O Sol, lá fora, esquentava, e esquentava a valer, acreditem. Uma cigarrinha cantava num salgueiro uma canção monótona e singela, uma canção que ao meu daquele calor sufocante, era como um rasgo de frescura e vida, para o meu corpo húmido de suor.

Mas, esperem. Lá ao longe, há uma ribeira de margens frondosas e frescas. Eis um bom lugar para nos refrescarmos. Em breve cheguei ao riozito. Reduzia-se a um ou dois pegos, nessa época do ano, mas no Inverno tem grandes inundações. Apesar de haver pouca água no seu leito, as suas margens são viçosas, verdes, os agriões tenrínhos e deliciosos crescem por toda a parte: rãs coaxam na modorra do calor; a relva macia e fresca parece convidar as pessoas a deitarem-se sobre ela. Como é belo e agradável estar aqui, a sombra, ao fresco, ao abrigo do calor, com a aragem do trigo maduro a penetrar-nos pelas narinas!

Olho em redor. Só trigo. Aqui e ali uma oliveira ou um chaparro, mais longe, uma mata de sobreiros, verdadeira riqueza donde se extrai a cortiça, o ouro castanho da terra, como muita gente, com razão o denomina.

Não há montanhas, tudo é planície rasa, planície rica, fértil e soa-lhenta, chão bendito, do qual muita gente tira o seu sustento, o seu pão.

Olho para o outro lado. Um «monte» ergue-se, altaneiro, numa pequena colina, a dominar a herdade. Um fio ténue de fumo azulado sai pela chaminé: uma parelha de mulas vem da cocheira, vai carregar trigo, trigo que irá encher o celeiro e a bolsa do lavrador. E então este ano, tão bom que esteve: as espigas estão bem cheias e a terra deu tudo o que pôde, ainda que a poder de muito adubo.

Mais abaixo, vê-se um bando de

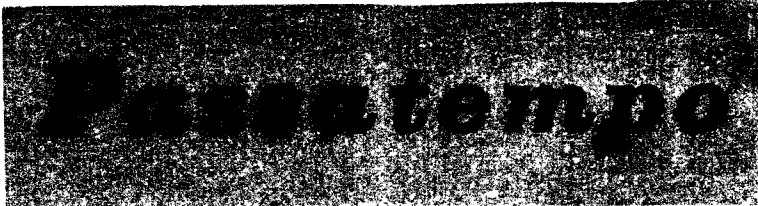
perdizes saltando, fugindo ao menor ruído, voando pesadamente.

E' assim o Alentejo, é assim que eu vejo, que eu gosto do Alentejo, com os seus lavradores e ceifeiros, mondadeiras e malteses, calor e vida.

E por isso, quando chego a Lisboa, depois dumas deliciosas férias no Sul, venho triste. Triste porque já não há cigarras a cantarem nos

salgueiros, rãs a coaxarem na modorra do calor, «montes» brancos, caiados, alegres, trigo a ondular ao vento.

Mas, paciência. Para o ano lá estarei no Alentejo, na minha terra. E então de novo verei as cigarras a vantarem nos salgueiros, as rãs a coaxarem na modorra do calor, os «montes» brancos, caiados, alegres — e o trigo a ondular ao vento...



O que estes amigos procuram?

(Ver solução na pág. seguinte)

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da 1.ª página)

dos colaboradores do «Diário de Lisboa Juvenil», e angariar assinantes para a compra de tal livro.

E' de menos? E' de mais? Têm a palavra os nossos Amigos.

2

Os nossos Amigos tiveram a amabilidade de nos enviar os seus votos de Boas-Festas acompanhados dos seus estímulos para o trabalho futuro do nosso Suplemento. Sentimo-nos profundamente satisfeitos com o apoio que de todos os lados nos veio.

Obrigado!

RESPOSTA A UMA CRÍTICA

O amigo José Luis de Abreu Cotrim dirigiu-nos uma crítica para a secção «O que pensam os jovens dos nosso país», cuja recep-

ção já havíamos acusado. Obterá a publicação e a devida resposta num dos próximos números.

4

No «Juvenil» n.º 137 os artigos mais votados pelos nossos leitores foram:

O Homem	175
Poema	116
Os Cavaleiros da Távola Redonda	116
A minha viagem à Lua	106
Meditação	91
O meu bau	74
O que pensam os jovens do nosso País	58
Notas de leitura	58
Desenho por Flávio	29
A conversa da semana	12

O Amigo n.º 403, José Augusto Folga da Silva, autor do artigo mais votado deve ler na secção respectiva o prémio que lhe coube.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Estava nos dias felizes, a Natureza, quando fez os colibris ou beija-flores. Avezinhas pequeninas de bico alongado e grandes asas velozes. Quando cruzam o céu tropical dir-se-iam pedacinhos de arco-íris, pois as penas destas pequenas aves são verdadeiras maravilhas de cor.

Mesmo os costumes, o regime alimentar, os lugares que habitam e os que escolhem para aninhar, fazem dos colibris espécies

Não há bela sem senão...

a parte, entre todas as aves. Alguns alimentam-se exclusivamente de aranhas, outros só de nectar.

São aves tropicais e apenas umas vinte espécies aparecem nos Estados Unidos, outra — o colibri vermelho vai até o Alasca, e uma outra até à Terra de Fogo. Mas é nas regiões montanhosas da América Central que a maior parte vive.

Em pleno voo as asas produzem um ruído semelhante ao zumbido do besouro, tantas são as vibrações. Quando suspensas no ar, as asas batem nada menos que 55 vibrações por segundo. E em pleno voo batem já calculadas — 200 em máxima velocidade. Nessas ocasiões, as asas parecem uma nuvem confusa, tal a rapidez com que são agitadas. Este voo rápido dá ao colibri pleno domínio do ar; pode manter-se suspenso, movimentar-se para a esquerda, para a direita, para a frente ou para trás.

O colibri chega a atingir uma velocidade de 150 quilómetros por hora, em velocidade máxima. As espécies emigrantes fazem grandes, enormes percursos sem parar, tal como acontece com o colibri de peito vermelho, que atravessa o golfo do México sem fazer escala em nenhum porto...

A gravura representa um colibri que passa o Inverno no Sul do México; para aninhar, faz as malas e parte a caminho das Montanhas Rochosas do Colorado. O ninho nunca atinge mais de 4 centímetros; daqui se pode concluir o tamanho mínimo desta pequenina ave colorida, de brilho metálico e uma riqueza faustosa, principalmente nos machos, embora as fêmeas apresentem também, variedade e beleza de colorido. Mas é o macho que deve admirar; é ele, portanto, que deve possuir um lindo palminho de cara... Pertencem ao número de animais exibicionistas, isto é, que para agradar à pretensão de recorrer a ostentação de beleza.

No entanto, a magnificência destas aves supera tudo o que de belo se possa imaginar; não apenas no aspecto exterior, mas na própria maneira de ser.

Por vezes, são aves facilmente domesticáveis, gostam de aninhar junto dos homens. Conta-se que alguns apreciadores de aves plantam madressilvas e nela colocam recipientes para a construção dos ninhos. E no meio da folhagem verde e das flores douradas da madressilva, o colorido colibri constrói o ninho com todo o desvelo e nele deposita os ovos e choca os pequeninos. E diz-se que, ano após ano, os mesmos colibris voltam ao mesmo local onde uma vez aninharam e foram bem recebidos.

Só que esta lindíssima ave tem um senão: ausência de actividades vocais. Apenas uma das espécies tropicais emite qualquer som, como um débil canto, comparado mais com o gorjeio inthab das suas companheiras de raça do que com o canto das outras aves que dir-se-iam foram feitas para alegrar a Natureza.

Parece que o nome de beija-flor pretenda mostrar que o colibri canta todo o dia de flor em flor, de ramo em ramo, saltitante e feliz. Mas se canta, nós não ouvimos um canto por demais subtil para ser apreendido pelo ouvido do homem.

Talvez seja pena. Porque se pensássemos estar o canto relacionado com o encanto da plumagem, que canto divino não viria de tanta beleza, bocadinhos de arco-íris que nos pareceriam, então, bocadinhos do próprio céu tropical...

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Os fanáticos e o cinema

por Ana Maria Louro — Amigo n.º 1689

No pós-guerra de 1418 o cinema americano começa a afirmar-se em toda a Europa. Os cinemas nórdicos, italiano e britânico tinham praticamente desaparecido, o germanico estava isolado e o francês estava impossibilitado de retomar a sua antiga posição e prestígio. Entretanto, Hollywood em pleno apogeu, tratava de se apoiar nas grandes estrelas e uma série de produ-

tores audaciosos começava a era do vedetismo. Mary Pickford aparecia com o seu sorriso angelical e obtinha o cognome de «noiva da América». Depois vêm Greta Garbo e Rodolfo Valentino que apaixonam as plateias de todo o Mundo. Continuando sempre neste pé o cinema em vez de facilitar a educação das juventudes, destrói-a, apresentando-a com filmes estilo água com açúcar em que a vida era um mar de rosas.

As estrelas entretanto continuavam o seu reinado agora apoiadas numa publicidade assombrosa e uma verdadeira edónia de «fans» ou fanáticos. Muitos destes agrupam-se em clubes que organizam reuniões principais e importantíssimas as últimas patrões da estrela idolatrada.

Os clubes têm ainda outras actividades como a de escrever aos grandes estudiosos solicitando recordações tais como: «chewing-gum» já mastigado, pedaços de tecidos do vestido da vedeta, meias, botões, etc.

Na grande cidade do cinema chega-se mesmo ao cúmulo de se distinguirem os actores conforme o número de cartas que recebeu mensalmente.

Assim, verdadeiras multidões acorrem aos cinemas apenas para verem uma linda estrela de cabelos platinados de 90 cm. de busto e anco e 54 de cintura.

Como vemos o cinema está absolutamente necessitado de se libertar dessa publicidade absurda da multidão de fanáticos e de todos os produtores que vêem nele um meio de ganhar dinheiro e não um processo de divulgação de cultura e conhecimento de outros povos.

tas e brejos de Astolote se funda que teve pai e a Galva que trazia com nhecido desde maravilhosas de fracos e op ty rada a ver sítavam o cast basófia fidalga de desprezo pe mor pela paz homens; habit to os ensinam to tivessem fi que lhe apare subitamente d que escondia a nome falso; e goava a fela erguia os feit ideal de vida: um mal que, ódio, os bons s

GIGA
PORT

(Continuaç

— data de 1536 mais se sabe del toris, moralida bíblicas, fantasia sódicas, autos os autênticos gé nário: os seus mais extraordin

As respostas ção do «Juvenil de Janeiro, sex do nome, mora número de fiche e a indicação de apreciaram no mana.

Além dos ha um, especial, p sobre o genial tuguês.

Eis o s

do novo livre

A vida quoti

no tempo

Cap. I — A

Cap. II — A

Cap. III — P

Cap. IV — E

Cap. IV — E

Cap. V — E

Cap. VI — A

Cap. VII — O

Cap. VIII — O

Cap. IX — A

Cap. X — A

Cap. XI — O

Cap. XII — O

Cap. XIII — O

Cap. XIV — N

Cap. XV — O

LIVROS DO

is ou
as
rcos-
travi-
habl-
écies
ente
nos
ca, e
nosas
e ao
nsas
ndo.
idade.
a ra-
leno
ra a
por
gran-
libri
r es-
Sul
das
s de
esta
fau-
stem
deve
o de
que
leza.
que
mas
anti-
aves
stru-
ura-
do o
iz-se
onde
acti-
quer
abil
itras
libri
te e
útil
rela-
tória,
a
689
a era
d apa-
gelical
iva da
Garbo
apaizo-
Mundo.
o pé o
a edu-
a, pre-
o água,
era um
continua-
viadas
osa e
ns) ou
pam-se
unides
suntos
os as
olatra-
s acti-
r aos
recór-
g-gum-
dos do
botões,
a che-
dis-
nume-
mensal-
tidades
para
cabe-
busto
abso-
liber-
da do
dos os
meio
a pro-
ura e
os.



O saber a notícia terrível de que, ferido e talvez em perigo de morte, o Cavaleiro Negro — afinal Lançarote — andava naquela hora a ser perseguido como um traidor por todas as florestas e brejos de Inglaterra, Helena de Astolote sentiu uma dor tão profunda que teve medo de revelar ao pai e a Galvão o doce sentimento que trazia consigo. Amara o desconhecido desde que o ouvira narrar maravilhosas aventuras em defesa de fracos e oprimidos. Estava acostumada a ver nos cavaleiros que visitavam o castelo de seu pai uma basófila fidalga feita de crueldade, de desprezo pelo próximo, de desamor pela paz e concórdia entre os homens; habituara-se a desespérra que os ensinamentos de Jesus Cristo tivessem fiéis seguidores: e eis que lhe aparecia diante dos olhos, subitamente despertos, um homem que escondia a sua bondade sob um nome falso: e este homem não apregoava a feia cruz da guerra; não erguia os fechos de armas, como ideal de vida: falava deles como de um mal que, num mundo doente de ódio, os bons se têm de servir para

escorraçar a tirania. Helena escutava enternecida aquelas palavras novas e ia-as guardando no seu coração. Ah! quanto daria da sua vida

numa janela a vê-lo sumir-se nas lonjuras e, embaciados de saudade, já depois de desaparecido, o cavaleiro, os olhos continuavam a segui-



para acompanhar dia a dia, hora a hora — no perigo e na paz — o desconhecido! Depois de ele se despedir ficara-se

-lo em sonho. Julgara nunca mais o encontrar. Na sua repentina solidão, vivia de recordações. Quando lhe chegava notícia de qualquer cruel-

dade filha de mãos de cavaleiro — Helena punha logo na sua ideia a imagem do desconhecido e imaginava-o como um anjo vingador dos oprimidos.

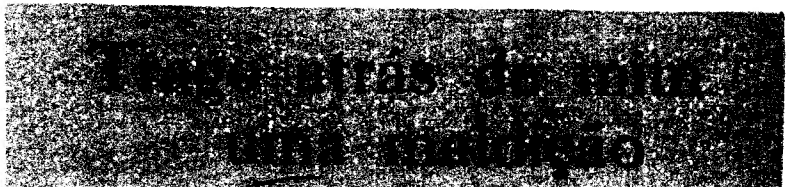
E ali o tinha agora, desgraçado como Job, perseguido por homens que traziam o nome de Cavaleiros da Távola Redonda. Só porque? Porque talvez não lhe perdoassem a sua grandeza. Traidor? Como era possível? Na sua perturbação punha-se a esquadrihar todas as razões que tivessem levado o Cavaleiro Negro a combater os seus irmãos de armas. Acaso queria mostrar que já nada os imanava, que os torneios eram uma brutalidade que instigava os senhores a exercitar a sua força, a sua destreza em quem era mais fraco do que eles? Não podia aceitar outro motivo e repetia-o mentalmente para estar certa de que outro não havia.

Ao deitar-se naquela noite em que Galvão revelara o nome do Cavaleiro Negro e o acusara de traidor — Helena ficou horas a fio encostada à janela. Não podia dormir. Tinha

veito; mas acabou por vencer: Lançarote estava salvo.

Pouco tempo, porém, gozaram a sua alegria. Lançarote estava curado dos seus ferimentos, mas não era livre de seguir de terra em terra: tinha atrás de si os perseguidores mandados no seu rasto por Artur que até então fora o seu maior amigo. Nos primeiros momentos, Laviño, Helena e os camponeses da escola aconselharam-no a viver escondido numa aldeia; e assim se fez. Estava, no entanto, bem à vista que Lançarote definhava de desgosto. Uma tarde, falando com Helena, esta, receosa do que o cavaleiro pudesse decidir, encheu-se de coragem e contou-lhe o amor que lhe tinha. Não queria aceitá-la como esposa? Acompanhá-la na vida e na morte, na dor e na alegria; meter-se-lhe num canto onde fossem felizes, trabalhando e vivendo como camponeses.

Ao fazer a confissão do seu amor a jovem procurava ler nos olhos de Lançarote o efeito das suas palavras. Mas aí que Lançarote os desviava



de acorrer sem demora em auxílio do perseguido. Uma hora de espera podia ser a morte.

Em bicos dos pés e depois de reunir numa trouxa a bagagem indispensável, a jovem dirigiu-se aos baixos do castelo, chamou um dos seus mais fiéis servidores, pediu que lhe selasse «Joia», a sua égua preferida e logo partiu. O criado acompanhou-a. Passaram montes e florestas e vales; atravessaram os domínios que haviam pertencido a Hendrique e agora eram de sua irmã; ouviram recontar as aventuras do Cavaleiro Lançarote — o amigo dos camponeses — e atrás deles foi engrossando a hoste dos que tudo deixavam para ir em socorro do amigo em perigo de morte. Aqui e ali ouviam notícias orientadoras e desta forma tinham acabado por encontrá-lo lá no pequeno bosque num escondido refojo dum monte.

Desde essa hora a jovem não mais deixara a cabeceira do doente. Chegara a desesperar vendo que todos os seus esforços morriam sem pro-

dela. Porque os desviava? Porque não lhe tinha amor?

— E terci de viver escondido como um criminoso? — foi a resposta dele.

Havia na sua voz um misto de raiva e desespero. Não que não amasse a doce rapariga que o arrancara à morte; não que lhe desagradasse trocar a espada pela rabicha do arado e viver humilde e feliz num cantinho qualquer da terra: o que, todavia, o mortificava até ao mais fundo de si próprio era ser tomado por traidor, por desleal. Preferia morrer. E por isso não correspondeu ao amor da companheira. Apertou-lhe a mão em silêncio, acabou por fitá-la com ternura e disse:

— Amiga: nunca serei um esposo para vós. Trago atrás de mim uma maldição e o meu destino é a morte.

Nessa noite, selou o seu cavalo e fugiu. Ia ao encontro dos seus perseguidores. Se não quisessem ouvi-lo, só lhe restava o caminho de morrer com a espada nas mãos, e não no patíbulo como um criminoso.

GIGANTES DE PORTUGAL

(Continuação da 1.ª página)

— data de 1536. Daí em diante pouco mais se sabe dele. Escreveu «autos pastoris, moralidades religiosas, narrações bíblicas, fantasias alegóricas, farsas episódicas, autos narrativos. Como todos os autênticos génios, foi um revolucionário: os seus autos estão cheios das mais extraordinárias audácias críticas.

As respostas devem estar na Redacção do «Juvenil» até ao próximo dia 8 de Janeiro, sexta-feira, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso o tenham já) e a indicação dos três artigos que mais apreciaram no suplemento desta semana.

Além dos habituais prémios haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o genial criador do teatro português.

Eis o sumário...

A vida quotidiana na Rússia no tempo do último czar:

- Cap. I — A chegada.
- Cap. II — A roda da mesa.
- Cap. III — Passeios russos.
- Cap. IV — Espectáculos e ceias.
- Cap. IV — Espectáculos e ceias.
- Cap. V — Estufas, «traktirs» e asilos nocturnos.
- Cap. VI — A igreja ortodoxa.
- Cap. VII — Os operários.
- Cap. VIII — O Exército.
- Cap. IX — As diferentes classes sociais e a máquina administrativa.
- Cap. X — A Justiça.
- Cap. XI — Os cem aspectos de Moscovo.
- Cap. XII — O czar e o seu séquito.
- Cap. XIII — Os camponeses.
- Cap. XIV — Nigny-Novgorod.
- Cap. XV — O Volga.

LIVROS DO BRASIL, LDA.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 53—Maria do Céu Bilet Alves (Coimbra): Nem calculas a alegria que sentimos com as tuas notícias. Não deixes de escrever, sempre que possas, pois tu és dos Amigos mais antigos e dos mais queridos e as notícias são-nos especialmente gratas. Como vãos os teus estudos? E o «resto»? Manda detalhadas notícias, sim? Temos muitas preocupações acerca de ti.

Amigo 1662—Olga Maria de Vasconcelos (Porto): De momento, não posso recordar-me de qual o prémio que te coube; mas como o nome era outro, não sei mesmo se o livro poderá ser o mesmo. Vamos ver o que se poderá fazer. Contudo se receberes o livro e achares que te não convém, pode devolvê-lo, claro está intacto, para que o troquemos. Bem vês que mudar de sexo... tem os seus inconvenientes!

Amigo 1793—José Fava Rica (Lisboa): podes levantar o prémio na morada habitual, a partir desta data.

Amigo 1580 — Maria Piedade Gandarez (Amora): Obrigado, amiga e espero que a tua mudança se não deva, novamente, a motivos de saúde. Como tens pensado? Gostaria de saber de ti, o mais depressa possível... se for possível... se for possível. Oxalá estejas melhor, ou mesmo boa de todo. Será a tua ausência prolongada? Não poderás vir a Lisboa, por ocasião do recital? As vezes com um pouco de boa vontade, tudo se consegue. E bem gostaríamos que os amigos mais dedicados estivessem todos presentes.

Amigo 167 -- Maria Alda Tanqueiro (Bucelas): Com certeza, nesta data, já recebeste os livros. Já os leste? Manda a tua opinião acerca deles.

Amigos novos entrados esta semana:

- 1794 — Carlos Alberto Baptista da Costa; 1795 — António José Pacheco Miranda; 1796 — Joaquim Loureiro da Silva; 1797 — Augusto Manuel Santos Dias (?); 1798 — Maria de Fátima Medeiros (Amadora); 1799 — António Carlos Moraes Nunes (Coimbra); 1800 — Henrique José Abreu Cochado; 1801 — José António Cipriano (Paderne); 1802 — Maria Olga Salgueiro Duarte; 1803 — Ana Maria Coelho de Sousa; 1804 — António Cunha de Sá; 1805 — Fernando Correia (Odivelas); 1806 — Mário Azevedo Marujo.

Saudações amigas do TROTE

A vida dos animais

Da nossa amiga e colaboradora, Maria Helena da Costa Dias, acaba de sair, em volume, excelentemente ilustrado por Tóssan, o conjunto de artigos que no «Juvenil» todas as semanas tem publicado acerca da vida dos animais. Chama-se, tal qual no nosso jornal,

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS

Dado o agrado que esta secção do «Juvenil» sempre grangeou dos nossos leitores, seria de esperar que o livro, agora publicado, obtivesse grande sucesso. Assim tem sido, facto que registamos com grande satisfação. Trata-se, efectivamente, dum livro novo entre nós — que ali o extremo cuidado pedagógico, e o rigor divulgativo a uma forma de expressão muito bela e simples.

Felicitemos a nossa colaboradora e os jovens portugueses que passam a dispor dum livro de grande nível cultural e recreativo.

Edição da Portugalia. Capa de Tóssan.

Soluções do Concurso do Juvenil

Gigantes de Portugal: FRANCISCO RODRIGUES LOBO

Qual é a coisa, qual é ela? — OS MORANGOS

PREMIOS

- 1. — Amigo 1807 — António de Sousa (Alcobaça).
- 2. — Amigo 1760 — Ismalia P. Santos (Espinho).
- 3. — Amigo Celia Matos Raposo (Barreiro).
- 4. — Amigo 53 — Maria do Céu Bilet Alves (Coimbra).
- 5. — Amigo 978 — José Francisco Borges (Lisboa).
- 6. — Amigo 509 — João Fernando Moura Pimenta (Queluz).
- 7. — Amigo 775 — Maria Teresa Romano Ventura (Lisboa).
- 8. — Amigo 1162 — Maria Margarida Leote Cavaco (Lisboa).
- 9. — Amigo 1038 — Maria Helena Sousa Cavaco (Lisboa).

VENCEDORES

- 1 a 5. — «OS CARDOS DE BARAGAN», da colec. Miniatura, de Livros do Brasil, Ld.ª.
- 6 a 9 — «SHANE», da colec. Miniatura, Livros do Brasil, Ld.ª.

Prémio especial para o melhor trabalho sobre Rodrigues Lobo:

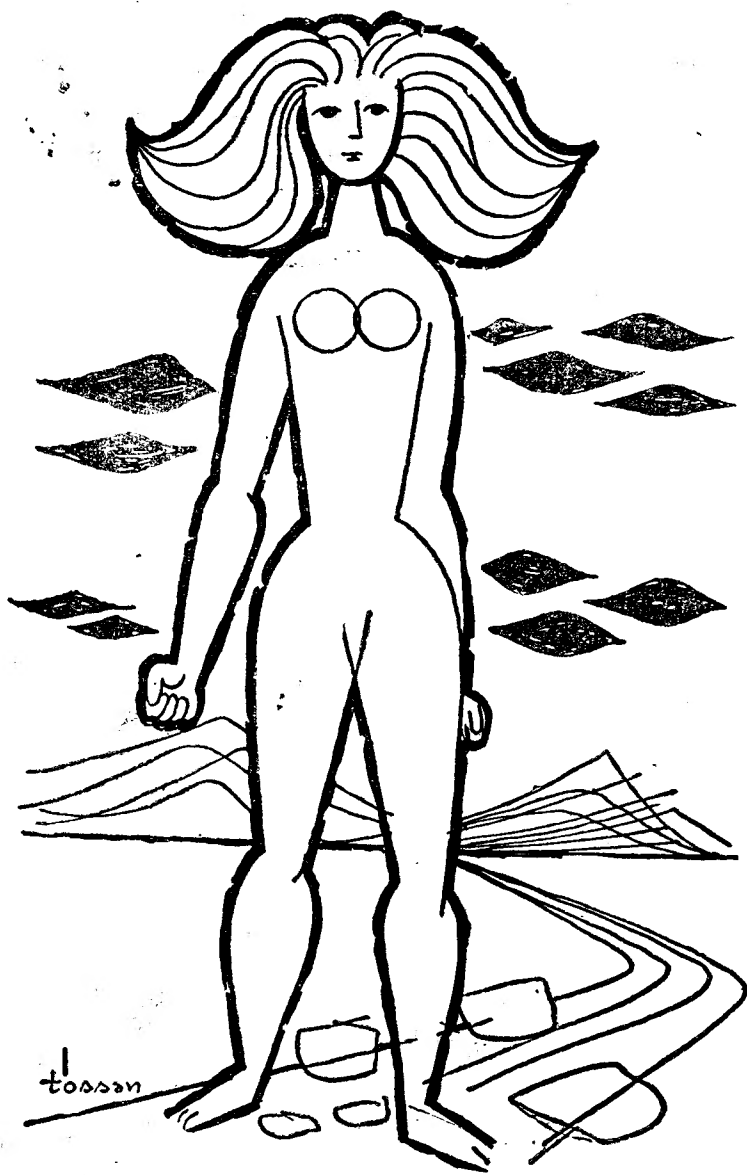
- 10. — Amigo 1802 — Maria Olga Duarte (Lisboa).
- 10. — «O DIÁRIO DE ANA FRANK» e «SHANE», ambos de Livros do Brasil, Ld.ª.

Prémio para o trabalho mais votado no numero anterior:

- 11. — Amigo 403 — José Augusto Folga da Silva (o conto «O HO-MEM»)
- 11. — «NO RASTO DE ANA FRANK» e «SHANE», ambos de livros do Brasil, Ld.ª.

ATENÇÃO: Os prémios podem ser levantados na Av. de Roma, 78-2.ª-esq.ª, todos os dias uteis, das 9 às 13 e das 15 às 18. Os da Província seguirão pelo correio.

Lembramos aos nossos Amigos premiados a necessidade de levantarem os prémios antes dos trinta dias, a fim de não perderem o direito a eles.



Incitação

por Maria de Lourdes Teresa
dos Santos Martins (17 anos)
Amigo n.º 854

Em frente!
Sempre em frente!
Parar é retroceder!
Avante!
O caminho é longo,
É difícil, ascendente!
Mas que importa
Se todo andado
É uma vida bem vivida?
Para a frente!
Não esperes!
Não descanses!
Não durmas!
Há tanto que fazer,
Tanto que aperfeiçoar,
Mesmo tanto que sofrer...
É preciso avançar
Sem tropeçar
Nas pedras do caminho!
É preciso não hesitar.
Segue sempre em frente,
E conseguirás triunfar!

Variação sobre uma manhã de Inverno

por FILIPE LEANDRO MARTINS - 14 anos

No meio-silêncio o relógio esba-
tia-me os pensamentos.

Manhã. Nevoeiro cinzento e frio.
Caras lavadas. Janelas abertas pa-
ra qualquer coisa que não fosse on-
tem que não fosse o mesmo.

O Manuel Silva encostou-se ao
parapeito com o pucaro do café na
mão. Ficou-se a respirar a humida-

de e apertou as mãos com o pu-
caro do café quente. Depois voltou
para dentro.

Sentei-me num banco. Devia es-
tar pálido. Tinha sonhado toda a
noite. Estava calmo. Calmo e mais
qualquer coisa.

A manhã devia trazer-me não só
clareza. Sentia que não, era só
manhã. Era nascimento, começo,
água não formada ainda. Era va-
por.

Principalmente, sentia isso nas
caras lavadas, nos cabelos humi-

dos, na satisfação do Silva. Sentia
isso em tudo o que era fresco e co-
meçava de novo. Outra vez.

Não pensei que isso fosse rotina.
Era apenas manhã. A minha ma-
nhã.

Eu tinha enterrado todos os
muros de lamentações a que cos-
tumava encostar-me.

Tinha em mim a alegria daque-

les que pensam o sonho com pés
assentes na terra.

Já na rua o Silva despedia-se da
mulher. Casados de fresco. Sorri.
Não são novos. Uns trinta e tal. O
cabelo agrisalhado nas fontes. Mas
esperança ainda. Esperança naque-
las manhãs. No nascer do Sol. Nu-
ma rotina branca e negra. Variável.
Axadrezada.

Dentro do todo «cinema», o ci-
nema de animação constitui um ra-
mo de características particulares
bem definidas. E se não é conside-
rado uma arte autónoma é porque
na sua fase de projecção identifica-
-se com o cinema, digamos assim,
vulgar. Quer num caso quer noutro,
encontra-se uma síntese de imagens,
que se sucedem no écran num cer-
to ritmo, e de sons; ambas as coisas
gravadas numa fita.

As diferenças essenciais surgem
na fase criadora. O autor de um
filme de animação prescinde, ou
pode fazê-lo, do mundo limitado do
homem, criando um novo universo
em que o espaço e o tempo evoluem
à sua vontade. De facto os aconteci-
mentos que se desenrolam no écran
são produto da imaginação do ani-
mador e não foram simplesmente
«filmados». Isto é, no cinema vulgar
os factos passam-se no estúdio mais
ou menos como nós os vemos no
écran, mas no cinema de animação
é ali que eles têm lugar pela pri-
meira vez.

Como toda a manifestação de arte
o cinema de animação deve evitar o
convencionalismo gráfico dos perso-
nagens e a comercialização causada
em parte da pobreza de expres-
são e da comichidade fértil procuran-

do sempre valores estéticos e cultu-
rais mais elevados.

Tentaremos dar ao amigo leitor
uma ideia do evolucionar do cine-
ma de animação, que embora esque-

mática e deficiente o levará a aten-
tar melhor neste campo da arte ci-
nematográfica, em que o artista
apenas limitado pela sua própria
imaginação, realiza uma criação in-
tegral.

AMIGO N.º 1731

O que pensam os jovens do nosso País

(Continuação da 1.ª página)

vê quão reaccionária é esta doutri-
na, animada por um espírito anti-
social, e que conduz facilmente á
imoralidade.

Outra influência da grande guer-
ra de 39-45 foi o surto de romances
sombrios e pessimistas, descrentes
no futuro da Humanidade. E' o
caso, por exemplo, do «1984» de
Orwell, e de alguns escritores ale-
mães, como Kaufmann. E, se bem
que compreendamos o espírito dos
autores integrado na época, vemos
hoje o mediocre valor ideológico
deles.

Mas repare-se que tudo isto per-
tence á geração dos nossos pais, e
eu tenho a certeza de que a actual,
e as vindouras, virão imbuídas de
um espírito desmpeoitrado e cren-
tes nas possibilidades do Homem,
porque sem se ter confiança nele,
não poderia haver Progresso. A
prova mais evidente disto, de que
o Mundo não está tão mau como
muitos o pintam, não será o lança-
mento de foguetões no espaço side-
ral, que denota a ansia de conhe-
cer o infinito? Poder-me-ão obstar,
dizendo que a técnica não significa
progresso no campo moral. Mas não
será um meio poderoso para isso?
Tenho para mim que sim, pois não
pode haver uma moral elevada en-
quanto o homem viver miseravel-
mente e só a técnica o poderá li-
bertar desse estado de submissão.

Agora, há várias observações que
quero fazer ao Vitor Ricardo.

Não foste justo ao afirmar que
os adultos, no seu tempo de jovens,
«tinham uma rede de preconceitos
e de medo do novo». Não devemos
ser egoístas, julgando que tudo se
deve a nós, quando afinal isso não
acontece. Podes afirmar que o ci-
nema é uma invenção da nossa
época; mas acaso compreendê-lo-ias
sem os esforços dos Lumière, e até
de outros mais anteriores? Bem vês
que outros existiram também sem

medo do novo, e que procuraram e
trabalharam para o aparecimento
desse novo.

Outra tua afirmação que me dei-
xou em duvida, foi dever-se ao
«sentido materialista... o vazio que
existe na nossa juventude». Se en-
tendes por materialismo o pensar
no comer bem e beber melhor,
assim como ganhar dinheiro sem
olhar a meios, estou de acordo con-
tigo. Mas materialismo, que é de
facto um termo equivoco, não é
só isso. Estou certo de que medita-
rás nisto.

Outro ponto em que não estou
em total acordo é o de dizeres que
os adultos «talvez tenham razão»
ao afirmar «que as novas gerações
não são construtivas». Não têm, de
modo algum, razão! Se existem al-
guns jovens para os quais a vida
consiste só em fazer «flirts», andar
de automóvel a 140, etc., a maio-
ria da juventude é generosa, ardente
e resolvida a tornar o Mundo
melhor. Os adultos que tal dizem
inferem da parte para o todo, fa-
zem-no por um sofisma de enume-
ração imperfeita. E, como sabes,
isso não é válido.

E pronto, amigo. Quanto ao res-
to estou inteiramente de acordo
contigo. Um abraço.

(AMIGO N.º 362)

*

E agora os habituais comentários
de um dos directores do «Juvenil».

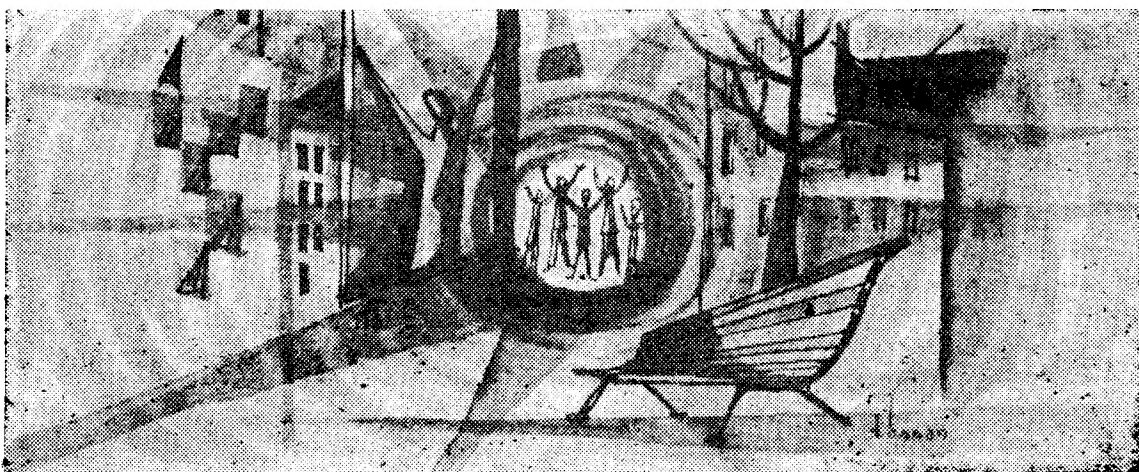
Antes de mais, o Moura Pimenta
merece as mais vivas felicitações:
o seu depoimento é lucido, justo e
revela notável consciência dos pro-
blemas do mundo contemporaneo.
Comprova, além disso, uma cultura
que, no seu começo, se estrutura já
em bases sérias, concretas, objecti-
vas. Que o nosso Amigo prossiga
neste caminho e produzirá obra
util, pela certa.

Pequenas observações poderia-
mos fazer ao seu depoimento. Por

Postas estas ressalvas, é eviden-
te que o José Augusto tem razão;
não pode existir elevado nível ético
geral (isto é para todos, para uma
sociedade) enquanto o homem vivia
miseravelmente.

*

O José Augusto Moura Pimenta
deverá ler no nosso numero an-
terior o prémio que lhe coube como
autor do melhor comentário sobre
«Os jovens de hoje», de Vitor Ri-
cardo Jorge Rodrigues.



LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

Voltou-se o feitiço contra o feiticero

Texto integral
do conto de
LUDWIG FRAZER

Olhando para o relógio, Jules McGuire murmurou: — Parte daqui a cinco minutos o comboio! — Depois, acendeu um cigarro e recostou-se no assento, a olhar, através da janela, para o cais da estação, onde se repetia o mesmo espectáculo de sempre á saída dos comboios: pessoas apressadas, com embrulhos, carregadores com malas, abraços e beijos de despedida, mãos que se apertam.

Finalmente ouviu-se o apito da locomotiva, uma forte lufada de vapor sibilou e o «expresso» iniciou a marcha, entre o resfolegar da máquina e a agitação de lençóis dos que ficavam na plataforma.

Foi, precisamente, quando Jules McGuire reparou numa senhora, nova e bonita, que, na plataforma agitava um lenço, como a despedir-se de alguém que seguia viagem.

(Jules McGuire gozava entre as pessoas das suas relações da fama de grande trocista, o que, se, em dada ocasião, lhe agradara e até o encheria de orgulho, acabara por aborrecê-lo. E havia razão para isso. Nas reuniões em que tomava parte, as suas piadas eram aguardadas como numero obrigado do programa; festejavam-nas antecipadamente, solicitavam-lhas, se assim pode dizer-se, de forma que ele se via obrigado a inventar toda a espécie de patranhas, sempre renovadas, para não desmerecer do conceito em que o tinham e da estima dos seus amigos e conhecidos).

Quando Jules McGuire viu a formosa mulher agitar o seu lenço, na plataforma da estação, num aceno de despedida a alguém que seguia no mesmo comboio, logo lhe ocorreu fazer disso objecto de uma das suas troças. Rápidamente relacionou os olhos em volta. Alguns lugares mais adiante, um cavalheiro, calvo e obeso, de óculos, sorria-se, como a responder ás saudações ou adeuses da bela dama.

— «É impossível que os cumprimentos de uma mulher tão linda se destinem a um tipo tão feio!», pensou Jules — e logo se dispôs a pôr em prática a partida que lhe ocorreria. Desceu o vidro da sua janela, lançou meio corpo para fora e principiou a acenar furiosamente para a jovem. A gritar, precipitadamente, agitou o chapéu, depois o lenço e prosseguiu naqueles disparatados gestos até o comboio se ter afastado da estação. E conservou nas pupilas a visão do pleno êxito da sua brincalhoteira: a pobre senhora, absolutamente atordoada, a contemplá-lo estupefacta, sem atinar compreender a que obedecia o inexplicável procedimento daquele homem que certamente lhe parecia doido varrido.

Agora vinha a segunda parte da sua partida. Quando voltou a sentar-se, viu, satisfeitiíssimo, que o senhor gordo se levantara do lugar que ocupava e se aproximava do seu. Tudo ocorria como se propusera. Intrigado pelo desespero da sua despedida, aquele homem vinha meter conversa com ele, naquela manifestação de solidariedade que une

os homens na desgraça, mesmo que seja a de um só.

— O homem obeso, de óculos, estendeu-lhe a cigarrilha.

— Queira desculpar, senhor, se me atrevo... Fuma?

— Muito obrigado, — respondeu o trocista, compungido, como esmagado por uma profunda dor. E pegando no cigarro que lhe ofereciam, levou-o aos lábios.

— Deve magoá-lo muito o separar-se de uma mulher tão bonita como aquela, — disse o gordo, oferecendo-lhe lume. — E' sua esposa, não?

— Não, senhor! — respondeu Jules, sem abandonar o seu tom dolorido. — Uma amiga muito querida...

— Ah! — exclamou o seu interlocutor, compreendendo o que Jules queria insinuar.

— Sim... Uma amiga que muito prezo e que, pelo seu lado, tem por mim uma verdadeira adoração...

— E costumam separar-se por muito tempo?

— Meses... anos, sei lá! — Jules representava uma das suas melhores comédias. Um unico dia separado dela é para mim como um século.

— E porque a não trouxe consigo?

— Não podia fazê-lo, senhor. A minha amiga é casada...

— Casada?

— Sim, senhor. E com uma verdadeira besta, que lhe proporciona uma vida infernal...

— E quase sempre assim! — observou o sujeito, melancolicamente.

Essas lindas mulheres casam-se quase sempre com homens que as não sabem compreender...

— O marido da minha querida amiga é um bruto sem alma, egoísta, vulgar, grosseirão...

— Vê-se que o senhor o conhece bem...

— Nunca o vi na minha vida. Sei essas coisas por ela, a pobre mártir, que mas confiou, lavada em lágrimas...

— E para lamentar, — disse o sujeito gordo. Para logo acrescentar: — Com licença... Volto já.

— Ouça ainda... — insistiu Jules. Sentia-se encantado. A sua troça alcançava um êxito superior ao imaginado. O que iriam rir seus amigos, que tanto lhe louvavam a habilidade para chasquear dos outros, quando lhes contasse a maneira como lograra aquele pobre homem!

Jules escolheu um jornal entre os que comprara, para tornar menos aborrecida a viagem, quando de novo ouviu a voz do seu interlocutor de momentos antes. Ergueu a cabeça. O sujeito sentara-se diante dele, ostentando no rosto uma estranha expressão.

— Já de volta? — perguntou, Jules, para dizer qualquer coisa, pois a atitude do outro desconcertava-o.

— Sim! Fui buscar uma coisa que tinha numa das malas.

— Ah! E o que é? — Oh, perdão! — Isto! — respondeu o homem. — Era-me preciso para continuar a nossa palestra.

E mostrou um revólver, pesado e ameaçador.

Jules sentiu que o sangue lhe fugia do rosto. Paralisava-o o medo, pondo-lhe gelo nas veias. E o caso não era para menos. O buraco sinistro do revólver enfrentava-o directamente.

— Não se mexa — prosseguiu o desconhecido, num tom cheio de ameaças —, pois, ao menor movimento, ao mais insignificante grito, mato-o como quem mata um cão!

— Mas... — balbuciou Jules, que, a custo, conseguira recuperar a fala. — Que quer dizer com isso?

— É muito simples: perceberá do que se trata quando o informar de que... sou eu o marido!

— O marido?! — exclamou Jules, sacudido por um verdadeiro horroroso assombro.

— Sim, senhor! Eu sou o marido dessa mulher, dessa sua querida amiga de quem se despediu há pouco com tão desesperadas demonstrações... Sou eu a besta vulgar e grosseira com quem ela se casou... Grande patife!

E Jules viu, apavorado, o indicador do outro curvar-se ameaçador sobre o gatilho do revólver.

— Não, não! — implorou Jules, rompendo a chorar desesperadíssimo e caíndo de joelhos aos pés do marido vingador. — Juro-lho pelo que haja de mais sagrado. Apenas quis chalicear consigo... na suposição de que as despedidas dessa senhora não eram para si... Suplico-lhe que me acredite... Era apenas uma brincadeira, uma brincadeira estúpida...

O homem parecia vacilar. Por fim decidiu-se, e de novo apontou para Jules.

— Não! Você não me engana! rugiu —. Prepare-se para morrer! Jules arrastou-se pelo soalho da carruagem e enlaçou as pernas do implacável vingador. Desfazia-se em lágrimas e tremia dos pés á cabeça.

— É mentira! É mentira! — balbuciava. — Juro-lhe! Nunca tinha visto sua mulher. Porque me não acredita?... Juro-lhe mais uma vez... cem vezes mais... queria apenas brincar... Era só uma peta, uma brincadeira para me rir depois com os meus amigos... com os meus amigos, que acham sempre graça ás minhas maluqueiras... Era uma nova oportunidade para fazer boa figura perante eles...

O senhor gordo contemplou-o, de testa franzida.

— Quer dizer: você é, como quem diz... um gozador profissional, não?

— Sim, senhor, sim!...

— E goza dessa fama entre os seus amigos?

— Exactamente, exactamente!

— Pois bem! — continuou o homem, cujo tom de voz se modificara estranhamente —, também eu. Através das suas lágrimas de terror, Jules fixou-o assombrado.

— O quê? O que é que disse?

— Que também eu sou um trocista profissional — respondeu o outro, á gargalhada, — e que terei agora também uma nova ocasião de os meus amigos se rirem á custa das minhas facécias.

E continuando a rir, convulsivamente, pôs-se de pé, abriu o revólver, que não passava de uma cigarrilha, tirou um cigarro, e enquanto o acendia, quase sem poder conseguí-lo por causa das gargalhadas, afastou-se para o outro extremo da carruagem...

Ajoelhado, a tremer ainda de medo e de raiva, Jules McGuire viu-o afastar-se e desatou a jar socos furiosos na almofada do assento.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO	
PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«GANDA» 16 de Janeiro	Com escala por Leixões, para: Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«LUANDA» 22 de Janeiro	Com escala por Leixões, para: Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.
«LOBITO» 5 de Fevereiro	Com escala por Leixões, para: S. Tomé (se necessário), Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (se necessário). Carrega em Lisboa até 3 de Fevereiro.
«UIGE» 6 de Fevereiro	Com escala prévia por Leixões: para: S. Tomé, Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 28 a 31 de Janeiro.
«VERA CRUZ» 13 de Fevereiro	Para: Luanda e Lobito. Carrega até 11 de Fevereiro.
«PATRIA» 17 de Fevereiro	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala (se necessário). Carrega em Lisboa até 14 de Fevereiro.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 14 de Janeiro (às 12 horas)	Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 7 de Janeiro 8 de Fevereiro (às 18 horas)	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Everglades (Miami).

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telef. 23342

HIPOTECAS

QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTAN-
CIA
QUALQUER TEMPO
Sobre automóveis
RUICAR

RUA SANTA MARTA, 27-G. 1.
Telefone: 53884

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

Est. Valentim de Carvalho, L.da

95. Rua Nova do Almada, 99

LISBOA

contrar outro argumento para o convencer.

— Como seu marido, o senhor sabe muito bem que os cumprimentos dela não eram para mim mas para si. Era o senhor quem ela saudava... E eu... sem o suspeitar, pus-me com aqueles acenos para chalicear... Mas não a conheço, juro-lhe!

Interrompeu-se, porém, ao ver a feroz expressão do outro.

— Agora é que mais me convengo de que está a mentir-me. Minha mulher não podia estar a despedir-se de mim, porque eu tomei este comboio por acaso... Além disso, ela odeia-me de tal maneira que nada se preocupa com o que eu faço... E' você que ela ama; e é por isso que vou matá-lo, seu canalha!

— Não, não! — implorou Jules, rompendo a chorar desesperadíssimo e caíndo de joelhos aos pés do marido vingador. — Juro-lho pelo que haja de mais sagrado. Apenas quis chalicear consigo... na suposição de que as despedidas dessa senhora não eram para si... Suplico-lhe que me acredite... Era apenas uma brincadeira, uma brincadeira estúpida...

O homem parecia vacilar. Por fim decidiu-se, e de novo apontou para Jules.

— Não! Você não me engana! rugiu —. Prepare-se para morrer! Jules arrastou-se pelo soalho da carruagem e enlaçou as pernas do implacável vingador. Desfazia-se em lágrimas e tremia dos pés á cabeça.

— É mentira! É mentira! — balbuciava. — Juro-lhe! Nunca tinha visto sua mulher. Porque me não acredita?... Juro-lhe mais uma vez... cem vezes mais... queria apenas brincar... Era só uma peta, uma brincadeira para me rir depois com os meus amigos... com os meus amigos, que acham sempre graça ás minhas maluqueiras... Era uma nova oportunidade para fazer boa figura perante eles...

O senhor gordo contemplou-o, de testa franzida.

— Quer dizer: você é, como quem diz... um gozador profissional, não?

— Sim, senhor, sim!...

— E goza dessa fama entre os seus amigos?

— Exactamente, exactamente!

— Pois bem! — continuou o homem, cujo tom de voz se modificara estranhamente —, também eu. Através das suas lágrimas de terror, Jules fixou-o assombrado.

— O quê? O que é que disse?

— Que também eu sou um trocista profissional — respondeu o outro, á gargalhada, — e que terei agora também uma nova ocasião de os meus amigos se rirem á custa das minhas facécias.

E continuando a rir, convulsivamente, pôs-se de pé, abriu o revólver, que não passava de uma cigarrilha, tirou um cigarro, e enquanto o acendia, quase sem poder conseguí-lo por causa das gargalhadas, afastou-se para o outro extremo da carruagem...

Ajoelhado, a tremer ainda de medo e de raiva, Jules McGuire viu-o afastar-se e desatou a jar socos furiosos na almofada do assento.

Policlínica do Intendente

AV. ALM. REIS, 27, 2.º — T. 45587

Dr. Abel Alves—Ouv. nariz e garganta 14 h.

Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.

Dr. Armando Valle—Anál. clin. e vacinas, 11 h.

Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.

Dr. Bernard Guedes—Raios X, 16 h.

Dr. Camará Leme—Boca e dentes, 10 às 13 e 17 às 19 h.

Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.º, 4.º e 6.º), 16 h.

Dr. Formigal Luzes—Ag. Físicos, 15 h.

Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 14 h.

Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.

Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífilis (2.º, 4.º e 6.º), 14 h.

Dr. Mário Rosa—Cl. méd. est. e intest. 15 h.

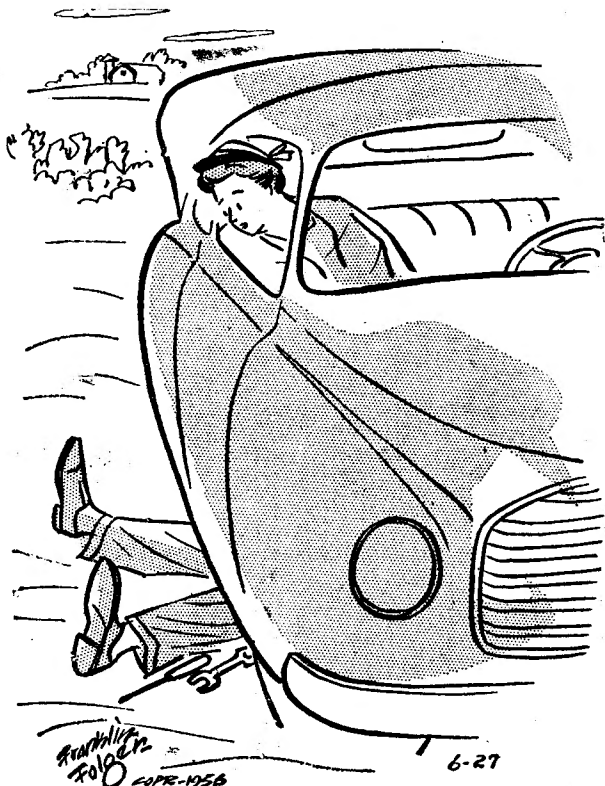
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.

Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras (3.º, 5.º e sáb.), 15 h.

Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 horas.

O RISO DA SEMANA

O CUIDADO DELA...



— Oh filho! Olha que precisas engraxar os sapatos!

A grande viagem

A vida é uma viagem de comboio, em que a receita do médico tanto pode ser o bilhete de volta à vida, como o passaporte para o outro mundo.

Só não há bilhetes de ida e volta, nem passageiros clandestinos. Todavia são muito frequentes os descarrilamentos.

A operação

O velho estava muito doente, gravemente doente, mas não queria ser operado e os médicos, um pouco confusos com os sintomas encontrados, mas reconhecendo a necessidade duma operação, insistiram e convenceram-no.

Levado para o hospital a primeira coisa que os enfermeiros fizeram foi dar-lhe um banho quente, muito demorado e com muito sabão.

Cá fora a família ansiosa esperava.

A saída da casa de banho, exclamou ele radiante para a família:

— Vocês tinham razão; a operação não doeu nada.

Os arqueólogos descobriram que as primeiras cartas foram escritas pelo homem primitivo em pedra bruta.

Felizmente que, nesse tempo ainda não se tinha inventado o correio, senão uma pessoa arruinava-se em estampilhas e os correios morriam todos de esfacelamento.

Pergunta inocente

Agora que os automóveis descem mas não sobem o Chiado e que no Rossio há uma bicha de carros que nunca mais acaba e que na Avenida a bicha é de carros, de eléctricos, e de passageiros para o Metropolitano, como é que um sujeito que mora na Estrela e não sabe nada de aviação há-de voltar para casa?

ANO NOVO

Vai acabar o ano para dar lugar a outro absolutamente igual a ele — só com a pequena diferença de ter mais um dia, para que seja bissexto — o que já vem sucedendo há milhõs de anos sem necessidade nenhuma, num constante sistema de alcatruzes, uns que vão, outros que vêm, sem qualquer finalidade aparente ou real. Muda-se de ano por mudança.

E' a monotonia do tempo para a qual se inventou uma palavra que nada significa — Eternidade — que ninguém sabe o que é de verdade, tendida em berços, constituiria que nunca ninguém viu nem verá, porque a Eternidade só existe na noite dos tempos e á noite ninguém vê nada, como é óbvio e sabido desde a mais remota antiguidade.

Dizem que os anos passam, mas o pior é que nós ficamos com eles e com esta terrível agravante: é que ficamos um ano mais velhos, ao passo que o ano que vem — que é inegavelmente mais um ano — é sempre o ano novo.

O tempo, com mais um ano, é um ano novo. Qualquer pobre mortal com mais um ano é um homem mais velho um ano.

Se não fosse esta despótica, disparatada e incongruente invenção dos anos, o tempo seria uma coisa encantadora e nós nunca passaríamos da primeira, da primeiríssima infância, nem chegaríamos a fazer anos.

Algém pensou já por ventura nos encantos de uma inesfável vida assim? Que adorável Nirvana! Que celestial paraíso!

O tempo a passar, o tempo a correr sem a medida dos anos e nós sempre na mesma, sempre sem ter um ano, sempre crianças de berço, sempre crianças de colo, sempre na ama, sempre crianças de mama!

Quem inventou os anos, quem inventou essas malditas folhinhas, que são, digamos, os contadores do tempo, deu cabo da vida á gente. Anátema e maldição eterna ao «Borá de água»! Tirou-nos a mama, tirou-nos a chucha, tirou-nos a cantiga de adormecer e o embalo do berço entre folhos e rendas, para nos deixar apenas os solavandos.

Problema de sábado

Sabido que de Lisboa a Cascais são trinta quilómetros, pergunta-se: Onde se deve colocar a ambulância?

Porque iremia a terra

Quando na mais remota antiguidade os terramotos se seguiam com uma frequência terrível, era só porque a pobre terra já sabia que havia de haver uma civilização que daria cabo de ela.

E ainda eles não tinham sonhado com foguetões, nem bombas atómicas, nem bombas de hidrogénio, nem automóveis, nem rádio, nem barragens. (Vide Fréjus).

Aos homens de boa vontade

Homens de boa vontade Já que tendes esse nome Fazei com que a Humanidade Por mor da vossa bondade Nunca saiba o que é a fome!

Homens de boa vontade, Se ainda os há sobre a Terra, Tão inçada de maldade Isental a mocidade Das agruras duma guerra!

Homens de boa vontade Que sentis os Evangelhos, Com a vossa autoridade Evitai a mortandade Dos rapazes e dos velhos.

Homens de boa vontade E sentimentos cristãos Lembrai-vos que a Humanidade E' uma comunidade Em que todos são irmãos,

Cada um em seu papel. Pra atingir o mesmo fim. Que todos sejam Abel E não haja um mais cruel Que queira armar em Caim.

Mas não se esqueça ninguém Que nesta nossa cidade Ainda se encontra alguém Que apesar de comer bem Inda tem boa vontade.

A. F.

TOMOU O VENTO PELA BOMBA...



...e ia-se acabando o Mundo

Um problema

Toda a gente gosta de ter a água canalizada em casa excepto quando tem meninos pequenos.

E agora surge um problema: dispensar os meninos ou dispensar a água corrente?

Cantinho sentimental

(Com licença dos modernistas)

A água é como a esperança Que a tudo se sujeita... Onde quer que se deita Lá fica humildemente acomodada, Seja a concha da mão duma criança, Ou a taça lendária da balada.

ALFREDO FRANÇA

Augusto Gil

Água ao seu moinho



— Está bem, ganhas-te! Vamos passar as férias na montanha!

Uma grande ideia

Nos novos regulamentos do futebol vai aparecer a determinação bem expressa de que será proibida a entrada de chapéus de chuva nos estádios.

Quem vai á bola e é mesmo doente dela (doente da bola não é ser maluco, entendamos) quer é ver golos e não golos de chuva a cair das varetas.

Os golos ficam para depois da vitória do nosso clube, no bar do estádio, á saúde dos vencedores.

Abaixo o guarda-chuva!